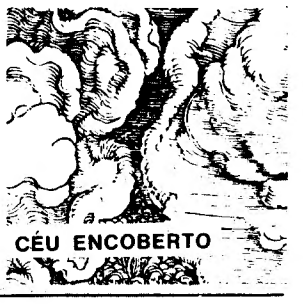
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 3 DE MARÇO DE 1972 - N.º 17670 - ANO 51.º - PREÇO 1$50



PRIMEIRA SONDA A SAIR DO SISTEMA SOLAR

"PIONEIRO" A CAMINHO DE JÚPITER

Leva mensagm para outros seres

CABO KENNEDY, 3 (R/«DL») **A primeira nave espacial construída pelo homem e destinada a sair do sistema solar partiu hoje em direcção ao planeta Júpiter, que será a primeira etapa da sua viagem para o infinito.**

O lançamento, que tinha sido adiado por várias vezes desde domingo devido ao mau tempo, decorreu sem problemas e a sonda Pioneiro-10 seguiu o seu caminho, levando consigo uma mensagem destinada a ser decifrada por habitantes de outro sistema solar, com informações sobre a existência de homens na Terra.

Hoje, a nave está a dirigir-se para Júpiter, o maior e um dos mais misteriosos planetas do nosso sistema solar, a uma velocidade de 50 000 quilómetros por hora. Mas não deverá atingir as vizinhanças de Júpiter antes de dois anos, tal é a fabulosa distância que separa a Terra daquele planeta 1300 vezes maior do que a Terra e rodeado por 12 satélites naturais ou luas.

DOIS MILHÕES DE CONTOS

O Pioneiro-10, que custou 68 milhões de dólares (1 836 000 contos) captará imagens de Júpiter que transmitirá para a

Continua na pág. 14

HOJE 32 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

O dr. McBride fazendo a sua denúncia (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»

Nova droga faz bébés nascerem sem braços

SYDNEY, 3 — (ANI/«DL») — A imipramine, droga que se vende pràticamente em todo o mundo sob várias designações, quando tomada por mulheres grávidas na primeira fase da gestação, pode fazer com que a criança nasça sem braços - declarou o dr. William McBride, o ginecologista que em 1960 revelou os horrores da taliodomida. Especificou haver já três casos confirmados em Sydney e disse ter alertado as autoridades sanitárias mundiais para o perigo que a droga oferece. O medicamento é destinado a combater a depressão, a fadiga, a insónia e as dores de cabeça e os fabricantes avisam que não deve ser ingerido durante a gravidez, mas a recomendação não é eficaz, porque uma mulher pode estar grávida sem o saber.

UM BRANCO PAGOU A FIANÇA

Angela Davis encontrou-se ontem, durante uma conferência de Imprensa, com a família de Roger McAfee, um lavrador do Estado da Califórnia. McAfee (à esquerda) e os filhos sorriem com Angela. Motivo do encontro: foi o lavrador branco quem pagou a fiança necessária para a libertação da militante negra. (Telefoto UPI - Telimprensa)/«DL»)

Carlos Mendes nos "10 mais"

Amanhã e todos os sábados, o «DL»/Show» cresce, transforma-se num movimentado suplemento de 12 páginas, crítica, noticiário e reportagens de espectáculos, além da pesquisa semanal sobre os «Dez Mais» do disco em Portugal, entre os quais está Carlos Mendes com «A Festa da Vida». Não percam.

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Hoje é o dia

Publicamos hoje, pela primeira vez à sexta-feira, o «Suplemento Literário». Assim continuaremos. Nem todos os números têm igual nível de qualidade. Todos têm, porém, iguais propósitos. O de hoje não foge à regra. A par de textos de «informação cultural» (como a entendemos: isto é, «crítica»), pode o leitor tomar opinião sobre algumas propostas de nítido recorte «polémico». Colaboram Carlos Porto, José Vaz Pereira, Rocha de Sousa, José-Augusto França, Jorge Constante Pereira, José Alberto Gil e, na secção «Literogramas», Manuel Maria Carrilho, Fernando Correia Marques, Júlio Moreira, Eduardo Guerra Carneiro e Nelson de Matos. Oito páginas a ler. Com atenção crítica.

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo nos seguintes Sectores e Zonas:

3.º Sector **Concelho de Lisboa:** Rua de Campolide de 278 a 372 e de 293 a 397. (das 8 ás 12).

3.º Sector Rua Arco Carvalhão de 1-B a 75 e de 4 a 40-B. (Das 8 ás 12).

4.º Sector Rua Castilho de 29 a 67-D. (Das 8 ás 12 horas)

4.º Sector Av.ª Columbano Bordalo Pinheiro de 66 a 74 e de 80 a 94, Rua Basílio Teles de 22 a 24 e de 31 a 33-A. (Das 8 ás 12).

6.º Sector Rua do Salitre de 20 a 52, Trav. Horta da Cera 8 ás 12).

8.º Sector Rua Veloso Salgado de 2 a 12 e imediações, Rua Carlos Reis de 2 a 12 e de 9 a 19. (Das 8 ás 12 horas).

8.º Sector Av.ª Est. Unidos da América de 110 a 114-C e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

8.º Sector Av.ª Casal Ribeiro de 38 a 56. (Das 8 ás 12 horas).

10.º Sector Az.ª Torre do Fato ao Paço do Lumiar. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector Rua Conselheiro Ferreira do Amaral e imediações. (Das 8 ás 12).

1.ª Zona **Concelho de Oeiras: Carnaxide:** Bairro da Solátia e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

2.ª Zona **Oeiras:** Bairro das Casas Económicas da Medrosa, Rua D. Filipa de Lencastre, Rua Infante Santo, Av.ª D. João I e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

3.ª Zona **Concelho de Sintra: Sintra:** Parte da Av.ª Heliodoro Salgado, parte da Av.ª da Aviação, Portuguesa, Boialvo e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

4.ª Zona **Algueirão:** Rua Júlio Diniz, Rua Almeida Garrett, Praceta Visconde de Assêca e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

5.ª Zona **Casais de Mem Martins:** Av.ª da Bela Vista, Rua Nuno Gonçalves, Rua João XXIII e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

7.ª Zona **Cacém:** Rua Afonso de Albuquerque, Rua Pedro Álvares Cabral, Rua Vasco da Gama, Bairro da Estação e imediações. (Das 8 ás 14 horas)

8.ª Zona **Pero Pinheiro de Baixo:** Rua do Casal dos Ossos, Trav.ª do Casal dos Ossos, Av.ª Manuel Simões Carrasqueira, Beco das Eiras, Rua do Bairro, Av.ª Torcato Pardal, Monteiro, L.º Basílio Pardal Monteiro, Rua da Carrasqueira, Carrasqueira e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

9.ª Zona **Concelho de Cascais:** Sassoeiros (todo). (Das 8 ás 14 horas).

10.ª Zona **Parede:** Bairro do Junqueiro. (Das 9 ás 12 horas).

11.ª Zona **Alcabideche:** Largo de Alcabideche, Rua de Cascais parte Norte, Est.ª para o Cabreiro, Est.ª para o Pisão, Est.ª para Atrozela, Rua das Pimenteiras, Rua Francisco Roquete e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

12.ª Zona **Concelho de Mafra: Mafra:** Rua Dr. Mário Madeira, Rua Serpa Pinto e imediações. (Das 8 ás 15 horas)

13.ª Zona **Concelho de Vila Franca: Alhandra:** Alto do Castelo e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

14.ª Zona **Alhandra:** Quinta St.º António, Est.ª Nac. 10, Est.ª Subserra, A dos Loucos, Arruda, Sítio da Hortinha. (Das 8 ás 14 horas).

15.ª Zona **Alverca:** Alto da Cumeira, Choupal, Quinta da Omnia, Brejo e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

16.ª Zona **Concelho de Alenquer:** Toda a vila de Ota. (Das 8 ás 14 horas).

Conheça a Madeira

AGORA MAIS BARATO
2 6 9 0 $ 0 0
Excursões com partidas garantidas
31 Maio; 9 e 21 Junho; 5, 12, 19, 26 Julho; 2, 11, 16, 23 e 30 Agosto; 6, 13, 20 Setembro; 4 Outubro
Programas e Inscrições

WAGONS - LITS // COOK

Av. da Liberdade, 103
Telefs. 36 15 21 - 3 32 39
Av. de Roma, 4-6
Telefs. 72 26 39 - 72 26 54
R. Rodrigo da Fonseca, 86
Telef. 68 06 32
PORTO * COIMBRA * ESTORIL * FUNCHAL * LUANDA LOURENÇO MARQUES

amor vivo
F. Tordo e Ary dos Santos

EMISSORA NACIONAL

PAGAMENTO DE TAXAS

AVISO

Devem ser pagas durante o corrente mês de Março as taxas correspondentes às licenças de rádio e de televisão anuais com números terminados em **1 (um)** e semestrais em **2 (dois)** ou **3 (três).**

Este pagamento pode ser efectuado, até às 18 horas, em qualquer estação dos Correios do continente ou ilhas adjacentes, na Tesouraria da Emissora Nacional — Rua Castilho, 30-A, em Lisboa, ou nos Emissores Regionais, às horas normais de expediente.

Também até final deste mês podem ainda ser pagas na Emissora Nacional as taxas das licenças anuais com numeração terminada em 0, ou semestrais com numeração terminada em 0 ou 1, acrescidas de 25%. Decorrido este prazo, segue-se a cobrança através dos juízos fiscais.

Os vales de correio destinados ao pagamento de taxas, devem mencionar o número da licença, sem o que não poderão ser recebidos.

SINDICATO NACIONAL DOS ELECTRICISTAS DO DISTRITO DE LISBOA

AV. ALMIRANTE REIS, N.º 74 - G - 4.º — TELEFONE 82 33 61
LISBOA - 1

CONVOCAÇÃO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do n.º 1 do Artigo 21.º dos Estatutos e para os efeitos previstos no § único do seu artigo 18.º, convoco a Assembleia Geral deste Sindicato Nacional para reunir, em sessão ordinária, no próximo dia 15 de Março, pelas 20 horas, no Salão de Festas da Sociedade de Instrução e Beneficência «A VOZ DO OPERÁRIO», na Rua da Voz do Operário, n.º 13, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

a) Apreciação e votação do Relatório da Direcção e das Contas, referentes à gerência de 1971 e respectivo Parecer do Conselho Fiscal;
b) Apreciação e votação do Orçamento Ordinário para o ano de 1972.

Se à hora marcada não estiver presente a maioria dos sócios no pleno gozo dos seus direitos, a Assembleia reunirá, nos termos do Artigo 17.º dos Estatutos, uma hora depois, com qualquer número.

Lisboa, 29 de Fevereiro de 1972.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
a) *Manuel da Silva Araújo*

ATENÇÃO: Solicita-se a todos os associados que compareçam a esta Assembleia de se fazerem acompanhar da respectiva Carteira Profissional ou Cartão de Associado para a sua indispensável identificação.

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.

JOGO DO GALO CONCURSO

O X
O X O
X

SESSÃO nº 3

NOME _____

MORADA _____

IDADE _____ TELEF. _____

CORTAR

COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO

CONCURSO - JOGO DO GALO -
APARTADOS 3011 ou 3088
LISBOA

CELESTINO DA COSTA FALOU DE REYNALDO DOS SANTOS

DL de ONTEM para HOJE

Na Academia das Ciências, o prof. Celestino da Costa apresentou uma comunicação intitulada «Reynaldo dos Santos — Depoimento de um discípulo». Depois de analizar, a partir da influência directa que recebeu, a personalidade de Reynaldo dos Santos nas suas raízes, influências, evolução e ecologia e como chefe de escola, o prof. Celestino da Costa definiu a tese de uma perfeita unidade espiritual, sublinhando as inter-relações da invertigação clínica e artística do tempo do cientista. Finalmente, referiu-se à posição europeia de Reynaldo dos Santos e às características da sua obra de sentido universal, mas de radicação portuguesa. Em termos elogiosos, a conferência foi comentada pelos srs. prof. Almeida Lima, general Câmara Pina, prof. Cid dos Santos e prof. Amorim Ferreira.

ORGANIZAÇÃO JUDICIÁRIA

O prof. Adelino da Palma Carlos falou, na sede da Ordem dos Advogados, sobre problemas da organização judiciária, assunto que está a ser debatido na Assembleia Nacional. O orador criticou a forma de recrutamento de parte dos juízes do Supremo Tribunal de Justiça por escolha ministerial e considerou indefensável o regime estabelecido no Estatuto Judiciário, que permite que juízes a quem tenha sido dada nota inferior a **regular** continuem ao serviço, sendo simplesmente transferidos para outra comarca.

Preconizou a supressão dos tribunais municipais e aplaudiu a proposta do deputado Sá Carneiro no sentido de serem suprimidos os tribunais plenários criminais e disse ser incomprreensível que a proposta governamental só institua os juízos de instrução para os factos instruidos pela Polícia Judiciária.

O dr. Moreira Baptista condecora Cláudio de Mello e Sousa.

CONDECORAÇÃO

O sr. Cláudio de Mello e Sousa, que terminou a sua missão como director para Portugal da revista «Manchete», por ter sido transferido para Paris, recebeu do dr. Moreira Baptista a insígnia da comenda da Ordem do Infante D. Henrique, com que o Chefe do Estado o agraciou.

HOMENAGEM

Significativa homenagem póstuma foi prestada, em Vila Franca de Xira, ao dr. Vidal Baptista, a propósito da passagem da data do seu aniversário natalício. Além de uma romagem ao jazigo onde os seus restos repousam no cemitério local, houve uma sessão na Biblioteca-Museu Municipal, que passa a ter o nome do ilustre vila-franquense.

BANCO DO HOSPITAL

O prof. Eduardo Girão do Amaral tomou posse do cargo de director do banco do Hospital de Santa Maria. A posse foi-lhe conferida pelo director do estabelecimento, prof. Aires de Sousa.

INDÚSTRIA GRÁFICA

Industriais gráficos do distrito de Lisboa tiveram uma reunião, presidida pelo dr. Carlos Mendes Leal, no Sociedade de Investigação Aplicada ao Serviço da Empresa. O presidente fez uma análise da situação da nossa indústria gráfica em presença da possível evolução da conjuntura económica portuguesa.

PRÉDIO AVIZ

Vendo escritório. Urgente. Pela melhor oferta.
Telef. 4 11 12

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«INF. D. HENRIQUE» a sair em 11 de Março às 15 horas	Com escala por Las Palmas para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 8 a 10/3.
«PÁTRIA» a sair em 22 de Março às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e MOÇAMBIQUE (*) e NACALA. Carrega em Lisboa de 14 a 20/3.
«MALANGE» a sair em 29 de Março	Vindo do Norte da Europa com escala por Leixões para: LUANDA (*), LOBITO (*), MOÇAMEDES (*), CIDADE DO CABO, PORT ELIZABETH, EAST LONDON (*), DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE (*), NACALA e PORTO AMÉLIA (*). Carrega em Lisboa de 26 a 28/3.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 10 de Março às 18 horas e em 10 de Abril às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).
	Com escala por Vigo e Funchal para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), LA GUAIRA e CURAÇAU.

(*) SE NECESSÁRIO.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — R. de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8 * PORTO — R. Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42

A ADESÃO E A PARTICIPAÇÃO

A frequência com que as altas entidades oficiais, quando pùblicamente têm de falar das questões da sua competência e responsabilidade, aludem agora à necessidae de adesão e participação das populações (sem o que nenhum trabalho realmente proveitoso poderá ser levado a cabo), leva-nos a pensar que, em outros tempos, o interesse da população não só não era solicitado, como infelizmente se encarava com desconfiança e algum temor, como se a movimentação de pessoas constituísse, por si só, uma ameaça às instituições... Não é a primeira vez que abordamos este assunto, quanto a nós crucial, mas a repetição dos apelos justifica que a ele voltemos.

Coube agora a vez ao sr: ministro de Estado, no discurso que fez por ocasião da cerimónia de posse do novo presidente da Comissão de Planeamento da Região Norte. Aludindo às comissões de planeamento, declarou o sr. dr. Mota de Campos: «Surgem como organizadores polarizadores da inteligência das energias e das esclarecidas vontades da região; como elo forte entre uma vontade de progresso, lúcida e disciplinadamente expressa, e um Governo que entende não poder dispensar a participação efectiva e a adesão íntima das populações nos seus esforços de desenvolvimento da comunidade nacional.» Como se vê, o acento tónico incide na indispensabilidade da participação e da adesão das populações... Esta condição é tão por de mais evidente que causa alguma surpresa o súbito reconhecimento de um dado afinal permanente.

Involuntàriamente, talvez a resposta tenha sido dada, na mesma ocasião, pelo empossado, quando, a certa altura do seu discurso, declarou: «O País tem sentido dificuldade em encontrar convicções de base.» Não está nos nossos propósitos isolar esta frase do seu contexto e tirar dela as ilações convenientes às nossas teses, mas aquelas palavras, tomadas no seu significado absoluto e ampliadas ao complexo nacional, talvez expliquem por que motivo tão assìduamente se convocam as energias da população lentas em despertar. Quando se reconhece que «o País tem tido dificuldade em encontrar convicções de base», sentimo-nos autorizados a presumir que essa ausência de convicções de base resultará de não serem elas elaboradas numa prática política de todos os dias e de toda a população em idade de pensar.

Ora, não parece que o melhor caminho para uma vida colectiva sã e realmente construtora (palavra que preferimos a «construtiva») seja a simples chamada à execução de tarefas específicas, prèviamente escolhidas. A mobilização dos técnicos e especialistas que realizarão a tarefa é que será tanto mais eficaz e produtiva quanto mais ampla for a base de interesse colectivo em que assentar, e esse interesse só poderá nascer e perdurar (que nos sejam perdoadas as repetições!) através de uma geral actuação política.

A vida portuguesa lembra, de algum modo, uma acumulação de estratos geológicos, uma sobreposição de placas de matéria e contextura diferentes. Só muito r a r a m e n t e circula através delas um movimento vivo, susceptível de transformá-las em substância plástica, no sentido fisiológico da palavra, que se refere aos tecidos, à musculatura do corpo...

A população do nosso País, isto é, nós todos, não precisará que lhe dirijam apelos quando verdadeiramente se sentir empenhada na vida da terra onde nasceu e trabalha, quando se sentir empenhada na sua própria vida.

As últimas acções

Do sr. dr. António Amaral de Figueiredo, presidente do conselho de administração da Sociedade Estoril, recebemos a seguinte carta, dirigida ao director deste jornal:

«1. Prometeu V... publicar a minha carta, no dia 28, se fosse entregue__como foi__até às 9 da manhã desse dia. Saiu no dia seguinte, sem qualquer comentário. Não teria sido difícil redigi-lo em mais de 24 horas. Só que o comentário publicado no dia seguinte, seguindo-se a um resumo redigido pelo jornal, estaria coxo para quem fizessê uma leitura imediata do texto completo da carta.

«O jornal desta tarde insere primeiro o referido resumo que ocupa, sensivelmente, metade da notícia. Não foi espaço perdido, como adiante se verá. Por definição, resumo é síntese, mas pode também ser tecido com omissões decisivas, que desvirtuem o sentido expresso no original e com o objectivo prévio de permitir um comentário preconcebido, possível e mais conveniente.

«3. Quem tiver tempo e pachorra para confrontar os três textos: carta, resumo e comentário, poderá aperceber-se se **a verdade** está do lado do «Diário de Lisboa», se do meu. A menos que se pretenda defender uma tese inspirada__mas não coincidente__na de Pirandello e que poderia ser assim enunciada: para cada um a verdade que lhe convenha...»

Toda a laboriosa rede de considerações que acabámos de transcrever assenta apenas numa suposição desastrada do sr. dr. António Amaral de Figueiredo: a de que a demora na publicação da sua carta e, depois, a falta do nosso comentário, teriam tido o maquiavélico objectivo de servir ao leitor um resumo hàbilmente preparado para retirar ao sr. dr. António Amaral de Figueiredo a razão que ele julga ter... Se quiséssemos levar esta tese às últimas consequências, teríamos de chegar à conclusão de que o sr. presidente do conselho de administração da Sociedade Estoril não conseguiria encontrar qualquer resposta para dar-nos, se tudo se tivesse passado como desejaria__e nós também. Com a carta publicada no dia 28, acompanhada do nosso comentário (que fora imediatamente escrito), o sr. dr. António de Figueiredó teria, provàvelmente, renunciado a persistir na sua verdade...

Infelizmente para a interessada suposição do sr. dr. António de Figueiredo, só por motivos de ordem estritamente técnica a publicação da sua carta teve de ser feita no dia 29, desacompanhada do nosso comentário. Acredite-o, se quiser.

De resto, para que é tudo isto? Terem-se passado as coisas como se passaram, modifica seja o que for dos factos? Descanse o sr. presidente do conselho de administração da Sociedade Estoril que os leitores já tiveram «o tempo e a pachorra para confrontar os três textos». Terão até posto de parte o nosso necessário (na circunstância) resumo, e fizeram o seu juízo: que, tal como acontece em muitas outras empresas (e não só), houve na Sociedade Estoril alguém que, usando de autoridade ilegítima, pretendeu servir-se de empregados dessa Sociedade para subscrever acções. Esta é a única verdade.

E como o sr. dr. António de Figueiredo se revela conhecedor do teatro de Pirandello, propomos-lhe um título para esta comédia: «Seis capitalistas à procura de um subscritor». Ou este outro: «Seis subscritores à mercê de um capitalista».

Cai o pano. Definitivamente.

PERSPECTIVAS

CONTRADIÇÕES DE NIXON

Por STANLEY KARNOW/ Especial para o «DL»

As concessões feitas pelo Presidente Nixon aos comunistas chineses durante a recente cimeira constituiram, mais do que uma rendição a rectificação de quase uma geração de política americana em relação a Pequim caracterizada pela falta de realismo.

Nestas condições, é lícito dizer que o Presidente e o seu conselheiro para os assuntos externos, Henry Kissinger, se viram obrigados a dar aos chineses mais do que receberam, precisamente porque a sua decisão de pôr termo a duas décadas de hostilidade para com o regime de Pequim deveria ter sido tomada há muito.

O mais curioso é que o próprio Nixon, na sua qualidade de Senador e, mais tarde, Vice-Presidente, fazia parte do grupo de conservadores que, nos anos 50, se opunha enèrgicamente a toda e qualquer reconciliação com os comunistas, considerando-a uma traição.

Deste modo, os chineses não andam longe da verdade ao afirmarem que os Estados Unidos estão actualmente a corrigir os «erros» do passado. Comentando o resultado da cimeira, um chinês disse: **«Não devemos seja o que for aos americanos, mas estes devem-nos muito. Agora, eles estão a restabelecer o equilíbrio».**

A principal concessão que Nixon fez aos comunistas foi o compromisso assumido públicamente (o que acontece pela primeira vez) de os Estados Unidos retirarem todas as forças e instalações militares americanas da Formosa, refúgio do governo nacionalista rival de Chang Kai-Chek.

O Presidente declarou igualmente que os Estados Unidos **«não se opõem»** à pretensão de Pequim segundo a qual a Formosa faz parte integrante do território chinês e existe apenas uma China.

Além disso, Nixon reafirmou que a questão da Formosa deveria ser resolvida **«pelos próprios chineses»**, o que equivale a dizer que os Estados Unidos se desligam do problema.

Nestas condições, os Estados Unidos concedem aos comunistas aquilo que estes vêm exigindo desde há anos. Por outro lado, o Presidente e Kissinger referiram-se em termos ambíguos ao compromisso norte-americano para com a Formosa.

Falando recentemente aos jornalistas, em Xangai, Kissiger afirmou que o tratado de defesa com a ilha **«será mantido»**. Todavia, esta declaração não está de acordo com a passagem do comunicado sobre a cimeira, que considera a Formosa território chinês. Na verdade, a menos que a administração tencione voltar a adoptar a ficção de que Chang Kai-Chek representa toda a China, o que na realidade não acontece, os Estados Unidos não podem manter um compromisso de defesa em relação à província de um país.

Portanto, pelo menos em princípio, o Presidente acedeu às exigências do Primeiro-Ministro Chu En-Lai, formuladas num banquete realizado no dia em que a cimeira começou em Pequim.

Em contrapartida, os chineses concordaram, se bem que de um modo um pouco vago, com as propostas de Nixon no sentido de um intercâmbio científico, desportivo, cultural e jornalístico, bem como de comércio bilateral. Concordaram também, embora mais cautelosamente do que o Presidente esperava, em receber um **«categorizado»** diplomata americano em Pequim «de tempos a tempos» para a discussão deste e outros problemas.

Embora Kissinger tivesse chamado a atenção dos jornalistas para a conveniência de não calcularem «os pontos conseguidos por cada uma das partes sobre as diversas questões», é evidente que as concessões que o Presidente fez aos chineses foram muito mais importantes do que as que os chineses consentiram em fazer-lhe.

Os chineses estavam em vantagem desde o início por uma razão de peso: tinham compreendido que a intenção de Nixon de transformar a sua viagem à China num espectáculo televisionado suscitaria nos Estados Unidos uma expectativa que teria de justificar.

Por outras palavras, calcularam e muito bem que o Presidente estaria ansioso, depois de toda a publicidade electrónica que ocasionara, por regressar a Washington com uma espécie de acordo. Nestas condições, não perderam a ocasião de o forçar a aceitar os seus próprios termos a fim de abandonar a China com esse acordo.

Em resumo, tratou-se da sua primeira experiência em diplomacia televisionada e não restam dúvidas de que se sairam extremamente bem. Primeiro com a audiência concedida por Mao Tsé-Tung, depois com o espaço reservado ao acontecimento pelos seus órgãos de informação e, por último, com a exibição do Presidente à obediente multidão de Pequim, os chineses souberam explorar magistralmente a viagem de Nixon.

Tal como outros chefes «bárbaros» que visitaram o reino central desde o alvorecer da História, parece que Nixon acabou por verificar que fora atraído para a teia chinesa mais do que tinha previsto.

Quando um Presidente fica de pé até às cinco horas da madrugada a trabalhar num comunicado, como Nixon, fez recentemente, é evidente que está a defender a sua posição.

Apesar de tudo, seria um erro considerar a cimeira uma «traição» do Presidente.

O seu compromisso de retirar as forças e as instalações americanas da Formosa, por exemplo, é apresentado com um «objectivo final». Além disso, o comunicado acrescenta que a retirada das tropas dos Estados Unidos da ilha depende da diminuição da tensão «na área» - frase muito vaga que a administração poderá interpretar como bem entender.

Entretanto, o acordo chinês em «facilitar» o intercâmbio científico, cultural, etc., é igualmente objecto de cuidadosa redacção a fim de permitir que Pequim melhore lentamente as suas relações com os Estados Unidos. O mesmo acontece em relação ao seu consentimento em receber um «categorizado» emissário diplomático americano.

Consequentemente, os factos sugerem que ambas as partes vão tactear o caminho nos próximos meses. Kissinger acentuou-o ao recomendar aos jornalistas que interpretem o comunicado «em termos da direcção em que procura apontar».

Acima de tudo, a cimeira não constituiu uma capitulação do Presidente perante os comunistas na medida em que os Estados Unidos não tinham óutra maneira de chegar a um acordo com a República Popular da China. Uma das partes tinha de ceder. Após mais de duas décadas de uma política chinesa caracterizada pela ausência de realismo, à administração não restava outra alternativa __ a menos que, tal como as anteriores, preferisse continuar o mito de que os comunistas não existiam.

Deste modo, a cimeira deve ser considerada o começo de um processo. A despeito de tudo o que se disse, este primeiro passo não foi de modo algum fácil. Mas, como Mao aconselha no seu poema, o Presidente **«não perdeu a ocasião».**

OS MESTRES DA LITERATURA POLICIAL

Mais um livro de «suspense»:

ENCONTRO COM O SR. CALLAGHAN

Peter Cheyney — 15$

À VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos contra reembolso

LIVROS DO BRASIL

Rua dos Caetanos 22 * LISBOA

ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE

Por iniciativa da Reitoria da Universidade de Coimbra e em cumprimento das disposições dos «Estatutos Velhos», foi celebrado o aniversário da fundação da Universidade, com missa por intenção do rei fundador, D. Dinis.

A missa foi celebrada, na capela da Universidade, pelo vigário capitular de Coimbra, D. Alberto Cosme do Amaral que, nos Paço das Escolas, foi recebido pelo Magnífico Reitor, sr. prof. dr. Cotelo Neiva, enquantoos sinos da torre repicavam.

À porta da capela, a guarda de honra era feita por archeiros com fardas de gala, aguardavam o prelado capelão, rev. dr. Manuel Augusto Rodrigues e seminaristas, que o acompanharam, juntamente com o reitor, à capela-mor. O reitor ficou do lado da epístola, em lugar de relevo, os professores nos cadeirais e, no transepto, as autoridades, incluindo os srs. eng.º Cunha Matos, governador civil; brigadeiro Henrique de Avellar, segundo-comandante da Região Militar; dr. Almeida Simões, procurador da República, que representava o presidente do Tribunal da Relação e outras entidades civis e militares.

O celebrante, que foi assistido pelo rev. dr. Manuel Augusto Rodrigues, proferiu ao Evangelho, uma homilia dedicada à celebração, enquanto, no coro, o Orfeão Académico, sob a direcção do maestro Joel Canhão, entoou música sacra.

Terminada a cerimónia, D. Alberto Cosme do Amaral retirou-se com o cerimonial da entrada.

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telfs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

COIMBRA

INICIAÇÃO AGRÍCOLA

Em colaboração com a Secretaria de Estado da Agricultura, está a decorrer na Quinta de Santo António um curso de iniciação agrícola para raparigas e mulheres, incluindo algumas religiosas.

O chefe do distrito, que visitou o curso e foi recebido, além de outras entidades, pelo sr. eng.º Artur Augusto da Silva Poço, delegado em Coimbra da Junta de Colonização Interna, promotora do curso, sobre o qual lhe foram prestadas largas informações.

CURSO DE HOTELARIA

Houve, num hotel da Baixa, uma reunião de componentes do Centro Nacional de Formação Turística Hoteleira, da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, entidades patronais da indústria hoteleira e representantes dos órgãos de informação. Presidiu o chefe do distrito e estiveram presentes os presidentes do Município e da Comissão de Planeamento da Região do Centro e delegado do I. N. T. P.

O sr. Cândido Fidalgo, do Centro Nacional de Formação Turística Hoteleira anunciou o começo, dentro de dias, de mais um curso itinerante de hotelaria, o segundo que decorre nesta cidade e, falando da realização dos referidos cursos e dos seus resultados, acentuou que o aproveitamento tem sido da ordem dos 80 por cento. Seguiu-se animado debate sobre turismo e indústria hoteleira e o chefe do distrito encerrou a sessão.

URBANO REEDITADO

Sucedem-se as reedições das obras de Urbano Tavares Rodrigues. Desta feita, aí temos a segunda edição (revista) de «As Máscaras Finais», o volume em que o autor reuniu sete novelas, a última das quais dá o título ao livro.

Algumas obras de ficção de Urbano Tavares Rodrigues (que é, creio, o escritor português vivo com maior número de títulos publicados) vão já na quarta edição — caso de «Nus e Suplicantes» (saída este ano) e «Os Insubmissos» (fins de 1970).

Vinte títulos de ficção, sete de viagens e crónica e quinze de ensaios e crítica constituem, se não peco por defeito, a obra até agora publicada de Urbano Tavares Rodrigues. Se nos lembrarmos que o escritor apareceu na década de 50, teremos uma ideia da sua incansável actividade como trabalhador das letras.

Urbano Tavares Rodrigues

A produção quase torrencial de Urbano Tavares Rodrigues nada tem a ver, no entanto, com falta de rigor. A sua literatura não enferma, em meu entender, daquela «pressa da escrita» que fàcilmente conduz à superficialidade.

Fernando Luso Soares, no prefácio à presente edição (que constitui, aliás, um penetrante ensaio sobre a obra de Urbano Tavares Rodrigues) refere como pontos básicos (entre outros) da literatura deste autor a «pureza narrativa, sem mescla» e a «técnica formal de natureza paraclássica».

MENINA E MOÇA

Menina e moça me levaram de casa de meu pai para longes terras. Isto é o que toda a gente conhece da obra de Bernardim Ribeiro. Mas são poucos, muito poucos mesmo, os que já leram, de fio a pavio, a «Menina e Moça», que marca a transição entre a nossa novela de cavalaria e a novela sentimental.

Publicada pela primeira vez em Ferrara, em 1554, alguns anos após a morte do seu autor, «Menina e Moça» ou «Saudades» surge agora incluída na biblioteca básica dos Livros RTP. Aconselho a sua leitura sobretudo àqueles (muitos) **literatos** que amiúde a citam sem alguma vez lhe terem posto os olhos em cima.

De Helio Costa Ferreira recebi três livros de poemas: «As Virgens», «O Rio do Teu Senhor» e «A Vaga», todos editados pelo autor, que é portuense. De «A Vaga», retiro o poema intitulado «Areia»:

Mar/Espuma / Céu/Calor / Areia/Gente / Intriga/Trovoada / Lugar-tristeza/Esperança / Amor/Realidade / Vida/Quase nada. Nada, pois claro.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

DL show

O empresário Vasco Morgado, que se encontra em Luanda, procedente do Rio de Janeiro, convidou o encenador brasileiro José Renato para dirigir algumas peças em Angola e também uma escola de teatro. Disse que no Rio adiantou as negociações para a temporada que Maria Della Costa deverá realizar em Angola e Moçambique a partir de Abril próximo.

✱

Alice Maria gravou novo disco para a etiqueta Estúdio, incluindo «Primeiro Amor», «Tem Pena de Mim Tristeza», «Bruma da Noite» e «Eu Sei Que Sou Demais».

✱

Passou a ser bissemanal o programa de TV em língua portuguesa transmitido de Montreal para todo o Canadá pelo Canal Nove da televisão local. O realizador do programa, Manuel Teixeira, anunciou que o primeiro-ministro Pierre-Elliot Trudeau aceitou o convite para participar numa das emissões do mês de Março.

✱

Com colaborações de Sophia de Mello Breyner Andresen, Jorge Silva Mello, Luis Salgado Matos, Yvette Kace Centeno, Zélia Sampaio, João Rui de Sousa, Eduarda Dionísio e Mário Vieira de Carvalho, saiu o número 4, referente a Fevereiro, do mensário «Crítica», que dedica particular atenção ao teatro, referindo-se a «O Tartufo», «Da Casa Sindical ao Forte de Sacavém», «Hoderlin», «Um Proletariado Explorador?», «O Teatro Popular, por quê?», «Não Choreis, Meus Olhos», «O Amor Desagua em Delta», «Lourenço é Nome de Jogral», «Rake's Progress» e «Guerras do Alecrim e Manjerona».

✱

A etiqueta Rapsódia vai lançar o primeiro LP de Susana.

✱

Com assistência do presidente do Município e de cerca de trezentas pessoas, efectuou-se em Montes Claros o jantar de homenagem ao dr. Sales Gomes, de quem fez o elogio, ao entregar-lhe a Medalha de Ouro do «Sector 1», o actual presidente, jornalista Leopoldo Nunes.

✱

O Grupo Cénico do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, o «Proscenium», desloca-se à Casa do Povo de Almeirim, no próximo dia 11, com «O Auto da Compadecida», de Ariano Suassuna.

✱

Acaba de ser lançado no mercado português um «single» com dois temas de Mozart tratados e interpretados por Cy Coleman e sua orquestra: «Sonara in Shoking Pint» e «Rondo in Lemon Yellow».

✱

No próximo dia 7 recomeçam as actividades do Cine-Clube de Coimbra com a projecção do filme «Vitória no Deserto». Estão abertas as inscrições para candidatos a associados do clube, na respectiva sede, às terças, quintas e sábados, das 17 às 19 horas.

Tonicha não vai, contràriamente ao que se chegou a noticiar, ao Festival do México, para o qual fora convidada por Augusto Marzagão. Tinha sido inclusive combinado que a orquestração da canção de Tonicha seria feita pelo autor dos arranjos dos discos de Inglebert Humperdink. Entretanto, a canção que a artista levaria ao certame não chegou a ser feita, porque o compositor Fernando Guerra se escusou. Segundo João Viegas disse a esta coluna, um possível atraso na remessa da canção não causava problemas a Marzagão, mas como Tonicha não está muito interessada em festivais, as coisas acabaram ficando por isso mesmo.

Alice Maria

Sob o título de «Indian Rope Man», acaba de sair novo LP de Richie Havens, editado pela «Phonogram».

✱

Mais discos: José Manuel acaba de gravar dois para a Estúdio, com acompanhamentos a cargo das orquestras de Manuel Viegas e Shegundo Galarza.

✱

Rendeu 570 contos a cobrança relativa a Janeiro da taxa de radiodifusão de Moçambique, segundo foi revelado pela direcção das Alfândegas daquela província.

PENSAR SOBRE O «PENSAMENTO»? POIS PENSEMOS.

PRIMEIRA PARTE - A televisão portuguesa viu como era urgente fazer esquecer o **«Deus lhe pague».** Urgente passar uma esponja sobre o passado, principalmente quando esse passado assenta numa noite de teatro que a R.T.P. deve, sem tardança, abolir do seu «curriculum». Pode admitir-se (e perdoar-se) que se cometam certas feias acções. Não podemos é perdoar que se recordem.

SEGUNDA PARTE - A televisão, ao contrário do que proclama muito boa gente não tem por objectivo fundamental, a distracção. A experiência diz-nos que quem se propõe distrair, propõe-se trair. Coisa a que a televisão se deve recusar. Trata-se de uma arma poderosa para ser utilizada por mãos inseguras. Trata-se de um poderoso remédio que não deve receitar-se para simples enxaquecas.

TERCEIRA PARTE - A televisão destina-se ao consumo das grandes massas pelo que o seu manejo se torna em algo de paradoxal quando o seu funcionamento não se encontra directamente orientado para o interesse das grandes massas. Como se há-de reconhecer, no entanto, que uma telivãos se encontra ou não orientada para o norte das grandes massas? E o que são as grandes massas?

As grandes massas que constituem a audiência de televisão caracterizam-se pela sua heterogeneidade, pela sua dispersão, peia ausência de uma convocação e de uma programação e ainda pela impossibilidade de agirem imediatamente sobre o acontecer de um espectáculo.

O grupo ou grupos sobre quem recai a responsabilidade de uma programação denunciam o seu comportamento em relação á audiência quando escolhem a qualidade das emoções, a raiz do comportamento, a informação de que derivam as opções.

QUARTA PARTE - Para já, e qualquer que seja o campo em que se realize a actividade de uma televisão, a atitude mínima a tomar por parte da crítica é a de se exigir que as emoções não sejam aviltadas, que a lucidez esteja na base do comportamento e que a informação, de onde derivam as opções, seja rigorosa e dada a tempo. Mesmo se admitirmos que certos extratos ancilosádos por demorada habituação á droga, exigem tratamento especial, ainda aí (diríamos: com mais razão aí) se impõe a opção da inteligência, da expressão viva, do alimento saudável.

QUINTA PARTE - A peça de Carlos Semprum baseada numa novela de Andreiev, incluída ontem na «Noite de Teatro» obrigará a audiência portuguesa a um saudável exercício de inteligência. O que, infelizmente, não se pratica naquela frequência desejada.

A meditação sobre a angústia, a penetração naquela zona de que a dureza do dia-a-dia e a luta pela sobrevivência parecem perigosamente afastar-nos, não deverá ser matéria para os filósofos encartados. A peça de Andreiev-Semprum acorda-nos para essa tarefa e para uma outra: para uma como que proposta de domínio dessa angústia sem a qual poderemos caminhar para a destruição. A angústia deverá ser simultâneamente como que o sinal de alarme e o fermento para a transformação de nós no mundo.

SEXTA PARTE - A figura de Macha personifica a ausência de inquietação. Dá-nos a outra face do humano: a capacidade de estar presente, de aceitar, de compreender a inquietação alheia levada, mesmo, aos limites da destruição que é (que pode ser) o preço da sua existência no homem. Macha é Sancho Pança de um Quixote. Será importante que não se veja, na sua figura, a presença de uma opção, aparentemente favorecida pelo halo de simpatia de que se rodeia na peça. A verdade é que o homem que conhece, que orienta a sua angústia, pode ser (é-o, seguramente) um homem tranquilo: seu pensamento é uma arma manejada por ele **contra** a sem-razão histórica, não uma arma voltada contra si próprio, não o pensamento devotado ao absurdo de destruir o pensamento, não o motor devotado á tarefa de destruir o próprio motor. Macha resolve a sua angústia numa dádiva que já não se interroga o pensamento que se volta para o real, para se fortalecer na humanização, no colectivo, pode dar-nos outra pista de «O Pensamento».

SÉTIMA PARTE - Que poderemos dizer mais? A realização de Oliveira Costa deu-nos mais uma prova da sua capacidade, quebrada apenas, de quando em quando, por deficiente valorização da visão que nos interessa, por exemplo, ver de costas uma personagem que fala? Que levará a câmara a deslocar-se sem significado aparente, quando a personagem permanece com a sua voz em campo?

Muitos pormenores, no entanto, mostravam quanto Oliveira Costa está atento ás pequenas «insignificantes» coisas: o peso do pesa-papeis é-nos dado principalmente pelo som forte que produz quando o pousam no tampo da mesa. Por outro, a destruição do cenário no reino do próprio cenário, com utilização do grande plano, foi a melhor arma do realizador: é a melhor arma do teatro de TV.

OITAVA PARTE - Sem discussão: a interpretação de Sinde Filipe domina toda a peça. A autoridade na presença, a expressão forte e clara, a subtileza com que, sem alarde, cultivou a ambiguidade - tudo isto concorre para fazer da interpretação de Sinde Filipe algo de memorável na história das noites de teatro. **«Para mim** - diz Bernardo Santareno no prefácio á edição portuguesa de «Pensamento» - **Kergentzeff terá sempre o corpo, a voz, os olhos de Laurent Tercieff...»**

Para quem não viu Tercieff, Sinde Filipe pode ficar a fazer as vezes.

O resto da interpretação não deixará grandes motivos de recordação, muito embora a presença de Carmen Dolores se acompanha de uma inteligência, de um saber fazer notórios. A verdade, porém, é que esta actriz aplica, a todo o momento, receitas e lugares-comuns de representação que, pelo facto de serem seus, não deixam de fatigar o espectador. Como se diz na gíria futebolística, Carmen Dolores «denuncia» demasiado as suas jogadas.

De um Rui de Carvalho nada convincente no seu papel de intelectual, de um Luis Santos pouco á-vontade no lugar de médico, não vale a pena falar. O mesmo não se dirá de Françoise Ariel que «assassinou» a doce Macha de quem Bernardo Santareno dizia **«Macha, a pequena enfermeira, erva pisada do caminho, mas segura, serena, resignada, boa, terna - infinitamente terna... a dar mãos doces...».** Esta Macha alguém a encontrou na desajeitada, amadorística intervenção de Françoise? Como é possível, a que princípio de distribuição se obedecerá quando se compromete, a tal ponto, o equilíbrio de uma obra?

Mistério.

canal da crítica

Por **MÁRIO CASTRIM**

TEATRO • tel 538586
«VILLARET»

VASCO MORGADO
APRESENTA
DE MOLIÈRE
Encenação de
ADOLFO MARSILLACH
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)

O TARTUFO

MODERNO E DIVERTIDÍSSIMO
com
Raul Solnado

E UMA GRANDE COMPANHIA: FERNANDO CURADO RIBEIRO, LAURA SOVERAL, MÁRIO PEREIRA, MANUELA MARIA, JOÃO GUEDES, LINDA BRINGEL, HENRIQUE VIANA, NORBERTO DE SOUSA, MARIA ALVIM, DAVID SILVA e MARIA DO CÉU GUERRA, no papel de «DORINA»

3.as, 4.as, 5.as e 6.as Feiras, duas sessões, às 21 e 23 horas. Domingos e Feriados, «matinée» às 16 horas, e à noite duas sessões, às 21 e às 23 horas
2.as Feiras, descanso da Companhia

TEATRO • tel 326037
«VARIEDADES»

VASCO MORGADO
APRESENTA
DE RAY COONEY
E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
6.º MÊS

Empresta-me o Teu Apartamento

Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO
Encenação de VARELA SILVA
2.ª, 3.ª e 5.ª Feiras, 21.45 h.; 6.as e sábados, 2 sessões: 20.45 e 23 h.
DOMINGO: à tarde, às 16 h.
4.as Feiras descanso da companhia

TEATRO
«LAURA ALVES»
TEL. 864756

VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite, 21.45 h.
Domingos à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA
DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
3.º MÊS

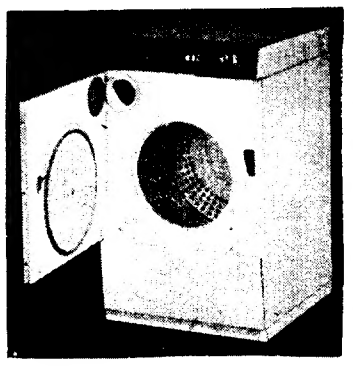
Quem tem medo de Virginia Woolf?

Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUÍS MATA
Encenação de JOÃO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro
2.as Feiras descanso da companhia

50 % de desconto aos estudantes benefício da Fundação Gulbenkian

SECADORES DE ROUPA E MÁQUINAS DE LAVAR

BENDIX



SENSACIONAL CAMPANHA DE TROCAS
ATÉ 1 DE ABRIL

SUPERMANOS
LARGO DO MASTRO 3 A 9
LISBOA

ACREDITEM NO NOVO CINEMA PORTUGUÊS

«Uma intriga de côrte, estilo século XVIII, com os trajos da actualidade»

HOJE às 20.45 e 23 h.

CONTINUA TRIUNFANTE NA SUA VITORIOSA CARREIRA NO

JOSÉ VIANA

Telef. 32 74 93 CAPITÓLIO

Brilhantemente apresentada por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado

ORA BOLAS PRÓ PAGODE!

A ALEGRE E ORIGINALÍSSIMA REVISTA QUE É O MAGNÍFICO TRIUNFO DE UM NOVO E POPULAR ELENCO!

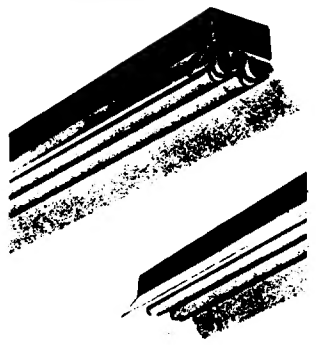
DORA LEAL

Grupo D

M. 18 anos

ILUMINAÇÃO FLUORESCENTE

EQUIPAMENTO INDUSTRIAL



JF

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA

TEL. 654165 * LISBOA

Em ALCOBAÇA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Francisco.

MANUEL DE OLIVEIRA o nosso maior cineasta

Estreias de CINEMA

Lauro Antonio

Manuel de Oliveira teria direito ao lugar que justamente merece. Num tempo e num lugar ùnicamente de justiça. Justiça que o público português pode, se quiser restabelecer. Por suas próprias mãos. Basta para isso não esquecer que **O Passado e o Presente,** último filme de Manuel de Oliveira, uma obra de novo notável, se encontra presentemente em exibição em dois cinemas da capital.

Título: «O PASSADO E O PRESENTE»
Realização: Manuel de Oliveira, 1972 (Portugal);

Intérpretes: Maria de Saisset, Manuela de Freitas, Bárbara Vieira, Alberto Inácio, Pedro Pinheiro, António Machado, Duarte de Almeida, José Marinho, Alberto Branco, Guilhermina Pereira, Agostinho Alves, Pedro Efe, Carlos de Sousa, Cândida Lacerda, António Beringela, etc..

Distribuição: Filmes Lusomundo.

Estreia: Cinemas Apolo 70 e Condes (26/2/1972).

1) Manuel de Oliveira é, seguramente, o nosso mais importante cineasta. O único, entre todos os revelados em terra portuguesa, a justificar um honroso paralelo com os mais cotados nomes do cinema mundial. Mais ainda: Manuel de Oliveira (que conta presentemente mais de sessenta anos de idade - nasceu em 1910, no Porto; e mais de quarenta anos dedicados ao cinema - estreou-se em 1930) é certamente o único realizador português que, de algum modo, contribuiu para uma história mundial do cinema. Procurando não só assimilar e compreender as mais modernas tendências do cinema, Manuel de Oliveira tem procurado também dar uma contribuição pessoal e original para essa mesma causa. Quando em 1930 se estreia com **Douro, Faina Fluvial,** demonstrou não só ter compreendido e assimilado a lição de muitos clássicos (a escola russa, Rutmann de **Sinfonia de uma Cidade,** a vanguarda francesa, o expressionismo alemão, etc...), como apontou igualmente um caminho para a cinematografia portuguesa. Quando em 1941 dirige **Aniki-Bobó** nas ruas do Porto, nos seus bairros ribeirinhos, com a participação de muitos actores não profissionais, Manuel de Oliveira não está só integrado no seu tempo português, como também em avanço sobre quase toda a história do cinema. O neo-realismo irá aparecer em simultâneo em terra italiana, colhendo todos os louros do ineditismo. Mais uma vez por ter nascido português, se ignorava Manuel de Oliveira Posteriormente, filmes como **O Pão** (1959) **O Acto da Primavera** (1962) ou **A Caça** (1963) não têm o mesmo grau de interesse, assumindo um significado que ultrapassa a tonalidade meramente local, para se situarem a um nível verdadeiramente internacional. Num outro país, numa outra cinematografia, num outro tempo.

2) **O Passado e o Presente** - primeiro filme estreado da fornada de 1971 proveniente do Centro Português de Cinema, cooperativa formada por alguns cineastas portugueses com o auxílio da Fundação Calouste Gulbenkian. Os outros **(O Recado,** de Fonseca Costa; **Pedro Só**, de Alfredo Tropa, e **Perdido por Cem, Perdido por Mil,** de António Pedro de Vasconcelos) aguardam estreia próxima. Digamos desde já que este cartão de visita do C. P. C. ultrapassa as nossas mais entusiásticas expectativas. E isto porque Manuel de Oliveira optara pela comédia e escolhera para base da mesma peça teatral de Vicente Sanches cuja leitura nos deixara uma desagradável sensação. Pois Manuel de Oliveira, homem inteligente e arguto, não contorna as dificuldades. Realmente o que acontece é bem diferente. Sabendo como são inexperientes e medíocres a quase totalidades dos actores nacionais (normalmente viciados pelo pior teatro) vai aproveitá-los tal como eles se lhe apresentam. Para tanto escolhe uma intriga vagamente melodramática com um diálogo enfatuado e pretensioso e inicia o seu **número.** Sim, mais uma vez um filme de Manuel de Oliveira é essencialmente **uma obra pessoal,** profundamente vincada pela personalidade de um autor, delimitada pela sua visão do mundo, caracterizada pelas suas obsessões e temas particulares. **O Passado e o Presente** (filme) pouco tem a ver com a peça teatral donde parte. Enquanto este se joga por inteiro num naturalismo serôdio, o filme de Oliveira opera uma total transformação no material utilizado. Enquanto em Vicente Sanches existe um humor de situação que não se ultrapassa, em Manuel de Oliveira surge uma ironia agreste que vira de pernas para o ar toda a estrutura naturalista que o empreendimento pudesse suscitar.

3) **O Passado e o Presente:** o que é? Do que se trata?

Pois de uma comédia se trata. Uma comédia palaciana, que transporta Mendelssohn para os dias de hoje ou (se preferirem) que transporta os dias de hoje para Mendelssohn Uma intriga de corte, estilo século XVIII, com os trajos da actualidade. Aqui e agora, Versalhes ou Castelo Branco, Paris ou Lisboa. Como se calcula, portanto, o século XVIII dos privilegiados. Sem outra matéria de preocupação que não seja Amor. Não o amor, mas o o jogo. A matemática do amor. À sua maneira, **O Joelho de Claire** uma certa impotência. Filtrada pela ironia negra de um Buñuel. Vendo **O Passado e o Presente** lembramo-nos de **Ensaio para um Crime.** Um mesmo olhar dessacratizado,

Continua na página seguinte

Vanda: culto do passado, ódio ao presente

Continuação da pág. anterior

um mesmo erotismo de situações, de relação intelectual, um mesmo cruzar de amor e morte, de atracção e repulsa, de desejo e ódio.

Vanda, por morte de Ricardo seu primeiro marido, casa com Firmino. Pouco tempo depois está farta de Firmino e apaixonada por Ricardo, que recorda saudosa na companhia de Daniel, irmão gémeo do seu primeiro marido. Apercebendo-se disto, Firmino suicida-se. Vanda que o desprezava já, assiste aos últimos momentos do seu segundo casamento com visível felicidade. Agora é Daniel quem lhe interessa particularmente.. Mas, tempos depois, Firmino ressurge como o grande ausente **Uma tendência para amar o distante e o inalcançável cujo reverso é o desprezo pelo alcançável.** Em paralelo a esta história de **caprichos do amor, surgem os amigos íntimos de Vanda que exemplificam outros aspectos de uma mesma realidade: o casal Noémia e Fernando (que, enquanto casados não conseguiam entender-se e, depois de divorciados passaram a amar-se verdadeiramente), o casal Honório e Angélica (o adultério sob a capa angelical) e Maurício. Do entrelaçar da intriga sobressai uma moralidade: o casamento, institucionalizando um sentimento, impondo obrigações e deveres, destrói a harmonia e com ela o amor. Donde surgira uma verdade única: só em liberdade se cumprirá o amor. Só em liberdade nos cumpriremos a nós mesmos. Esta a lição de «O Passado e o Presente».**

4) Como combate Manuel de Oliveira a hipocrisia de uma sociedade norteada por princípios e postulados perfeitamente anacrónicos? Pois de forma bem simples. Pondo a claro o artificialismo de tudo isso. O que consegue de forma admirável, dando de novo a medida da sua genialidade. Assumindo o lado melodramático da intriga, assumindo o pretensiosismo e a retórica dos diálogos, assumindo a ênfase dos actores. À força de experimentar o naturalismo teatral e estudado de toda a intriga, Manuel de Oliveira, acaba por subverter toda a estrutura da obra. O espectador sente-se aliás, incomodado. Porque, de início, tudo aquilo lhe cheira a **amor de perdição** debitado por amadores de colégio mariano. Depois, porém, á medida que a película corre, a duvida instala-se. Afinal aquilo não é para se captar tal como nos é dado ver. É necessário ao espectador entrar no jogo proposto. Entender as entrelinhas. Saborear o ridículo de tudo aquilo (que não está ali por acaso, mas sim premeditadamente). O ridículo dos preconceitos, o ridículo das situações, o ridículo das **tiradas,** o ridículo daqueles **biltres** de palácio, passeando a sua total desocupação... súbito o melodrama é já ópera cómica. Jocosa. O exercício da inteligencia. A ironia como arma, bisturi a penetrar na carne de meia dúzia de títeres, de cadáveres ambulantes. Uma sociedade anacrónica, vestida de indiferença e desprezo. Uma sociedade secreta, fechada sobre si mesma. Uma sociedade que translada mortos, enquanto, lá ao longe, numa outra álea do mesmo cemitério, vai a enterrar uma criança que não se chegou a cumprir. Uma criança que pertencia a um outro mundo. Um mundo que, nas mãos do criado do palácio, se está (literalmente) borrifando para toda aquela gente que não entende, nem pretende entender. Uma sociedade secreta que caminha para novos casamentos de fidelidade eterna, atravessando as avenidas de uma cidade que se usufrui, apesar de construida pelas mãos e com o suor de outros. Que tudo isto tem pouco a ver com a realidade, com estas pedras que diáriamente pisamos, eis uma conclusão que gostaríamos de ver fundamentada... 5) Neste jogo de relações equívocas, Manuel de Oliveira descobre a ironia. Uma ironia que nasce no enfatuado das falas e se prolonga pelo movimento irreverente de uma câmara pouco dada ao imobilismo. Acompanhando os seus protagonistas Manuel de Oliveira sublinha o ridículo de certas situações, o artificialismo do conjunto. Esventrando um velho palacete, passeando a câmara por corredores **marienbadescos** descobrindo a comunicação entre as salas, ocultando-se atrás de reposteiros indiscretos... E um mundo feito a sua própria medida, o mundo de uma burguesia que ganhou de herança os privilégios da antiga aristocracia: **Biltre, biltre,** gritou a duquesa. **Maurício! Angélica! Hum!... Diga-me... Diga-me uma coisa! Angélica, você não tinha ainda reparado no meu amor? Oiça: eu não quero continuar a dar-me consigo nem com a sua mulher, apenas por um motivo... Porque não me apetece! Pura e simplesmente porque não me apetece! E não me apetece...porque não me apetece. Ah, não lhe apetece porque não lhe apetece? Ora viva!**

«... o ridículo das situações»...

A adaptação cinematográfica de Manuel de Oliveira é, efectivamente, um trabalho de mestre. O seu talento, a sua sensibilidade, a riqueza da sua imaginação, o virtuosismo do seu cinema tudo isto fica exemplificado amplamente em **O Passado e o Presente.** Verdadeiramente genial é toda a sequência final, passada numa igreja, com a Marcha Nupcial por pano de fundo. **«O que ele uniu o homem não pode separar... o vosso amor e a vossa fidelidade...** «Vanda e Ricardo procuram um lugar para se integrarem nesta ordem estabelecida. Superiormente.

Notável é a fotografia a cores (Eastmancolor), assinada por Acácio de Almeida. Bastante bom é o som. Por vezes certas deficiências que o público português assinala em filmes nacionais derivam de dois factores: pouca habituação á lingua portuguesa em cinema e também uma exagerada exigência em relação aos produtos nacionais. A verdade é que, muitos e muitos filmes estrangeiros estreados entre nós, não possuem grande qualidade sonora. Como, porém, o espectador tem a atenção presa na legenda não nota essas deficiências. Posto isto, e ainda que a banda sonora não esteja isenta de falhas, ela surge-nos bastante aceitável.

6) No que respeita ao trabalho dos actores haverá desde logo a dizer que ele revela certa homogeneidade e se situa a um nível razoável com uma ou outra quebra e um ou outro brilharete. Acontece que o trabalho dos actores num filme deste estilo depende muito mais da direcção do realizador do que do trabalho dos próprios. Aceitando um tipo de representação teatral e preciosista, todo o possível enfatuamento surge necessário e não acidental. A Manuel de Oliveira cumpria escolher o estilo de interpretação e mantê-lo. O que consegue. A inteligência dos actores estaria em entender o que o realizador lhes pedia. E não tentar ultrapassar os domínios desse artificalismo. O artificialismo da interpretação é, pois, a razão do próprio filme.

Neste aspecto, Manuela de Freitas ficará como a grande revelação **cinematográfica** desta obra. A sua presença, frente ás câmaras é notável de mobilidade, de espontaneidade, de segurança. A seu lado, Duarte de Almeida será aquele que melhor entende a ironia de Oliveira e dela tenta extrair os mais saborosos matizes. **(Ora Viva!).** Maria de Saisset é uma Vanda nervosa, irrequieta, agressiva. Dela se desprende um halo de sensualidade que a câmara de Manüel de Oliveira não se cansa de perseguir. Revelações a ter em conta são ainda Agostinho Alves (o jardineiro) e António Beringel (o cangalheiro). No que se refere a Beringel ele poderá vir a ser uma das mais importantes descobertas do cinema português. Duas curtas aparições em **O Recado** e **O Passado e o Presente** fazem dele uma presença invulgar. Pedro Pinheiro, Alberto Inácio, António Machado, José Martinho, Alberto Branco, Candida Lacerda, Pedro Efe, Carlos de Sousa, etc. são os restantes intérpretes.

7) Advertência ao Leitor (escrita na primeira pessoa do singular): até hoje não tenho comentado aqui os filmes estreados no Apolo 70. Continuo a achar bem que assim seja. Mas... o cinema português impõem-nos obrigações morais a que não quis furtar-me. Por isso mesmo aqui estou. Por isso mesmo, e desde já, alerto os leitores para a necessidade de ver «O Passado e o Presente» bem assim como para a necessidade de verem «O Recado» ou «Uma Abelha na Chuva», cujas estreias se anunciam também para muito breve. O cinema português, um cinema português honesto integro, autêntico, genuíno, tem necessidade de todos nós. Porque todos nós temos necessidade de um cinema português. Este ano de 1972 pode ser (tem de ser) definitivo. Se vir os filmes portugueses que agora se anunciam pode estar certo de que á sua maneira, está a auxiliar o cinema nacional. Se confiar no que agora lhe digo nada mais lhe poderá acontecer do que estar mais uma vez em desacordo comigo. Mas creia que qualquer dessas obras é mais importante, sob qualquer ponto de vista, do que noventa por cento dos filmes que se irão estrear entre nós durante o ano. Acredite novamente no cinema português. Ele merece isso de si.

Falhanço previsível

O tempo que se perde. O maestro a ensaiar. Os músicos a «afinar» as respectivas partes. O suporte administrativo da entidade promotora a garantir burocràticamente que o concerto se realize. Enfim, o público a ouvir.

O dinheiro que se gasta. O «cachet» do maestro e dos solistas. Os vencimentos dos músicos. A conservação da sala. A impressão dos programas em belo papel «couché». A publicidade. As despesas de administração.

Investimento de tempo e dinheiro para quê? Para auferir um certo lucro no fim do ano, que dê para pagar dividendos e aumentar o capital social? Não, não é duma empresa que se trata. Para quê então? Pois para promover a cultura musical, para dar a conhecer ao povo as grandes obras da música de todos os tempos, para educar a sensibilidade e a inteligência de cada um numa arte que é, pelo menos, tão importante como qualquer outra, na nossa vida quotidiana. «Promover», «dar a conhecer», «educar» com fim desinteressado, sem outro móbil que não seja o de intervir como factor duma maior consciência social: eis, entre outras, uma das missões duma Fundação com as características da Gulbenkian.

Há um plano de actividades, um orçamento para as financiar, um serviço devidamente apetrechado (ou em vias disso, como é óbvio) para as estudar, propôr, organizar e executar. Sem precipitações, sem receio da concorrência de empresas rivais. Só a bem da cultura. Portanto, vejamos: se, dentro da acção musical a desenvolver, se julga útil, no presente contexto, sustentar uma temporada de concertos em Lisboa, por uma Orquestra (Gulbenkian) que entretanto se constituiu e se alargou, é de esperar que o programa seja organizado duma forma coerente e não fique ao sabor das preferências de maestros e solistas. Um concerto não vale por si só, vale pelo que contém e pela qualidade dos intérpretes.

Para começar, o concerto desta semana da Orquestra Gulbenkian abriu com uma obra secundaríssima — «Arias e Danças Antigas» — de um compositor secundaríssimo — Respighi (1879-1936). Já nos bastavam as suas obras mais representativas (mais representativas dele, bem entendido) para definirem, sem discussão, o seu lugar de compositor muito de circunstância: «Os Pinheiros de Roma», «As Fontes de Roma», «As Festas de Roma» são exemplos típicos de demagogia orquestral a encobrir a pobreza das ideias (de resto, a temática também é pobre, tão pobre quanto variável, como se vê). Estas «Arias...» que a Orquestra Gulbenkian tocou esforçadamente não passam dum trabalho artesanal sobre materiais de épocas recuadas. É manifesto que não valia a pena, nem aos intérpretes, nem ao compositor, estar com todo esse trabalho.

A fechar, o programa compreendia uma obra dum tal Edward Michael, cujos elementos biográficos toda a gente ignora: a Gulbenkian, o maestro, o editor... conforme se confessa no folheto do concerto. Sabe-se apenas que ele vagueia, neste momento, pelos confins da Índia «reservando talvez a imaginação no contacto mais directo com um orientalismo semelhante ao que inspirou «Les Soirées de Tedjlah» (nota à margem de José Carlos Picoto). Orientalismo esse pelo qual não demos, salvo se o Oriente começar já na vizinha Espanha: imitações falhadas de música de Falla foi tão só o que descobrimos nesta obra. Fazemos justiça ao profissionalismo de Helena Cláudio, não obstante ser evidente o sacrifício com que cantou o vocaliso, e aos membros da orquestra, que também não pareciam lá muito satisfeitos. Quanto ao maestro das duas uma: ou dirigiu a obra por dever de ofício e porque ela lhe foi imposta de fora, ou então...

Preenchiam a parte central do programa duas obras para piano e orquestra: o concerto n.º 24, de Mozart, e a Balada, de Fauré. Quanto ao Mozart parece suficiente dizer que o solista (o norte-americano Grant Johannesen) escolheu uma cadência de Saint-Saëns, brilhantíssima é certo, mas absolutamente estranha ao espírito da música de Mozart (por aqui se avaliará do resto). A Balada foi melhor como interpretação pianística e mais equilibrada no plano da colaboração piano-orquestra. Assim desgarrada num programa destes, perdeu-se, porém, boa parte da sua substância musical, que ganharia na companhia de um Debussy ou de outro compositor francês posterior ou anterior.

Contra o que é habitual, a Orquestra teve numerosos deslizes, nomeadamente na obra de Mozart.

Terminamos com uma pergunta: era ou não evidente, desde a elaboração do programa o falhanço deste concerto?

GEORGE PEPPARD DIVORCIA-SE

O actor George Peppard e a actriz Elizabeth Ashley divorciaram-se alegando divergências irreconciliáveis. O casal tinha contraído matrimónio em Abril de 1966 e encontrava-se separado desde Maio de 1971.

Peppard, que se fez representar pelo advogado, não contestou a acção e aceitou as condições monetárias impostas concordando em pagar uma pensão alimentar de dois mil dólares por mês durante quatro anos à mulher e mais 350 dólares mensais para o filho do casal, Christopher, que tem três anos e meio.

Peppard aceitou ainda pagar 400 dólares mensais para tratamento psiquiátrico da mulher se ela vier a precisar.

O actor e a mulher interpretaram juntos o filme «Os Insaciáveis».

Em AGUALVA (CACÉM) o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Agente Manuel Matos da Cruz, Rua Joaquim Guilherme Costa Caldas, 10.

EGITO GONÇALVES

assinará amanhã, dia 4 de Março, pelas 16 horas

o seu livro

O AMOR DESAGUA EM DELTA

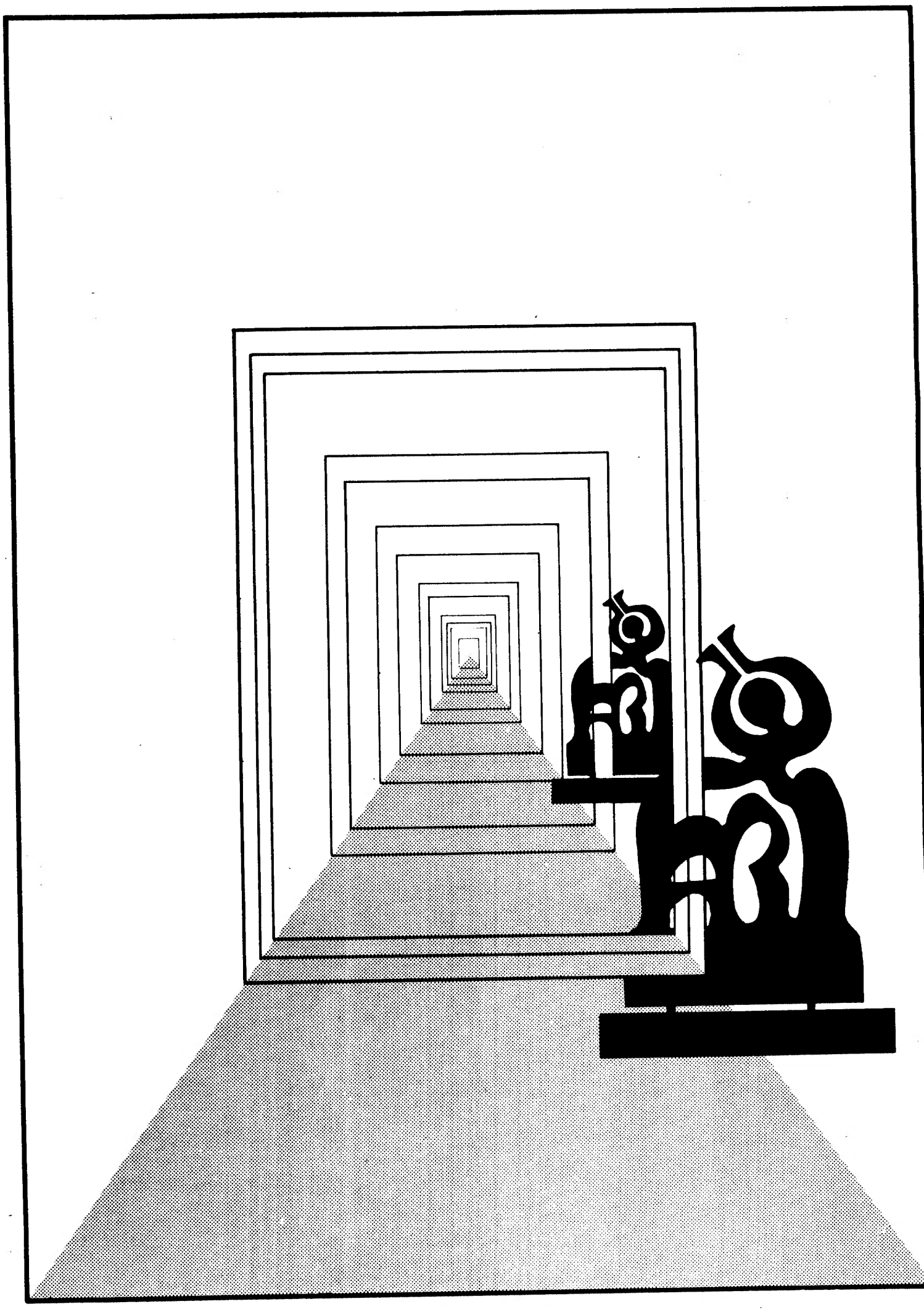
primeiro volume da nova colecção de poesia da

Editorial Inova:

COROA DA TERRA

na Livraria OPINIÃO

na Rua Nova da Trindade, 24 — LISBOA



UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO

AUGUSTINE REIS & CIA. BANQUEIROS

DL Policial

ROUBOS SORTIDOS

Esta madrugada, foram assaltados, por arrombamento, três estabelecimentos comerciais e uma residência particular.

O furto de maior vulto verificou-se numa delegação dos «armazéns Conde Barão», na Amadora, donde desapareceram 6 contos em dinheiro, um rádio portátil, 3 garrafas de «whisky», 322 discos e 4 malas de viagem, tudo avaliado em 39 000$00.

Por outro lado, na firma de electrodomésticos «Popular», situada na Rua Latino Coelho, 29-A, Venda Nova, também na Amadora, os larápios conseguiram farta colheita: 5 gravadores, 4 gira-discos, 2 rádios, 2 ferros de engomar, 5 secadores, 15 máquinas de barbear, 38 cassetes, 29 bobines e um auto-rádio. A dona do estabelecimento calcula ter sido prejudicada em 38 mil escudos.

De menor monta foram os outros dois assaltos: na Avenida Defensores de Chaves, 41-B, em Lisboa, a firma Aguiar e Figueiredo ficou sem alguns electrodomésticos e acessórios de automóveis que custavam cerca de 10 contos, enquanto na residência de João dos Remédios, na Rua Francisco Pedro Corado, a «terapêutica» aplicada pelos larápios ficou-se por uns poucos de objectos em ouro e um par de binóculos...

Atropelamento

Muito traumatizado, deu entrada no Hospital de S. José, António José da Mota, de 69 anos, escriturário, residente em Cascais, que foi gravemente atropelado por um automóvel na Av. da Liberdade

Declarada morta "ressuscitou" para pedir o passaporte

O pedido de uma certidão de nascimento para tirar o passaporte feita por Maria Vieira de Oliveira, de 60 anos de idade, natural de Braga (ao que julga) e residente na rua Nova do Grilo, n.º 2-3.º esquerdo, no Beato, veio revelar-lhe que, afinal, ela já «morreu» em 1968 e que o seu casamento, celebrado em 1944, foi declarado nulo por falsidade.

Esta manhã, nos corredores do edifício da Polícia Judiciária, acompanhada por seu marido — Vitor de Oliveira, 63 anos, reformado dos Hospitais Civis — a senhora em questão procurava encontrar alguém que a ajudasse a resolver o problema e a trouxesse de novo «à vida». Casado há 28 anos na igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, o casal tem 5 filhos, todos já crescidos — e precisamente porque uma das filhas, actualmente a trabalhar em França, lhes escreveu para eles irem assistir ao seu casamento, é que a sr.ª Maria resolveu tirar o passaporte que lhe veio revelar a sua situação.

Contudo, há já uns certos antecedentes nesta confusão de identidades, pois, no fundo, é disso que se trata.

A sr.ª Maria de Vieira de Oliveira, cuja mãe morreu na altura do parto, não conheceu o pai nem qualquer outro elemento da família, tendo vivido até aos 9 anos no Asilo D. Pedro V, em Braga, vindo depois para Lisboa.

Quando se casou pediu os papeis necessários da igreja e a certidão de nascimento que lhe foi entregue devia pertencer a uma tal Maria de Oliveira que há cerca de 14 anos apresentou uma queixa contra uma mulher residente em Lisboa que se tinha apropriado indevidamente da sua identidade. Nessa ocasião a sr.ª Maria Vieira de Oliveira (este último nome só é «seu» depois do casamento) foi abordada pela polícia, tendo sido obrigada a deslocar-se a Braga para esclarecer a situação.

Desde então ficou a pensar que tudo se tinha legalizado e resolvido mas nada disso aconteceu, pois o casal, que queria ir a França vê-se agora a braços com um problema que nunca lhes passou pela cabeça ser possível: ela é dada como morta e o seu casamento declarado nulo...

Apesar de toda esta embrulhada e dos seus 63 anos o sr. Vítor de Oliveira mantinha, no entanto, a boa disposição ao dizer-nos:

— **«Bom, se eu quiser posso deixar aqui a rapariga e casar com outra! Pois se eu sou solteiro e ela está morta!...»**

Motociclista encontrado morto

Deu entrada no Instituto de Medicina Legal o corpo de um motociclista cuja identidade se desconhece mas que aparenta ter 30 anos que sofreu grave queda na Av. Berlim, aos Olivais.

Morreu um desconhecido

Faleceu no Hospital de S. José, onde dera entrada ontem, um homem cuja identidade se desconhece e que aparenta ter 45 anos. Até ao momento ainda niguém procurou o desconhecido que foi gravemente atropelado na Av. Infante D. Hnerique.

JULGAMENTO NO PLENÁRIO DA BOA-HORA

Sob a presidência do desembargador dr. Morgado Florindo e em representação do Ministério Público o dr. Costa Saraiva, adjunto do procurador da República, foram no Plenário Criminal da Boa Hora, julgados e condenados os srs. Henrique Manuel da Piedade Lopes, de 36 anos, casado, fotógrafo, natural da freguesia de S. Nicolau, concelho de Santarém; José Jaime Ferreira Fernandes, de 24 anos, solteiro, operário fabril, da mesma região; e José Máximo dos Santos Cardador, de 50, casado, caixeiro viajante, da Chamusca, incriminados por actividades contra a segurança do Estado.

Relativamente ao primeiro, diz o despacho de pronúncia, a sua tarefa específica consistia em ceder a sua resisdência naquela cidade para ponto de apoio do chamado Partido Comunista Português. Colaborou com o segundo réu na distribuição de imprensa cladestina e no recrutamento de novos elementos para a referida organização.

O sr. Jaime Fernandes teria feito a entrega de jornais publicados ilegalmente, a simpatizantes do Partido Comunista que trabalham numa fábrica em Leiria. Diz-se ainda no processo que escreveu frases subversivas nas paredes e tratara da organização das comemorações do «Dia Mundial da Mulher», do «Dia Mundial da Juventude e do «1.º de Maio», levando a efeito conferências e convívios. Teria também criado o «comité» regional do Alto Ribatejo que englobava Santarém e outras freguesias, criando aparelhos de agitação e de imprensa clandestina.

O sr. José Cardador diz o mesmo documento acusatório, colaborou na angariação de fundos para fins políticos, transportantou no seu automóvel imprensa cladestina. Era o funcionário-controleiro do «comité» sub-regional do Ribatejo, tendo cedido a sua moradia para reuniões conspiratórias.

Figuram neste pleito duas testemunhas de acusação, e dezóito de defesa, sendo patronos dos acusados os drs. Eurico Ferreira, Levy Duarte Ferreira e António Cortes Simões.

No final foram lidas as sentenças, tendo sido condenados: Henrique Lopes, a 14 meses de prisão, perda de direitos políticos por 5 anos e 220$00 de imposto de justiça, ficando a pena suspensa por 4 anos; José Fernandes, a 22 meses de prisão, perda de direitos políticos por 5 anos e 2200$00 de imposto de justiça; e José Cardador, a 16 meses de prisão, igual tempo de multa a 30$00 por dia, perda de direitos políticos por 5 anos e 2500$00 de imposto de justiça.

Trinta feridos num acidente próximo de Coimbra

COIMBRA — Esta manhã ficaram feridas 30 pessoas na sua maioria operários fabris, em virtude de a camioneta de carreira em que seguiam se ter despenhado por uma ribanceira, próximo da povoação da Adémia. O veículo prop r i edade da firma Moisés Correia de Oliveira e que seguia em direcção a Coimbra, era conduzido pelo motorista Mário Pato Panajoinas, de 35 anos, natural de Alhastro, Carapinheira do Campo, Montemor-o-Velho. Após ter-se precipitado, deu uma volta sobre si próprio, tendo sido sustido na queda por algumas oliveiras, o que evitou que o acidente se transformasse em tragédia.

No local compareceram os bombeiros das duas corporações locais, tendo os passageiros sido também socorridos por populares. Das 30 vítimas, que sofreram apenas ligeiros ferimentos e foram tratadas nos Hospitais da Universidade, ficaram internados, para observação, António Henriques Prata, de 42 anos, casado, agricultor; Maria do Carmo Costa Luro, de 17, solteira, operária fabril, ambos de S. João do Campo; e Cidália Anjos Marques, de 13, também operária fabril, natural de Gíria.

Tomou conta da ocorrência a Secção de Trânsito da P.S.P. de Coimbra.

DESCARRILOU UM COMBOIO NO PORTO

PORTO, 3 — Esta manhã descarrilou, à saída do túnel da estação da Trindade, um comboio procedente de Modivas, Vila do Conde, com grande número de passageiros, que nada sofreram, além do natural susto. Desconhecem-se ainda as causas do acidente, que provocou grandes atrasos de outras composições ferroviárias que utilizam aquela via. O tráfego normalizou-se ao princípio da tarde.

A MUNDIAL

SEGUROU

CONTRA TODOS OS RISCOS

OS CARROS DE REPORTAGEM

Diário de Lisboa * motor

DURANTE A

23.ª VOLTA A PORTUGAL

EM AUTOMÓVEL

PETROSUL a maior refinaria portuguesa entra em funcionamento em fins de 1975

Na sede da Associação Industrial Portuguesa efectuou-se hoje a escritura da constituição da PETROSUL — Sociedade Portuguesa de Refinação de Petróleos, S.A.R.L.

A constituição da PETROSUL representa o último passo duma série de acontecimentos que principiaram em 1970, quando em 4 de Novembro o Diário do Governo publicava um despacho do Ministro da Economia e Finanças e do Secretário de Estado da Indústria, pondo a concurso a construção e a exploração de uma refinaria de petróleos situada a Sul do Tejo.

De acordo com as condições impostas pelo referido decreto, a nova refinaria entrará em funcionamento em fins de 1975 e a sua produção virá, nessa altura, preencher 60 das necessidades do mercado interno.

Os primeiros trabalhos, em Sines, terão início ainda este ano. A localização da refinaria permitirá, pela primeira vez em Portugal, o aprovisionamento do País com ramas transportadas em petroleiros gigantes. O estabelecimento da refinaria, em Sines, será, pois, o primeiro duma série de empreendimentos abrangendo não só a refinaria como indústrias petroquímicas, actividades portuárias e outros serviços diversos, que darão um impulso considerável àquela região.

Assistiram a este ano os srs. Eng. Luís Filipe Moura Vicente, Director Geral dos Combustíveis; Eng. José Manuel Torres Campos, Director Geral dos Serviços Industriais; Eng. João Cravinho, Director de Planeamento da Secretaria de Estado da Indústria; Dr. Vasco Nunes da Silva, Inspector Geral das Finanças; Dr. António Miranda, Inspector Geral de Crédito e Seguros; e Eng. António Martins, Director do Gabinete de Sines. Estavam presentes, por parte da SONAP, o Prof. Dr. Antunes Varela, Dr. Francisco Castro Caldas e Dr. Manuel Alves da Silva; e, por parte da CUF, os srs. Dr. Jorge de Mello, José Manuel de Mello, Dr. Ricardo de Faria Blanc, Eng. José Domingos Vístulo de Abreu, Eng. Manuel Leitão Cruz e Eng. Henrique Marques Pereira.

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
PATO À MODA DO RIO FRIO
Av. Praia da Victória 50-E
Telef. 536080
ABERTO AOS DOMINGOS

Estalagem "A GRUTA DO RIO"
RIO DE MOURO
Telef. 2980535
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIARIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO
PARA BANQUETES

RESTAURANTE
Cunha
AV. PARIS, 14-A
ESPECIALIDADES DA
COZINHA PORTUGUESA

ESTALAGEM D. SANCHO II
ELVAS — Telef. 127
COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÂMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS CONFORTÁVEIS
NO SEU FIM-DE-SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

30 ANOS
VOCÊ SERIA CAPAZ DE UM TAL "SACRIFICIO"...?
QUE SABE VOCÊ ACERCA DE...
A TRANSPLANTAÇÃO
TEMOS A CERTEZA QUE MUITO POUCO!
NEM O DR. BARNARD SE LEMBRARIA DESTA...
A TRANSPLANTAÇÃO
COLORSCOPE
MAIS DO QUE UM FILME...
— UM 'TRATADO' DE REJUVENESCIMENTO!
GRUPO D/18 ANOS
2.ª SEMANA NO POLITEAMA

FIAT PORTUGUESA
S. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convoco os Senhores Accionistas desta Sociedade a reunir-se no próximo dia 30 de Março, pelas 15 horas, na sede social, Avenida Eng.º Duarte Pacheco, n.º 15, em Lisboa para os fins seguintes:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o balanço, contas do ano de 1971 e respectivo Parecer do Conselho Fiscal;
2.º — Eleger os membros para a Assembleia Geral e para os Conselhos de Administração e Fiscal;
3.º — Aprovar as remunerações dos membros dos Conselhos de Administração e Fiscal, do ano de 1971;
4.º — Apreciar e decidir acerca de quaisquer assuntos de interesse social.

Lisboa, 2 de Março de 1972.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
a) **Dr. António de Barros**

Comunicado

A Companhia Nacional de Navegação comunica que, a partir do próximo dia 6 de Março, transfere os Serviços Comerciais referentes às carreiras:

NORTE DA EUROPA/ANGOLA
REINO UNIDO/FRANÇA/ANGOLA
MEDITERRÂNEO/ANGOLA
METRÓPOLE/ANGOLA

da Rua dos Douradores, 11 para o edifício da Sede, na **Rua do Comércio, 85-3.º**, onde espera continuar a merecer a honrosa preferência dos seus estimados Clientes.

companhia nacional de navegação
Rua do Comércio, 85 — Telef. 32 30 11 e 32 30 21 (23 linhas) Telexes 1390 e 1501

PORTO

PESCA E CONSERVAS

Foi nomeado vice-presidente da direcção da Corporação da Pesca e Conservas o sr. José de Oliveira Marques, vice-presidente do conselho da Secção das Conservas de Peixe da Corporação e presidente da direcção do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Norte.

HOMENAGEM

Por atingir o limite de idade no dia 16, abandonando o lugar, que exerceu durante uma década, de comissário de desempregado, o sr. cor. Carlos Maria do Carmo será homenageado durante um «almoço-amizade», oferecido pelo pessoal da delegação do Porto do Comissariado do Desemprego, no sábado no restaurante do Palácio de Cristal.

MÚSICA

No teatro Rivoli haverá amanhã, às 18 e 30, um concerto de piano pela artista Nella Maissa, que interpretará obras de Schubert, Schumann, Lopes Graça e Chopin.

Na terça-feira, às 18 e 30, no Conservatório de Música efectua-se um concerto de música da Renascença, pelos artistas Manuel Morais e Catarino Latino (alaúde e flauta de amor). E promovido pela Fundação Gulbenkian, com a colaboração da Câmara Municipal.

HOSPITAL DE S. JOÃO

A Comissão Médica do Hospital de S. João elegeu para o cargo de director clínico daquele estabelecimento o dr. Carlos Sampaio Pinto de Lima, professor catedrático de Ortopedia da Faculdade de Medicina. Substitui o prof. Joaquim Basto, que pediu a demissão.

CONFERÊNCIA

No domingo, às 21 e 30, no salão do Círculo Católico de Operários do Porto, o prof. José Bayolo Pacheco de Amorim, catedrático da Universidade de Coimbra fará, a convite do Círculo de Estudos Sociais, uma conferência sob o tema «Portugal e o Problema Europeu».

EXPOSIÇÃO DE LIVROS INGLESES

Será brevemente inaugurada no Instituto Britânico de Lisboa uma exposição de livros recentes ingleses e revistas, sobre Planeamento Urbanístico e Regional.

Organizada pelo British Council, de Londres, a exposição itinerante foi já apresentada em diversos países da Europa. Depois de Lisboa, seguirá para o Porto e Coimbra.

LUSTRES
de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

Os Gaiatos do Padre Américo em digressão pelo Norte

O agrupamento artístico dos Gaiatos do Padre Américo, que conquistou gerais simpatias e suscita sempre o interesse do público, deu no Coliseu do Porto o seu tradicional espectáculo anual, que constituiu novo êxito.

Está planeada uma vasta digressão dos pupilos da Casa do Gaiato, cujo programa inclui uma série de espectáculos em diversas localidades da região nortenha, como sejam: Penafiel, Amarante, Vila Nova de Famalicão, Espinho, Braga, Monção, Melgaço, Oliveira de Azeméis, Lamego e Aveiro.

A larga digressão artística encerra-se com outro espectáculo no dia 19, novamente no Coliseu do Porto.

ADMINISTRAÇÃO DE SERVIÇOS SOCIAIS

Decorre de 6 a 9 do corrente, no Instituto Superior de Serviço Social, um seminário sobre Administração de Serviços Sociais, promovido por aquele estabelecimento de ensino, em colaboração com a Division des Affaires Socials, de Genève.

O seminário, destinado fundamentalmente a profissionais de Serviço Social com responsabilidades de administração de serviços e a membros do corpo docente, das diversas escolas de Serviço Social do país, será regido, em francês, pela técnica dra. Huberte Hanquet.

Quaiquer informações podem ser obtidas pelo telefone 50710.

Homenagem a Domingos Monteiro

Na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, realiza-se no dia 11, pelas 13 e 30, um almoço de homenagem ao escritor Domingos Monteiro, durante o qual usará da palavra entre outros o escritor João de Araújo Correia.

As inscrições podem ser feitas até dia 7, na sala daquela casa regional ou pelo telefone 324093.

...Felizmente moro em Miraflores Lux!

Números, Percentagens, Cálculos, esquemas, gráficos... Produção, Mão-de-obra, tempo-máquina, linha de montagem... Um turbilhão de números desgastando o cérebro, fustigando os nervos. Uma luta diária de muitas horas... Mas felizmente o Industrial mora em **Miraflores-Lux**! Onde a cidade termina e a alegria de viver recomeça!

Monsanto, as praias da linha do Estoril e Caparica, ali à mão, para refazer energias perdidas. – E esse gosto bem sentido de viver no prestigioso ambiente social a que pertence: **Miraflores-Lux**! Construção e acabamentos do mais alto nível: Piscinas, garagens privativas e um Centro comercial. Escola, Jardins... Equipamento completo.

MIRAFLORES LUX *merece a sua visita*

ADVOGADOS 8%
AGENTES TÉCNICOS 1%
ALTOS FUNCIONÁRIOS 6%
DIPLOMATAS 4%
COMERCIANTES 6%
DIRes DE EMPRESAS 5%
ECONOMISTAS 4%
ENG. E ARQUITECTOS 10%
INDUSTRIAIS 7%
INVESTIDORES 11%
PROFESSORES 2%
PROPRIETÁRIOS 12%
MÉDICOS 15%
DIVERSOS 9%

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, SARL
Informações e vendas: Avenida das Tulipas - Lote 10
Telefs. 215756 - 216749 - 216768

MHP 6/71

"AD-LIB": prepotências de improviso

No artigo que ontem publicámos sob o título em epígrafe, vários lapsos de natureza técnica alteraram — ou, pelo menos, tornaram confusos — alguns pormenores da situação relatada.

A falha mais grave foi, sem dúvida, a omissão da alínea A do decreto que reproduzíamos. Nela se esclarece que, entre outros, se consideram motivos justificados de proibição de acesso a estabelecimentos hoteleiros e similares **«A falta de propósito de consumir os bens ou serviços que são objecto da actividade do estabelecimento»**. Daí, a nossa afirmação de que fôra descabido pressupôr que não iríamos consumir os bens do «ad-Lib», uma vez que fomos interceptados antes de entrarmos.

A finalizar o dito artigo, pretendeu-se dizer que a expressão «ad-lib» se traduz por **«falar de improviso»** e não por «falta de improviso», conforme foi impresso.

Ainda nessa frase, dissemos «a expressão inglesa «ad-lib», mas aí foi o autor quem cometeu uma falha de inexactidão (errar **também** é próprio do homem). Claro que a expressão é de raíz latina, mas em Inglaterra é utilizada coloquialmente no dia-a-dia com o significado mais restrito que acima lhe atribuímos, inclusive como verbo: «to ad-lib».

Mas mais importante talvez será salientar que referimos a Inglaterra por existir em Londres o «Ad-Lib», donde certamente terá partido a ideia que levou à criação e baptismo do citado estabelecimento lisboeta, já que em ambos é exercida a mesma actividade.

H.S.

Segurança social dos trabalhadores migrantes

De 20 a 25 do corrente efectuar-se-á no Pavilhão dos Congressos, no Estoril, a primeira Reunião Regional Europeia sobre Segurança Social dos Trabalhadores Migrantes, que tem o patrocínio do ministro das Corporações e Previdência Social e da Saúde e Assistência, dr. Rebelo de Sousa e é organizada pela Associação internacional de Segurança Social dos Trabalhadores Migrantes.

Aquele membro do Governo recebeu ontem as individualidades que constituem o «comité» da organização: drs. Jaime Lança de Morais, Mário Roseira, Jorge Dias Pablo e ainda os srs. Guilherme Rodrigues da Silva e António Costa Leão. Ao ministro Rebelo de Sousa foi, por estas individualidades, oferecido um exemplar da medalha que se mandou cunhar em comemoração desta primeira reunião internacional sobre segurança Social dos Trabalhadores Migrantes.

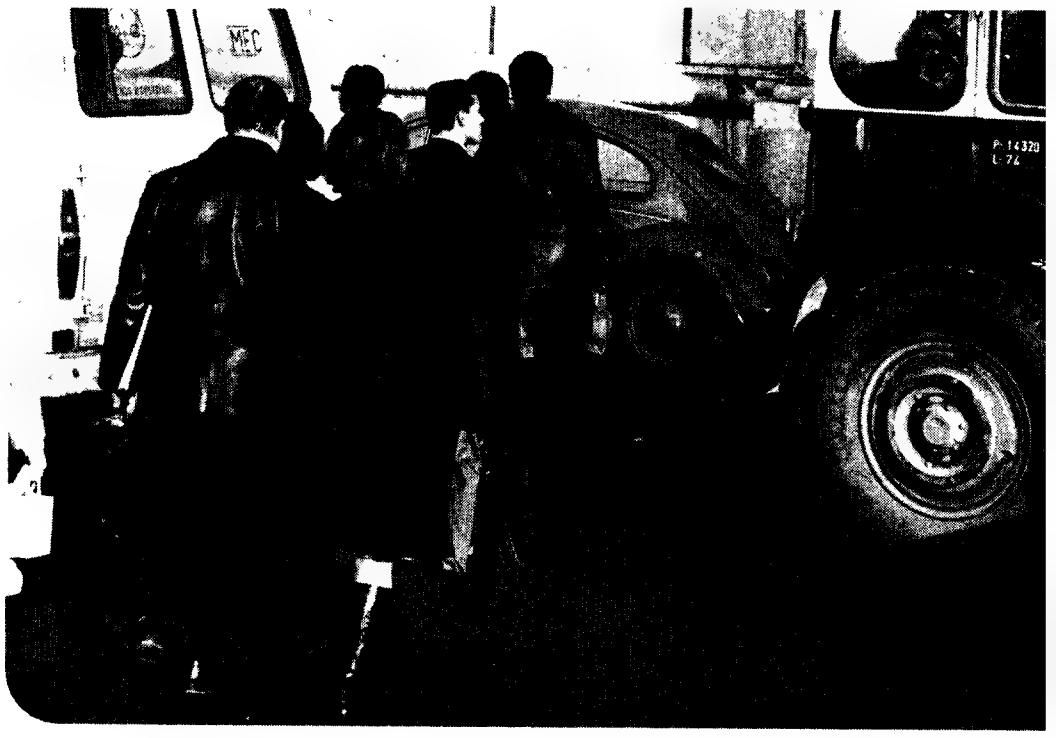
Milhares de p arriscam a v ("quase por necessid NO CAIS DO SOD E ALGÉS

Para uns bons milhares de pessoas (oitocentas mil, um milhão), todos os dias é a mesma coisa: não há sinaleiros, nem semáforos, nem passadeiras quando, de manhã e à tarde, atravessam da Avenida das Naus para o Terreiro do Paço, das Estações do Cais do Sodré e de Santos para a Avenida de 24 de Julho e a Avenida Marginal, em Algés. Apressadamente, põem em perigo as suas vidas e a de outros.

Uma situação difícil para peões e autoridades que, se não for estudada e solucionada, poderá um dia ter consequências bem funestas. Basta apenas que um automobilista circule naqueles locais mais ràpidamente, com menos atenção.

MEIA HORA PARA ATRAVESSAR A AVENIDA

Há dias um peão esteve qua- se meia hora para atravessar a Avenida 24 de Julho. O movimento ininterrupto de veículos nos dois sentidos da artéria não lhe possibilitou passar de um lado para o outro. E em face disso, esteve vinte e cinco minutos a aguardar a oportunidade. Depois, naturalmente indignado, acercou-se de um guarda da P.S.P. a quem contou o que se passara. O agente da autoridade informou-o então de que a secção respectiva



No Terreiro do Paço: veículos em cima das passadeiras, peões no meio dos carros

A correr, pondo a vida em perigo. Quase por necessidade

...ões ...ida ...lade") ...RÉ

da P.S.P. já oficiara por diversas vezes (e sem resultado) para o departamento de trânsito da Câmara Municipal de Lisboa solicitando que se procedesse à sinalização da referida artéria. Entretanto, contactámos aquele departamento da C M L tendo o seu director, eng.º Almeida d' Eça, informado de que ali não havia sido recebido qualquer ofício nesse sentido, admitindo, contudo, que ele houvesse sido remetido.

Mas este é apenas outro aspecto da questão do trânsito, difícil e perigoso, naqueles locais. Outra faceta que, no que se refere à Avenida 24 de Julho, em Santos, em breve vai ser solucionada (aparentemente) com a entrada em funcionamento de sinais luminosos com comando pelos proprios peões. Porque sinaleiros ou passadeiras existem já (desde há muito) no Terreiro do Paço, no Cais do Sodré e em Algés e tudo se processa como que se nada lá estivesse. De manhã (principalmente) e ao fim do dia, a anarquia e o desrespeito pelo tráfego de veículos e pelos agentes da Polícia tomam proporções assustadoras.

UMA SUGESTÃO

Para o sr. Manuel Pereira de Figueiredo, morador em Linda-avelha, a Avenida 24 de Julho é um perigo que todos os dias tem de atravessar. Por isso, ele propõe uma solução:

«Que se façam passagens subterrâneas ou aéreas, pois a quantidade de público, quase permanentemente durante duas ou três horas de parte da manhã e ao fim do dia, é de tal modo intensa que para dar passagem a essas avalanches o tráfego ficaria cortado por períodos demasiado longos».

A mesma hipótese de solução foi-nos sugerida pela sra. D. Amélia Videira Neves, de Cascais:

Temos eléctricos e autocarros que partem a horas certas para os quais somos obrigados a correr se queremos um lugar. Aguardar que o sinaleiro feche o trânsito pode significar perder o transporte e chegar tarde ao emprego. Passagens subterrâneas resolviam o problema do público e facilitariam o tráfego de veículos. Milhares de pessoas arriscam a vida, todos os dias, mas é quase uma necessidade.

«ATÉ DESCONGESTIONAVA O TRÂNSITO»

O sr. Ponce de Castro, vendedor, de Queluz, diz o mesmo. E acrescenta:

Até descongestionava o transito nas «horas de ponta». Como sabe os veículos tem de parar ou de seguir com cuidado. Passagens, passagens aéreas ou subterrâneas.

Parece-nos, depois do que escutámos, que realmente a solução (a única) seria construir passagens subterrâneas. O risco deixaria de existir para milhares de pessoas (oitocentas mil, um milhão) e talvez o tráfego se processasse com mais facilidade. Valeria a pena estudar o problema, estamos em apostar.

Passagens subterrâneas resolveriam o problema

AROMA DE CRAVOS NA CIDADE POLUÍDA

Os subúrbios saloios, planuras ainda em flor, transportam até ao âmago da metrópole em combustão uma réstia de pureza.

Num dos acessos do Mini-metropolitanolisboeta, pandemónio do cidadão subterrâneo, «palpa-se» gente que ainda procura comprar no aroma de um cravo o elixir da árdua sobrevivência quotidiana.

Mas a poluição, esse visco da era tecnológica, torna-se evidente nas flores expostas (vermelhas, amarelas... de todas as cores), já maculadas pelo lixo da cidade-grande.

POVO QUE LAV(R)AS NA SUPERSTIÇÃO

A nossa leitora sr.ª D. Maria Luísa Gomes dos Santos, residente em Caselas, recebeu a seguinte carta (anónima, claro), que passamos a transcrever na íntegra:

Reza a S. Judas Tadeu

Terá por intermédio deste santo as coisas que mais desejar e necessitar. Esta sequência vem da Venezuela foi iniciada por um senhor Domingos. Tem de dar a volta ao mundo. Tire 19 cópias e mande-as a pessoas amigas a quem deseja boa sorte antes de 10 dias. Se o não fizer acontecer-lhe-ão as coisas mais terríveis na vida, desastres a si, filhos e família, mortes, doenças, assim tem acontecido a quem despreza e não liga importância. Após ter enviado as 19 cópias desta sequência, começará a receber aquilo de que mais desejar.

S. Judas Tadeu, Tadeu, rogai por nós junto da Virgem Maria e do Sagrado Coração de Jesus.

Uma pessoa amiga que lhe deseja boa sorte.

Cara leitora: ainda bem que se trata de «pessoa amiga» que lhe deseja «boa sorte»...

Será possível?!!!

POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257 com mais de meio século de existência.

2.ª SEMANA
UM FILME QUE RECOMENDAMOS AOS QUE GOSTAM DE BOM CINEMA

ALVALADE
GRUPO D/18 ANOS

Teatro Municipal
SÃO LUIZ
8.º CONCERTO
ÚLTIMA AUDIÇÃO
DOMINGO, às 16 horas
Grupo A — M/ 6 anos
ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA
MAESTRO
FREDERICO DE FREITAS
VIOLINO
VASCO BARBOSA
PROGRAMA
CONCERTO PARA VIOLINO E ORQUESTRA
BEETHOVEN
SINFONIA «OS JERÓNIMOS»
FREDERICO DE FREITAS
Bilhetes desde 12$50

amor vivo
F. Tordo e Ary dos Santos

A SONDA "PIONEIRO" A CAMINHO DO INFINITO

Continuação da primeira pagina

Terra e recolherá informações sobre a sua atmosfera constituída por gases de metano e amónia, antes de se afastar e perder no espaço inter-estelar.

Se tudo correr bem a bordo, os cientistas da NASA continuarão a manter o contacto com a sonda durante sete anos até que, finalmente, a distância será excessiva e as mensagens de rádio tornar-se-ão inaudíveis.

Durante a sua passagem perto de Júpiter, a nave poderá lançar alguma luz sobre a misteriosa mancha vermelha que se avista no Equador do planeta e que, periòdicamente, muda de tamanho e de intensidade. Essa mancha foi avistada pelos astrónomos em 1665 pela primeira vez e desde então tem continuado a intrigar os homens de Ciência, apesar da utilização de telescópios e outros aparelhos de observação cada vez mais potentes e aperfeiçoados.

O Pioneiro-10 fará também medições das radiações de Júpiter o qual é um potente emissor de ondas de rádio. Esse fenómeno foi descoberto há cerca de vinte anos mas, até agora, não há qualquer explicação para ele.

Apesar do seu tamanho gigantesco, Júpiter é menos denso que a Terra, o que parece indicar não ter atingido ainda uma fase de total solidificação, podendo o seu interior não ser constituído por materiais duros do tipo rochoso.

No dia 2 de Dezembro de 1973 os cientistas poderão ainda efectuar uma correcção de trajectória que permitirá à sonda passar mais perto de um dos principais satélites de Júpiter.

Uma sonda semelhante a esta deverá ser lançada em missão idêntica em Abril do próximo ano.

PSICOFORMA
CENTRO DE PSICOLOGIA E FORMAÇÃO

ENGENHEIRO ELECTROTÉCNICO

Seleccionamos para grande empresa nacional, em Lisboa.

FUNÇÃO

— Chefiar a divisão de conservação da empresa.

PRETENDE-SE:

Bons conhecimentos em correntes fortes.
— Idade até 35 anos.
— Serviço militar cumprido.
— Preferência:
— Prática de instalações industriais.
— Conhecimentos de organização de trabalho.

OFERECE-SE:

— Remuneração de acordo com a experiência.
— Regalias sociais.
— Estabilidade de emprego.

Enviar resposta com «curriculum vitae» detalhado ao Departamento de Psicologia Aplicada do PSICOFORMA-Av. da República, n.º 64-5.º - Lisboa-1.

RESTAURANTE MÓNACO
CAXIAS
TELEF. 2432339

Comunica aos seus estimados clientes que hoje durante os jantares se encontram reservadas todas as suas salas.
Atenção às novas ementas de casamento e banquetes.

Maiores de 4 anos.

OS PRODUTOS DIETÉTICOS MILUPA VÃO SER FABRICADOS EM PORTUGAL

Ontem, e secundando o desejo já formulado pelas entidades oficiais de serem consumidos os excedentes de leite em pó existentes no País, foi constituída a Sociedade «MILUPA PORTUGUESA,LIMITADA»,de que são sócios a Milupa A. G. e a Solaca - Sociedade de Lacas, Limitada, com a finalidade de fabricar em Portugal os produtos dietéticos Milupa.

As instalações fabris da nova empresa situar-se-ão em Benavente.

Ao acto de constituição assistiram os administradores da Milupa A. G., senhores August W. Kobler e Gunter Olesch e os sócios da Solaca - Sociedade de Lacas, Lda., senhores Júlio Botelho Moniz, António Augusto Moita de Deus e José Carlos Botelho Moniz.

A distribuidora dos produtos Milupa em Portugal é a firma «Dagra Portuguesa, Lda.», de que é sócia a «Solaca-Sociedade de Lacas, Lda.».

Aos já conhecidos e apreciados produtos dietéticos, Nektarmil, Aptamil, Milfruta, Milfarin, Miluvit e outros, fabricados na Alemanha, passam também a ser fabricados em Portugal outros produtos da Milupa alemã, com realce de leites especiais para lactentes.

Sessões de Prevenção e Segurança" organizadas pela Companhia de Seguros "IMPÉRIO"

Teve ontem lugar na Associação Industrial Portuense uma reunião de trabalho organizada pela Companhia de Seguros Império com a participação de empresários do Porto, a fim de serem debatidos problemas relacionados com o Incêndio e Acidentes de Trabalho e a respectiva organização de segurança.

Esta sessão enquadrava-se na série de iniciativas recentemente anunciadas pela Império no sentido de estabelecer um diálogo próximo entre o empresário responsável pela segurança do património material e humano da empresa e a seguradora a entidade que pode solucionar os seus problemas.

A sessão de ontem, que reuniu na Associação Industrial Portuense mais de centena e meia de empresários do Porto, constou da projecção de filmes técnicos comentados pelo sr. António Tamm, um especialista da Império em Prevenção e Segurança, e pelo director da Império no Porto, sr. Abrunhosa de Brito.

Foram exibidos filmes de origem francesa para ilustrarem a temática do Incêndio suas consequências e métodos de prevenção e de origem americana, em versão espanhola, para traduzir, em imagens, alguns expressivos exemplos de acidentes de trabalho.

Foi particularmente distinguido o filme «Organização da Comissão de Segurança» pois, como foi sublinhado pelo sr. António Tamm, não basta conhecer as causas e consequências de um sinistro. É necessário que as empresas incluam nas suas estruturas um sector que organize, planifique e ponha em execução os processos de segurança aconselhados para prevenir a sinistralidade.

Dentro desta linha, «Organização da Comissão de Segurança» veio esclarecer a medotologia a seguir pelas empresas, partindo das reuniões com a Direcção até à observação local dos problemas e suas resoluções.

No final, os empresários estabeleceram diálogo com os técnicos da Império, durante o qual tiveram ensejo de esclarecer algumas dúvidas e debater os seus próprios problemas de segurança.

Á Associação Industrial Portuense acorreram, como se vê na gravura, grande número de dirigentes de empresas nortenhas, a fim de assistirem a mais uma sessão de «Prevenção e Segurança», que a Companhia de Seguros Império está a realizar.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Faro, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve - CEAL, SARL, para o estabelecimento na freguesia da Sé, em Faro, de uma linha aérea a 30 kV (Faro II), entre o apoio n.º 68 da linha para os «Cimentos Sagres» e a Subestação 30/16 kV da Penha, dos Serviços Municipalizados de Faro, com 2241 m, em Faro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 28 de Fevereiro de 1972.

Pelo ENGENHEIRO CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

João Caseiro
FALECEU

Maria Rita Purificação da Silveira Caseiro, João Maria da Silveira Caseiro sua mulher Raquel Maria Barbosa Caseiro e filho e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu muito querido marido, pai, sogro, avô, cunhado e parente e que o funeral se realiza amanhã às 15 horas, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, para jazigo no cemitério de Oeiras.

AGÊNCIA SALGADO

POR TER SAÍDO COM UMA INEXACTIDÃO, NOVAMENTE SE PUBLICA DEVIDAMENTE RECTIFICADO, O SEGUINTE ANÚNCIO:

«A MUNDIAL»
COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital: Escudos 40 000 000$00

Sede: Largo do Chiado, 8 - Lisboa

São convocados os Senhores Accionistas da Companhia de Seguros A MUNDIAL para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária no dia 29 de Março próximo, pelas 18 horas, na sua Sede, Largo do Chiado n.º 8, em Lisboa, a fim de:

Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1971.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1972.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
a) **Dr. Tito Castelo Branco Arantes**

O OBJECTIVO CHINÊS É A CHINA -AFIRMA MALRAUX

PARIS, 3 (FP) — O escritor André Malraux, antigo ministro do general de Gaulle, declarou à A. F. P., a propósito da viagem do presidente dos Estados Unidos à China, não ter ficado surpreendido com o comunicado Sino-Americano, entendendo por outro lado que «Nixon nada cedeu em relação à Formosa».

Com efeito — considera Malaraux — há entre Pequim e Taipé um acordo nos termos do qual «A China Nacionalista tornar-se-á chinesa por morte de Chang Kai Chek».

«No fundo os americanos sabem que não se baterão pela Formosa e os chineses sabem-no também», nota o antigo ministro.

«Ninguém acredita mais no comunismo asiático», respondeu por outro lado André Malaraux, interrogado acerca das consequências da viagem de Nixon para o Vietname.

«Ninguém já acredita que o destino da Ásia se esteja a jogar na Cochinchina; ninguém já acredita na guerra do Vietname porque ninguém crê mais no imperialismo chinês sobre a Ásia. As pessoas sérias já compreenderam que o objectivo chinês é a China, tal como o objectivo russo era a Russia».

«Para Mao — acrescentou o antigo ministro — o mais importante é a China. Mao pensa que a revolução asiática será salva pelas relações chinesas e pelos arrozais».

«O destino é esse: É preciso que os chineses tenham que comer. Depois organizarão uma indústria pesada. Nessa altura entender-se-ão com os americanos para os créditos. Mas não têem pressa...» fez notar Malaraux antes de indicar que em sua opinião é o nível de vida o que mais importa na revolução chinesa.

O escritor abordou, seguidamente, o problema da acusassão do dirigente chinês: «Mao disse-nos: «Não temos sucessores. Mas se houver um, será maoista». Não haverá na China sucessão que não seja maoista. Seja quem for que vier depois de Mao estará ao serviço do Maoismo e respeitará os seus principios».

Colocando-se por fim na perspectiva da próxima viagem do presidente Nixon à União Soviética, Malraux concluiu: «Sim, ele vai á Moscovo. As coisas sériamente importantes entrarão então em jogo...»

Quatro mortos num choque de comboios

INGOLSTADT (BAVIERA), 3 (FP) — Explodiram ontem vários vagões-cisternas cheios de gasolina após a colisão de dois combóios, num cais de derivação em Ingolstadat.

Morreram pelo menos quatro pessoas, entre as quais o condutor de um dos combóios e das pessoas que vivem junto à via férrea numa antiga casa de guarda da linha. Um dos vagões colidiu com a casa incendiando-a.

Começaram imediatamente investigações para averiguar a causa do acidente.

ANDARES

Av.ª Columbano Bordalo Pinheiro, 55

Em prédio de luxo, habitaç. de 3 e 6 div. ass., cozinhas completas, 1 e 3 casas de banho complet., despensa, marquise, hall. MOSTRA NO LOCAL.

TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384-5-6 — 328232-3 — 361756

PHILIPS 2000S

Nunca mais lave louça!!! A nova Philips 2000 S lava a louça por si!
E, esta mesmo a medida desse lugar vazio da sua cozinha!
Nova 2000 S - linhas modernas, inteiramente automatica!!!
Nova 2000 S - 3 programas de lavagem, dois braços com jactos de agua de pressão regulaveis, controlo termostatico de temperatura, descalcificador e clarificador automaticos, capacidade para 10 a 12 conjuntos de mesa, com pratos até 30 cm de diâmetro, cuba em polipropileno (*)
(*) O modelo 2000 SL tem cuba em aço inoxidavel e mais um programa (biologico)

COM PHILIPS 2000S TUDO EM PRATOS LIMPOS

PHILIPS

77 PH-03

10 000 pessoas

leem agora a

colecção duas horas de leitura

e você?

volumes publicados

1. **STENDHAL**
   Féder ou o Marido com Dinheiro
   2.ª edição
2. **GORKI**
   Três Contos
   2.ª edição
3. **DUAS CIDADES**
   Antologia sobre o Porto e Coimbra
   (Textos de Fernão Lopes, Herculano, Camilo, Eça, Aquilino Ribeiro e outros)
   Selecção e prefácio de Eugénio de Andrade
4. **TRÊS HISTÓRIAS DA GUERRA**
   HEMINGWAY / CHOLOKHOV / FAULKNER

próximo volume

(DIA 25 DE MARÇO)

5. **CAMILO CASTELO BRANCO**
   A Última Vitória de Um Conquistador

15$00

UM VOLUME POR MÊS

ao dia 25

NÃO é uma colecção de bolso!

EDITORIAL INOVA LIMITADA

apartado 466/Porto

Tudo recomeça no Médio Oriente

NUNO VIEIRA

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

A situação voltou a agravar-se no Médio Oriente. A luta reacendeu-se e na origem da nova crise encontram-se, uma vez mais, os guerrilheiros palestinianos.

Enquanto a frente principal, a ocidente – a do Canal de Suez –, continuava tranquila, as forças israelitas desencadearam operações contra o Sul do Líbano, em resposta às actividades palestinianas a partir daquele país. À ofensiva – que ficou a ser conhecida pelos libaneses como a «guerra dos quatro dias» – seguiram-se ataques aéreos complementares contra a Síria, outro dos redutos que os guerrilheiros ainda conservam.

Se as operações contra o Líbano podem levar o governo local a limitar a actividade palestiniana, os «raids» aéreos na vizinha Síria provocaram uma inesperada resposta da Aviação de Hafez Assad, que desde 1970 não reagia às medidas «disciplinares» adoptadas por Israel contra os seus adversários, em perto de cinco anos de cessar-fogo instável, a partir de 1967.

E, assim, tudo volta ao princípio: os palestinianos árabes não se conformam com a realidade israelita e procuram pô-la em xeque por meio de sabotagem e à acção de guerrilha com o apoio de alguns países árabes. Israel responde atacando esses países, que, nem sempre, se resignam ou podem neutralizar os «feddayin». Na escalada que se segue, os israelitas são fatalmente levados a vibrar rudes golpes antes que o outro lado consiga obter a iniciativa num recomeço generalizado das hostilidades. E os três milhões de israelitas não podem dar-se ao luxo de perder a iniciativa militar nas guerras sucessivas com cem milhões de árabes. É esse o segredo da sobrevivência de Israel. Foi desta maneira em 1956 e em 1967 e a primeira derrota será a última para o Estado judaico criado há quase um quarto de século, marginalizando a população árabe da Palestina, no primeiro conflito de uma série que promete não ficar por aqui e envolve já duas superpotências: os Estados Unidos e a União Soviética.

O actual agravamento da situação foi sintomáticamente precedido pelo desvio de mais um avião pela Resistência palestiniana – o sétimo em menos de dois anos. Desvios anteriores levaram ao confronto entre os guerrilheiros e o rei Hussein e constituiram o pretexto para uma tentativa de esmagamento dos «feddayin» na Jordânia, o reino artificial que depende da manutenção da Palestina dividida, exemplo do perigo que paradoxalmente os activistas palestinianos representam para certos regimes árabes. O último desvio de um avião teria sido obra, aliás, de um grupo dissidente que contestaria a capacidade de Yasser Arafat de lavar os guerrilheiros à vitória e recomendaria uma reorganização da Resistência em moldes mais realistas, mais eficazes e mais próximos dos requeridos para uma guerra popular da libertação.

Tais acontecimentos verificam-se, precisamente quando o medianeiro da ONU para o Médio Oriente, Gunnar Jarring, reata os seus esforços para conversações de paz entre Israel e países árabes, susceptíveis de «esquecer» os interesses dos árabes da Palestina.

AFIRMA DAMASCO:

Ataques israelitas repelidos pela Síria

DAMASCO, 3 (ANI) — Aviões israelitas tentaram ontem, por duas vezes, penetrar no espaço aéreo sírio sobre Latakia, o maior porto do país, mas foram obrigados a retroceder por caças sírios e pelo fogo antiaéreo — declararam informadores da Síria e dos guerrilheiros palestinianos.

Citado por Rádio Damasco, um informador sírio declarou: «Às 8 e 30 horas (7. e 30 em Lisboa) uma formação de aviões inimigos tentou penetrar no nosso espaço aéreo, sobre a área de Latakia.

«Os nossos caças e fogo antiaéreo interceptaram os aviões e obrigaram-nos a retroceder.»

Um informador da Fatah, organização de guerrilheiros palestinianos, anunciou ter sido feita nova tentativa para penetrar no espaço aéreo sírio sobre as suas bases em Latakia, às 19 horas.

«Os aviões israelitas foram obrigados a retirar pelo nosso fogo antiaéreo – acrescentou o informador.

Os novos incidentes entre a Síria e Israel constituem a maior ameaça para a paz no Médio Oriente desde o cessar-fogo que entrou em vigor há dezoito meses — afirma-se em círculos políticos de Damasco.

Ataques, represálias e contra-represálias podem arrastar o Egipto, aliado da Síria na Federação das Repúblicas Árabes, para as hostilidades.

HEYKAL AOS EGIPCIOS ESQUEÇA A GUERRA

CAIRO, 3 (R) — O mais destacado comentador político do Egípto, Mohammed Heykal, frisou hoje aos egípcios que será melhor esquecerem a promoção de uma guerra total com Israel, dizendo que a única alternativa possível para o problema da tensão no Médio Oriente reside agora numa solução política.

Num artigo publicado no «Al Ahram», de que é também editor-chefe, Heykal, um amigo íntimo do presidente Anwar Sadat, dizia aos seus leitores que os árabes, na fase presente, não possuem, de facto, o poderio militar suficiente para desalojarem Israel dos territórios ocupados — nem sequer da mais pequena das localidades da península do Sinai ou dos planaltos de Golan.

Segundo o seu artigo: «Enfrentemos a verdade dos factos, nem possuímos a força necessária nem as circunstantes à vista são oportunas para utilização da força.

«A única alternativa reside numa solução política que em si mesmo engloba um combinado de muitos elementos incluindo o uso da força, a potência económica, conversações diplomáticas e meios de propaganda adequada».

Heykal tem sido em várias ocasiões criticado acerbamente por estudantes e entidades da União Socialista Árabe como um jornalista que apregoa o derrotismo.

PRISIONEIROS NO VIETNAME DO NORTE
-tema da "Cimeira" de Pequim

WASHINGTON, 3 (FP) O presidente Nixon abordou durante as suas conversações com Chu En Lai a questão das possibilidades de paz no Vietname e a da libertação dos prisioneiros americanos detidos pelo Vietname do Norte, afirmou à imprensa uma personalidade governamental próxima da Casa Branca.

Esta personalidade governamental, que só consentiu em falar aos jornalistas com a condição de permanecer anónima, foi no entanto apresentada por vários jornais como sendo Henry Kissinger.

O interlocutor precisou que os americanos apresentaram a sua maneira de ver. Interrogado acerca da reacção dos dirigentes chineses, recusou-se a dizer mais.

A mesma personalidade governamental deu a entender que daqui a duas ou três semanas serão divulgadas previsões acerca do estabelecimento de contactos diplomáticos num terceiro país entre os Estados Unidos e a China. Este terceiro país, afirmou, não será a Polónia, onde representantes de Washington e de Pequim se têm encontrado periodicamente desde há anos.

Como os chineses não incluiram no comunicado conjunto o seu ataque tradicional contra o tratado que liga os Estados Unidos à Formosa, Nixon não achou necessário reafirmar a fidelidade dos americanos aos seus compromissos, disse ainda a referida personalidade governamental.

Esta salientou ainda que o presidente Nixon não fez qualquer concessão. A inclusão dos cinco proncípios de coexistência pacífica no comunicado final surgiu como uma questão que só era menor em importância, no espírito dos chineses, ao problema da Formosa e Nixon não viu qualquer razão para se opor a essas declarações de princípios. Com efeito, salientou a personalidade governamental, muitas coisas mudaram desde 1955 e estes princípios reflectem a maneira de ver e as esperanças de Washington.

Coração atómico num bezerro

Corações artificiais - O dr. Harmison, do Instituto do Coração, apresenta um engenho nuclear que acciona o coração totalmente artificial que levanta na mão esquerda

WASHINGTON, 3 — (R.) — Segundo revelaram ontem cientistas governamentais, no peito de um bezerro foi colocado um aparelho cardíaco, accionado por uma bateria nuclear, que se tem mantido a trabalhar nas melhores condições, há mais de três semanas.

O engenho tem um equivalente a 100 gramas de energia de plutónio-238, que produz 50 vátios de energia-calor.

Pesa 2,8 quilos, e conforme as últimas notícias, o bezerro que o transporta encontra-se nas melhores condições possíveis.

A experiência foi anunciada pelo Instituto Nacional de Doenças Cardíacas e pulmonares, e os cientistas frisaram que constitui um importante passo para a substituição do músculo cardíaco por engenhos de alcance nuclear.

Os cientistas revelaram também que um coração artificial eléctrico, feito de borracha de silicone, foi experimentado, com êxito em vitelas e bezerros. É o primeiro aparelho desse tipo a ser colocado totalmente com a sua fonte de energia dentro dos corpos dos animais cobaias.

Os círculos informativos acrescentaram que os processos agora experimentados proporcionam uma enorme base tecnológica para colocação de corações artificiais movidos a energia nuclear em seres humanos.

Submarino à deriva

WASHINGTON, 3 - (R.) - A marinha de guerra soviética enviou um cruzador de 15 mil toneladas, uma das suas maiores unidades, em auxílio do submarino nuclear avariado que está á deriva no Atlântico Norte revelou um informador da marinha americana.

O cruzador da classe Sverdlov, está a dirigir-se para o local onde paira o submarino, a 800 milhas da Terra Nova, e poderá tentar rebocá-lo.

O submarino soviético foi avistado pela primeira vez á superficie por um avião americano de patrulha, há cerca de uma semana e, entretanto chegou junto dele um rebocador, mas todos os cabos lançados para rebocar o submersível, de 3.700 toneladas têm-se partido.

Para complicar ainda mais a situação formou-se um temporal a 300 milhas mais ao norte e as rajadas de vento dirigem-se para a posição do submarino, que tem á sua volta, pelo menos, nove barcos incluindo uma lança da guarda costeira americana e navios de carga, além do rebocador, de um arrastão soviético e de um navio oceanográfico.

Desconhece-se a natureza da avaria, mas o submarino não parece correr o risco imediato de se afundar, pois os soviéticos não fizeram ainda qualquer tentativa para retirar de bordo a tripulação que, normalmente é composta por 90 homens.

CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS
DIRECTOR: PROF. VASCO BOTELHO DE AMARAL
INGLÊS
CURSOS INTENSIVOS
PRINCIPIANTES —INÍCIO 2.ª-FEIRA 13 DE MARÇO
ELEMENTARES —EM BREVE
INSCRIÇÕES LIMITADAS
R. MOUZINHO DA SILVEIRA, 25 — TELEFS. 538494 44083

D. EMÍLIA REIS MARTINS DO VALE

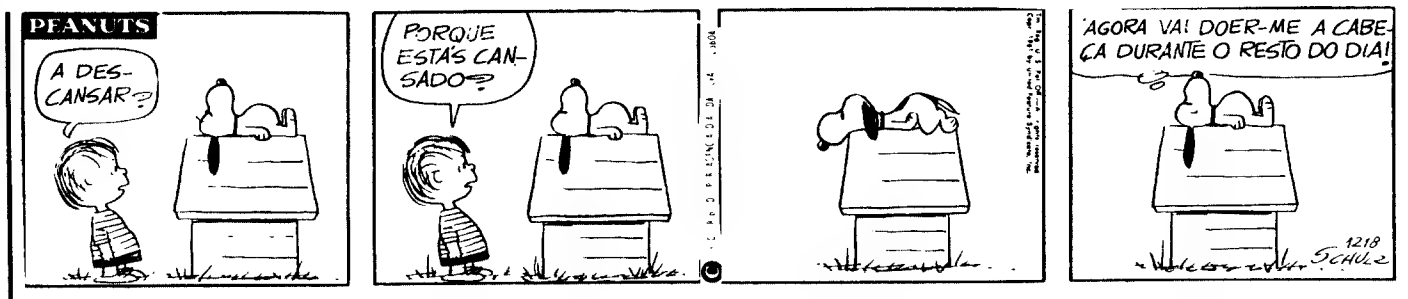
FALECEU

Leopoldo do Vale, Margarida Garrido da Silva e seus filhos, Eva Baldaque da Silva Coutinho Vilhena, Armando do Vale, sua mulher e filhos, Renato do Vale, sua mulher e mais família, participam o falecimento de sua querida esposa, mãe, avó, irmã, cunhada, tia e parente, e que o funeral se realiza amanhã pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cenitério do Lumiar.

AGÊNCIA BARATA

amor vivo
F. Tordo e Ary dos Santos

Em homenagem bem parisiense à viagem do presidente Nixon à China foi posta em exibição numa «boutique» de banheiras de Paris, este pequeno «bidet» que, segundo se anuncia, pertenceu a uma imperatriz da China do XIII século. (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)



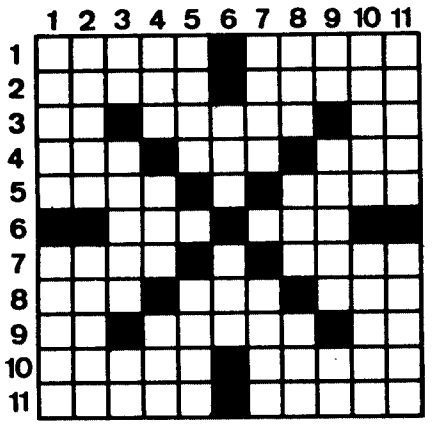
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 022

HORIZONTAIS

1 Ardil (fig). Derradeiro.
2 O mesmo que raros. Nome de mulher.
3 Artigo indefinido. A alma. Amónio (s.q)
4 Moda Guarneço de asas. Origem (Fig.).
5 Membros de aves Rezas
6 Soe. Sopé.
7 Tenciona. Encoleriza
8 Cantão da Suiça. Nome de letra. Chiste
9 Em partes iguais. Faz descer. Pronome reflexo.
10 Aspira. Dá massagens a.
11 Tratamento dado às freiras Girar.



VERTICAIS:

1 Nome de peixe. Pronome relativo (pl).
2 Apelido. Nome de planeta.
3 O mais. Assassinei. Brisa
4 Filtra Ribeira de Portugal. Para barlavento
5 Doença que dificulta a respiração. Conjunto. Mamífero desdentado espécie de tatu.
6 Empunhei Procede.
7 Chama. Gemer
8 Passado. Espécie de mangueira do Gabão. Patrão.
9 Neon (sq). Verbais Preposição latina que designa movimento
10 Prendia Desbasta.
11 Apelido. Voejar

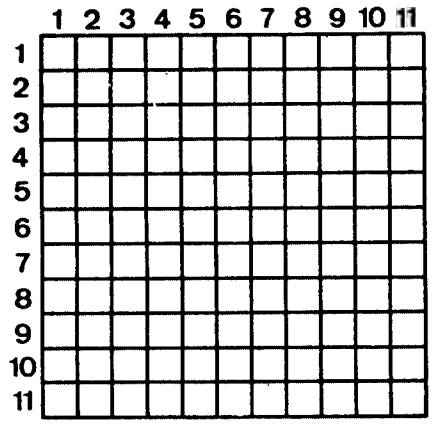
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6180

HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelho de Penafiel. Antiga cidade da Macedónia
2 Move os remos. Rio da China.
3 Vazio. Mil e quatro em romano. Acrescente!
4 Satélite de Júpiter Buscas. Antes do meio dia.
5 Todo o corpo que existe no espaço. Saburra na língua
6 Nota musical VI.
7 Manto real Fluido aeriforme. Personagem da literatura fantástica inglesa
8 Laço Equipar. Senhor.
9 Uma das ilhas Jónia. Ilha da Jugoslávia, no mar Adriático, no arquipélago dalmata.
10 Grande sala. Ilusões.
11 Lavrais. Dá tratamento de vós a alguém (Brás).



VERTICAIS:

1 Mulher desavergonhada (pop) Prepara com anis.
2 Porcos. Deitar (pop)
3 Espádua. O mesmo que três. Ice.
4 Aqui. Greda branca. Rio do estado do Pará
5 Extremidade do braço Glóbulos.
6 Mitologia. Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1943.
7 Futeis. Cidade da Argentina
8 Em a. Ilha do arquipélago de Cabo Verde Cidade da Russia.
9 Ave pernalta. Víscera dupla Fecho as asas para descer mais depressa.
10 Cobrir de iodo Queimas
11 Terreno cultivado, em Angola. Ardor.

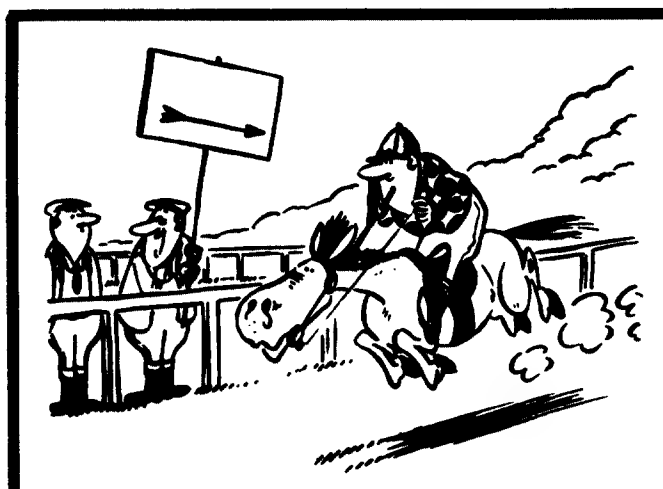
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 021

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Caçar. Visam.	1 Caso Pompas.
2 Apela Amado	2 Apo Tem Ema.
3 Sopas, Opiar	3 Cepa. Anas
4 Amo Ser.	4 Alamar. Cais
6 Perra. Berat	5 Raso. Avô. Sa
7 Om. Via Lá	6 Ira.
8 Acorrer.	7 Vãos. Bar. DE
9 PENA Rabi.	8 Impele. Eram
10 Amais. Daria.	9 Sair Rara.
11 Sassa. Emalo	10 Ada. Val Bil.
	11 Mora. TALIÃO.

PROVERBIO PENA DE TALIÃO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6179

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Ca. Carvão. Ra.	1 Cris. Barram.
2 Rim. Mir. Aer.	2 Airosa. Aero
3 Irem. Arca.	3 Meta. Picos.
4 Sotaventear.	4 Mata. Aos.
5 Satã. Eram.	5 Am. Vala. Rãs
6 Ba Alago Ac.	6 Vire. Abar
7 Aba	7 Ar Nega. Eco
8 Raia Cais.	8 Atro. Cró.
9 Recorrerias.	9 Area. Caira.
10 Arosa. Corra	10 Recama. Iara.
11 Mós São. Aar	11 Arar Cassar

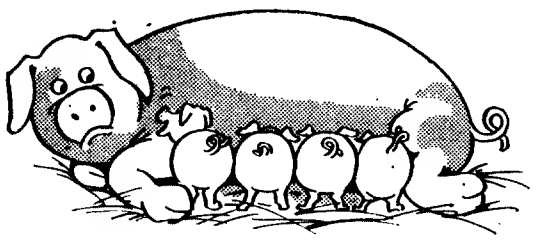


__ O truque dá sempre resultado

__ Lembro-me quando o custo de vida era cinco tostões o copo de três

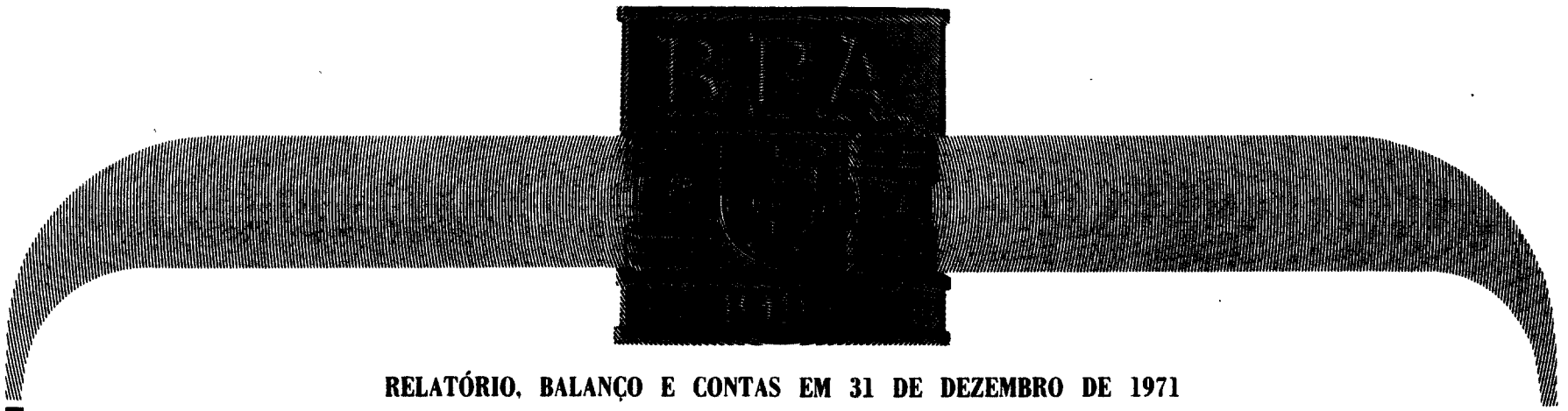
__ Já reparaste que os espantalhos deixaram de meter medo desde que ele mandou o filho para uma escola de arte?

__ Põe todo o teu cuidado nesta, cabo Silva



__ E eu?

__ Cada um dá do que tem



RELATÓRIO, BALANÇO E CONTAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1971

SENHORES ACCIONISTAS:

ECONOMIA INTERNACIONAL

A evolução, ao longo de 71, da conjuntura económico-financeira internacional não foi favorável a um acréscimo sensível de produção mundial.

A quebra do crescimento económico, que reduziu a metade o ritmo habitual de expansão da generalidade dos países europeus, teve, como factores principais, a alta continuada dos preços e o espectro de uma nova crise monetária, que consigo trouxe perspectivas sombrias ao desenvolvimento do comércio internacional

As pressões inflaccionistas, que há já três anos comprometem o progresso económico do Ocidente, agravaram-se em 71, com pesados reflexos nos planos social e político Em ordem a defender a estabilidade, em período também caracterizado por um alarmante aumento do desemprego, os Governos viram-se obrigados a utilizar as providências de natureza monetária e fiscal aconselháveis e, ainda, em certos países, a aplicarem medidas mais drásticas, de que são exemplo, nos Estados Unidos, o bloqueamento dos preços e salários aí pela primeira vez decretado em tempo de paz

No quadro das trocas internacionais a decisão norte-americana de suspender em Agosto passado a convertibilidade do dólar e de, simultâneamente, lançar uma taxa de 10 % sobre a quase totalidade das suas importações, mergulhou o mundo numa perspectiva de caos monetário e de retaliações que poderiam fazer regressar as nações ao proteccionismo dos anos 30, afastado no após guerra pela benéfica e progressiva liberalização do comércio

Desde o início dos anos 60, em que surgiram os primeiros sintomas de crise, que peritos de renome previam que, do funcionamento de um sistema monetário internacional desvirtuado depressa se chegaria a segunda depressão do século As medidas anunciadas pelo Presidente norte-americano em 15 de Agosto, após maciços movimentos de capitais especulativos que já haviam provocado a revalorização das moedas austríaca e suíça e o estabelecimento de câmbios flutuantes para o marco e o florim, deram actualidade a essa profecia

A solução da crise monetária, anunciada em Dezembro no termo do encontro entre os Presidentes Nixon e Pompidou e consagrada, em seguida, na reunião dos Dez em Washington mediante a desvalorização do dólar a alteração da paridade em relação ao ouro de diversas outras divisas, a fixação de maiores margens de flutuação das moedas e a supressão da taxa sobre as importações norte-americanas atenuou o pessimismo dos que já vaticinavam o desfecho de uma paralisante recessão económica

O vigoroso impulso de que o nosso continente carece para retomar uma alta taxa de expansão será, muito provàvelmente, representado pelo alargamento da Comunidade Económica Europeia Nessa perspectiva merecem ser saudadas as adesões ao Mercado Comum do Reino Unido, da Irlanda, da Dinamarca e da Noruega e o início das conversações com vista à associação a essa Comunidade dos restantes países membros da EFTA

ECONOMIA NACIONAL

O nosso País continuou, em 71, a sentir os efeitos da política económica francamente expansionista do Governo, que já não considera, como até 1968, a estabilidade financeira em termos de prioridade essencial, por reconhecer como objectivo primordial a aceleração do desenvolvimento

Como resultado dessa política e a despeito de um ano claramente desfavorável à actividade agrícola, o produto interno bruto deve ter crescido a uma taxa superior a média dos últimos anos Para tanto, designadamente para o acréscimo da produção industrial, terá concorrido a continua expansão da procura global, alicerçada na alta salarial e no fluxo crescente de fundos trazidos pela emigração

Em contrapartida, a subida de preços foi ainda superior à registada em 70 A inflacção que nos primeiros meses do ano se processou a uma cadência mais intensa do que a observada nos restantes países europeus, desenvolveu-se tanto pela incidência de factores de ordem externa como por causas internas em que avultam o aumento de custos decorrente de uma menor abundância de mão-de-obra e uma deficiente estrutura de distribuição de bens — nomeadamente os alimentares, a permitirem movimentos especulativos — e a incapacidade de oferta em corresponder à crescente pressão da procura

A abertura de um processo inflaccionário tornado já patente entre nós não fez abrandar a orientação expansionista da política económica Pelo contrário, continuou a estimular-se o desenvolvimento económico, incentivando-se as poupanças para o investimento produtivo e procedeu-se a uma revisão do programa de execução do Plano de Fomento, para o período de 71 a 73, por forma a melhor ajustar à procura a oferta de bens e serviços No domínio do alargamento da capacidade produtiva do País, merecem destaque, em 71, as decisões relativas à criação na Zona de Sines de uma área de implantação industrial concentrada, baseada na refinação de petróleos e petroquímica anexa e no aproveitamento das pirites de Aljustrel, complexo no qual deverão investir-se, em duas fases, até 1980, trinta e um milhões de contos

Conciliar o objectivo de crescimento económico com a necessidade de assegurar a estabilidade relativa dos preços terá constituído nota dominante da política financeira do Governo. Continua esta a dispôr do trunfo importante que representa uma moeda fortemente apoiada em reservas abundantes, mais uma vez elevadas, em 71, por um amplo superavit da balança de pagamentos.

O País, que tem acumulado largos excedentes de haveres financeiros nas suas relações com o exterior, não soube, até ao momento, resolver, em condições satisfatórias de compensação, o problema do equilíbrio entre as parcelas que o integram Referimo-nos aos pagamentos inter-territoriais que, com um saldo positivo para a Metrópole da ordem dos 9 milhões de contos, vão agora ser sujeitos a novo esquema que certamente restringirá as trocas comerciais no seio da Comunidade Portuguesa mas, segundo se espera, virá a assegurar a pronta liquidação dos fundos transferidos

A economia nacional, fortemente tributária do exterior no que se refere às remessas dos emigrantes, ao turismo e à situação de dependência da procura externa de muitas das suas produções tradicionais, viveu preocupadamente a expectativa de uma depressão europeia O desanuviamento da crise monetária, em Dezembro último, trouxe para o escudo uma nova relação com o dólar americano em termos que, embora mais favoráveis à nossa moeda, permitiram uma sua descida, ainda que ligeira relativamente às outras principais divisas, situação que se espera venha a favorecer as nossas correntes de exportação e a evitar que mais se agrave o desequilíbrio da balança comercial portuguesa

A nossa presença económica na Europa foi marcada, no ano findo, pelo início das conversações exploratórias entre Portugal e o Mercado Comum com vista à celebração de um acordo de associação que assegure à Metrópole a sua integração progressiva num espaço económico mais vasto Do êxito das negociações, que vão prosseguir em 72, poderá depender parcela significativa do progresso e bem estar vindouros dos portugueses

POLÍTICA BANCÁRIA

O Balanço e os demais elementos que submetemos à vossa apreciação elucidam-vos sobre a situação patrimonial do Banco e esclarecem-vos acerca da composição dos seus resultados no termo de 1971 Cremos que também evidenciam o progresso de uma Instituição que, já Cinquentenária, mantém o timbre de dinamismo que a trouxe à primeira fila dos estabelecimentos de crédito portugueses

Os números que vos informam da dimensão, do grau de liquidez, das bases de solvabilidade, da linha de rentabilidade e do perfil de consolidada posição financeira do Banco estão, porém, longe de traduzir o esforço de adaptação que uma Instituição com as responsabilidades de nossa tem de desenvolver para constantemente se ajustar às crescentes solicitações do meio económico

De facto, um banco comercial como o nosso, exerce cada vez mais funções financeiras de natureza universal, ou não especializadas, tornadas dia a dia mais vastas e complexas tanto pela relação estabelecida entre a concessão do crédito e a prestação de numerosos serviços, como pela estreita e delicada interdependência que revelam as estratégias a definir quanto aos recursos, às aplicações e aos riscos Por outro lado, como qualquer outra empresa, um estabelecimento de crédito tem de solucionar o problema da produtividade que envolverá a existência de uma mentalidade permanentemente crítica e reformadora relativamente à estrutura e ao equipamento da Organização e que sugira o aperfeiçoamento da gestão bancária e a adopção de métodos comerciais mais eficazes

Nestas condições, compreender-se-á que a acção do Conselho de Administração tenha sido dominada, muito para além do propósito de assegurar a conveniente gestão dos negócios correntes, pela preocupação de inovar a política que preside ao comportamento da vossa Instituição, fixando os seus objectivos e planeando a sua execução com intervenção dos orgãos e dos meios que garantam o seu cumprimento por forma a que o Banco, integrado no sentido do melhor interesse público esteja sempre actualizado e apto a capazmente servir a economia nacional

CRESCIMENTO DOS RECURSOS FINANCEIROS

A expansão do Banco e a sua posição entre os intermediários financeiros nacionais estão naturalmente condicionadas pelo desenvolvimento dos seus recursos

Entre os recursos financeiros detidos por uma instituição de crédito comercial, avultam os capitais alheios constituídos sob a forma de depósitos

Se existe um sector onde a estratégia bancária esta subordinada à pressão de uma constante inovação e exactamente o da recolha de capitais, pela rápida evolução operada nos últimos anos nas estruturas económicas e demográficas e nos critérios de gestão das empresas numa época em que as suas necessidades em materia de crédito se avolumaram substancialmente Bastará lembrar, entre nós, o relevo ganho pela poupança externa trazida pela emigração e a fracção progressivamente mais significativa de disponibilidades monetárias detidas pelos particulares, ou público em geral, a par do percentual enfraquecimento dos fundos de maneio das empresas o que conduz ao crescente endividamento destas para com o sistema bancário

O montante global e a composição dos depósitos que figuram no Balanço comprovam que a nossa Instituição continuou a saber adaptar-se às principais determinantes que ditaram a evolução no mercado de capitais em 71 Este sofreu, aliás forte impulso pela expansão do stock monetário, alicerçado fundamentalmente no comportamento da balança de pagamentos

Efectivamente, a subida anual dos depositos, que atingiram 23 526 812 873$71 no decurso do exercício findo, foi a maior de sempre na vida da Instituição O acréscimo, relativamente a 1970, cifrou-se em 3 572 128 939$77

Como no ano anterior, foi a componente de depositos a prazo que mais concorreu — com um aumento de 2 829 874 231$62 — para este expressivo avolumar de recursos

Esta observação se, por um lado, certifica a veracidade do incremento dos capitais confiados ao Banco, documenta tambem que esse crescimento se processou com base em depósitos primários e não em moeda escritural, facto que robusteca consideràvelmente a capacidade prestamista da nossa Organização

Quanto aos capitais proprios não houve alteração assinalável já que o aumento foi apenas o decorrente da elevação de reservas consequente da distribuição de resultados aprovada na ultima reunião de Assembleia de Accionistas

Todavia, ainda no decurso de 71, desencadeou-se o processo necessário a mais um aumento do Capital e das Reservas do Banco Na realidade, no uso dos poderes conferidos pelos Estatutos, o Conselho de Administração e o Conselho Fiscal deliberaram, em reunião conjunta realizada em Novembro, elevar o Capital para 759 000 contos — pela emissão de 99 000 acções, das quais 66 000 por força da incorporação de reservas e 33 000 com preferência para os Accionistas ao preço de 5 000$00 por acção, a liquidar no acto da subscrição. Este aumento, que se deverá concretizar durante o próximo mês de Fevereiro, trará ao nosso Estabelecimento de Crédito mais 165 000 contos de fundos próprios os quais continuarão assim a acompanhar a expansão dos capitais alheios recolhidos

CRÉDITO DISTRIBUÍDO

Entre as aplicações dadas aos recursos financeiros detidos pela Instituição destacam-se, evidentemente, na apreciação do Balanço, as contas do Activo do Banco, representativas do crédito concedido

Este expandiu-se segundo uma cadência muito viva ao longo de todo o exercício em apreço mas, com particular relevo durante o segundo semestre do ano. De tal modo que o saldo do crédito outorgado pelo Banco em 31 de Dezembro de 71 era de 19 428 milhares de contos contra 16 600 no fecho de contas de 1970

Três grandes orientações dominaram a política de crédito da Instituição durante este exercício Por um lado, atribuir objectividade aos critérios de decisão Por outro fazer, tanto quanto possível, corresponder as condições de crédito, em termos de prazo à capacidade de recuperação de fundos por parte das empresas Por último, não esquecer a função selectiva que o crédito exerce no financiamento de investimentos e no apoio das transacções dos diferentes sectores da vida económica Ser objectivo, ser adequado, ser selectivo eis os três propositos que definimos como orientadores da outorga de crédito

O conhecimento do empresario ou o perfil da sua conta são, sem dúvida elementos uteis à decisão Não são, porem suficientes Por isso tanto se impôs mais claramente uma relacionação estreita entre o empréstimo e a transacção que está na sua origem como um conhecimento mais amplo e detalhado da empresa obtido com base em elementos que traduzam com fidelidade a sua superficie patrimonial e as linhas da sua exploração económica

O financiamento correcto da empresa exige entretanto, que se diligencie adaptar o crédito à natureza das necessidades expressas Com efeito, o crédito a curto prazo foi, em passado recente, desviado para financiar o capital fixo das empresas donde resultaram para estas graves perigos traduzidos no desequilíbrio das suas estruturas financeiras e mesmo no colapso das suas tesourarias Por nossa parte, deliberadamente franqueámos a concessão de crédito a médio prazo, assegurando um adequado financiamento dos empreendimentos industriais que nos foram propostos e promovendo a transformação de parcela substancial dos recursos líquidos ou quase líquidos que nos estão confiados em inversões que acautelem o equilíbrio das empresas e encorajem mesmo os seus investimentos

Enfim, as responsabilidades que a Instituição tem no sistema bancário nacional face ao desafio do desenvolvimento económico obrigam-nos a subordinar a planificação do crédito aos ditames de carácter selectivo que as nossas Autoridades Monetárias fixam com o objectivo de fazer crescer a produção e contrariar as ameaças à estabilidade interna. O Banco deve assegurar produtividade ao crédito distribuido ainda que com o sacrificio da sua rentabilidade

Na execução da política de crédito que delineámos não foram, de forma alguma, prejudicadas as regras de liquidez perfeita Bem pelo contrário, o Banco manteve durante o exercício uma Tesouraria extraordinàriamente folgada, o que é comprovado pela ampla capacidade prestamista que as cifras do Balanço, que é sujeito a vossa aprovação, evidenciam

INTERVENÇÃO NO MERCADO FINANCEIRO

O financiamento da economia ou se processa por forma indirecta mediante a intervenção de intermediarios financeiros, que distribuem sob a forma de crédito os capitais por eles próprios recolhidos ou, de modo directo, entre os que poupam e os que investem

A circunstância de os bancos comerciais se encontrarem naturalmente integrados no primeiro processo não pode, seguramente, justificar indiferença pela melhoria dos circuitos que possibilitem o desejado desenvolvimento do financiamento directo da economia Pelo menos não e, nem foi, esta a orientação que adoptamos neste campo para as nossas iniciativas e realizações

Consideramos, na verdade, o aperfeiçoamento do funcionamento do mercado financeiro como tarefa da qual o nosso Banco se não pode alhear

Esta aquele mercado sujeito hoje a distorsões e estrangulamentos de ordem diversa que só poderão ser ultrapassados mediante profunda reforma dos instrumentos financeiros empregados ou das condições em que os mesmos são oferecidos Mas para alem dessas modificações estruturais que competem ao sector publico e algumas das quais estão já ai as anunciadas ha que dinamizar a procura por parte do aforro e encorajar a oferta por parte das empresas

Neste sentido diligenciou o Banco ser persuasivo tanto no conselho dado ao particular para investir no mercado financeiro, como conhecedor das carências das empresas em capitais permanentes, na orientação destas no recurso a emissão de títulos. Nestes termos, a actividade dos seus balcões especializados foi duplamente intensa no despertar dos nossos titulares de valores mobiliarios e, por outro lado, na tomada firme de acções e obrigações e na preparação de novas emissões O acesso da generalidade das sociedades portuguesas ao mercado financeiro foi objectivo em que sempre nos empenhamos

Intimamente relacionadas com esta tomada de consciência mais clara acerca do desejo de comprometer o Banco na expansão do mercado financeiro nacional, situam se as directrizes definidas quanto à participação de capital em outras empresas

Considerou o Conselho de Administração, em período em que o apelo ao crescimento da produção nacional é por todos sentido, que o comportamento do Banco nesse capitulo terá de ser pautado pelas seguintes regras as participações deverão estar relacionadas com empreendimentos em sectores considerados de ponta ou motores do desenvolvimento económico, deverão as nossas participações ser minoritarias, nos termos da legislação, ficando desde logo afastados quaisquer propósitos de domínio ou mesmo de simples controle, deverão dizer respeito a investimentos de grande expressão para o nosso meio, deverão, finalmente, supor da parte do Banco uma colaboração essencialmente financeira

Assim, pensamos contribuir tambem directamente para o crescimento economico do País Assim acreditamos e assim queremos continuar banco independente, isto é, nem dependente de grupos nem favorecendo grupos

NOVAS INICIATIVAS

No quadro das nossas iniciativas, cumpre agora recordar a realização, em Lisboa, do V dos nossos Encontros Internacionais, dedicado este ano às relações económicas com o Brasil Teve ele a participação de entidades oficiais dos dois Países e de mais de duas centenas de individualidades vivamente interessadas no desenrolar dos debates Para este Encontro contámos com o precioso concurso da União de Bancos Brasileiros com quem, como foi oportunamente anunciado, estabelecemos um acordo de associação e mutua participação accionista

Como os meios de informação largamente noticiaram, abalançámo-nos a uma outra iniciativa externa — a realização do I Seminário para Banqueiros Estrangeiros No decurso deste reunião, mais de duas dezenas de representantes de instituições de crédito de projecção internacional examinaram connosco, ao longo de quinze dias, os aspectos essenciais que caracterizam a conjuntura da economia portuguesa e as perspectivas que o seu desenvolvimento oferece às empresas e aos capitais estrangeiros.

Quanto aos nossos serviços, referência particular deve ser feita ao de Crédito Pessoal, lançado no nosso meio com caracteristicas inéditas Este tipo de empréstimo, concedido tanto para fazer face a despesas periódicas ou imprevistas, como para antecipar a realização de projectos cuja efectivação o particular ambicionava para um futuro próximo, veio enriquecer as relações deste tipo de clientela com o Banco, abrindo-lhe novas perspectivas de promoção pelo seu convivio de depositante com o nosso Estabelecimento de Crédito

Em obediência ao mesmo propósito de aperfeiçoar os laços que nos unem à clientela particular cremos ainda, no Porto e em Lisboa, a Telebolsa que faculta, pelo adequado apróveitamento de circuitos especiais de televisão, a informação simultânea e praticamente directa, para os nossos balcões de titulos, dos resultados das sessões diárias da Bolsa de valores

INSTALAÇÕES DO BANCO

Mais um exercicio decorreu sem que fosse autorizada ao Banco a abertura de novos estabelecimentos, agências ou simples dependências

O desenvolvimento economico regional exige, como se sabe uma harmoniosa repartição de estabelecimentos bancários por todo o território O País esta longe de se encontrar dotado da cobertura bancária que faculte balcões aos que desejem obter rendimentos para os capitais aforrados e assegure resposta satisfatoria em termos de crédito, às actividades económicas regionais Havera pois no espaço nacional poupanças que se perdem para o desenvolvimento económico e riqueza que não é mobilizada ou antecipada, convenientemente, pela ausência do crédito adequado

Se não vos anunciamos a abertura de alguns dos muitos estabelecimentos que, pela razão indicada, estão pendentes da competente autorização ministerial devemos comunicar-vos a renovação completa das instalações das Agências de Alpiarça e Póvoa de Varzim e das Dependências de Campanhã, no Porto, e da Praça de Londres, em Lisboa, a par de grandes beneficiações introduzidas nas nossas instalações da Covilhã e Castanheira de Pera. No Estabelecimento Central, em Lisboa, concluímos as grandes obras de ampliação que há cerca de 4 anos iniciámos no nosso prédio da Rua do Ouro; aí nos são agora possíveis um confortável acolhimento do público e uma sensível melhoria no funcionamento dos serviços Profundas remodelações sofreram também muitos dos serviços da nossa Sede Social, com vantagem e satisfação de Clientes e Funcionários.

LUCROS DO EXERCÍCIO

As receitas gerais do Banco alcançaram em 1971 a elevada cifra de 1 419 928 850$28 quando, no ano anterior, tinham atingido 1 105 911 436$73.

Este expressivo acréscimo ficou a dever-se não só à subida das taxas de juro ocorrida em Fevereiro do ano passado como, também, ao maior volume de operações activas realizadas

Paralelamente, verificou-se um novo agravamento dos encargos de exploração que ascenderam a 1 327 574 629$68, enquanto, em 1970, se haviam quedado em 1 020 015 100$33 Para esta situação concorreram principalmente os custos com a remuneração dos capitais colocados a prazo

Contudo, o lucro financeiro da Instituição, resultante da adição ao lucro líquido das provisões constituídas para riscos de crédito e das amortizações de instalações e de equipamento, perfaz uma verba de ordem dos 237 milhares de contos, cerca de 20 milhares de contos acima do apurado em 1970

Para o lucro líquido apresentado no Balanço — 92 354 220$60 — propomos a seguinte distribuição

Fundo de Reserva Legal	10 000 000$00
Fundo de Reserva Variavel . . .	18 000 000$00
Dividendo (10 %)	66 000 000$00
Conta Nova	354 220$60

Se esta proposta merecer a vossa aprovação as Reservas atingirão 719 000 000$00, verba que, somada com o Capital, perfaz 1 379 000 000$00 de Fundos Proprios

CORPOS GERENTES

No mes de Maio do ano findo convidámos, ao abrigo dos Estatutos, para o exercicio do cargo de Administrador o até então Secretário-Geral, Senhor Artur Luís Cupertino de Miranda, cuja vida profissional tem sido inteira e generosamente devotada ao Banco Esta cooptação decidida pelo Conselho devera agora, nos termos dos nossos Estatutos, ser confirmada pelos Senhores Accionistas

Para sua substituição no cargo que vinha desempenhando, deliberou o Conselho, nessa oportunidade, nomear o Director Dr Joaquim Abreu Trigo de Negreiros O novo Secretário-Geral é titular de uma larga folha de relevantes serviços prestados à vossa Instituição

Pouco antes do final do ano verificou-se o falecimento do prestigioso Accionista e dedicado Amigo do Banco que foi o Ex.mo Senhor Jose Pinto da Silva Lello, Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral O Conselho de Administração aqui manifesta tambem o seu profundo pesar por tão triste acontecimento

BANCO COMERCIAL DE ANGOLA

A natural e sempre grata referência que tradicionalmente fazemos, no Relatório do exercício, ao nosso afilhado Banco Comercial de Angola começa, este ano, por recordar com profundos sentimentos de regozijo e orgulho, o início da sua actividade em Moçambique Ultimadas com êxito e mútua satisfação as negociações que conduziram à incorporação, no património do B C A, do prestigioso conjunto de estabelecimentos que o Barclays Bank D C O possuia naquela nossa Provincia, realizou-se no passado dia 14 de Agosto, em cerimónia de grande brilho e solenidade, a inauguração oficial do primeiro Estabelecimento do Banco em Lourenço Marques, com a presença do Governador Geral, dos Secretários Provinciais e demais altas Autoridades O Presidente e os Membros do Conselho de Administração do Banco Comercial de Angola participaram, naturalmente, em todos os actos que assinalaram o acontecimento e que tiveram a maior repercussão no nosso Ultramar

O Banco Português do Atlântico esteve neles representado, como era seu gratíssimo dever, pelo proprio Presidente do seu Conselho de Administração

No curto espaço de 4 meses conta já, este nosso Associado com 6 estabelecimentos em Moçambique os quais, juntamente com os 58 de que dispõe em Angola, lhe asseguram uma pujante cobertura bancária dos nossos territórios ultramarinos, inteiramente votada ao seu desenvolvimento económico

A expansão do Banco Comercial de Angola ao longo do Exercício findo pode qualificar-se de francamente notória Os seus depósitos cresceram de 4 709 milhares de contos para 6 315, ao mesmo tempo que o volume dos seus capitais próprios subia de 356 para 438 milhões de escudos.

A intensa actividade que as verbas assinaladas documentam foi tambem amplamente frutuosa Na realidade, as suas receitas gerais ascenderam, em 1971, a 499 milhões de escudos, proporcionando a formação de um lucro líquido da ordem dos 40 milhões de escudos

AGRADECIMENTOS

As palavras que, seguramente, com maior gosto deixamos consignadas neste Relatório são as que testemunham gratidão aos que nos coadjuvaram

Aos Dignos Membros do Conselho Fiscal desejamos exprimir o melhor reconhecimento pelo atento interesse com que quiseram assistir aos nossos trabalhos.

O saber o zelo e o dinamismo dos mais altos Funcionários do Banco e nossos mais próximos Colaboradores, constituem factores decisivos do êxito de actividade deste Estabelecimento de Crédito Sob a sua imediata orientação, os Quadros do Pessoal do Banco são, em grande parte, os responsáveis pelo progresso que a Instituição mais uma vez registou, ao longo do exercício anual A todos é devido o nosso louvor e agradecimento que não esquece a acção dos Correspondentes espalhados por todo o território nacional e pelo estrangeiro

PORTO 20 de Janeiro de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

João Carlos Sobral Meireles, Presidente
Afonso Patricio Gouveia
Alberto Seraiva e Souza
António Brandão Miranda
Artur Luis Cupertino de Miranda
Carlos da Camara Pestana
Mário Vieira de Miranda Monteiro
Vasco Vieira de Almeida

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1971

ACTIVO

DISPONIVEL E REALIZAVEL			
Caixa e Depósito no Banco de Portugal	3 140 828 562$66		
Depósitos noutras Instituições de Crédito	1 035 416 936$96		
Premissórias de Fomento Nacional	333 000 000$00	4 509 245 499$62	
Correspondentes no Estrangeiro	913 818 398$02		
Ouro, Moedas e Notas Diversas	60 886 493$62		
Carteira de Títulos e Cupões	623 730 312$90		
Carteira Comercial	13 250 217 124$82		
Letras sobre o Estrangeiro	481 811 570$62		
Correspondentes no País	383 897 421$75		
Espréstimos e Contas Correntes Caucionados	2 633 578 462$09		
Devedores e Credores	707 358 912$28		
Empréstimos a mais de um ano	1 493 534 516$12		
Outros Valores Realizáveis	113 638 835$26	20 662 472 047$48	25 171 717 547$10
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras		357 083 036$08	
Despesas de Constituição e de Instalação:			
Custo	47 738 505$05		
Amortização	26 330 417$37	21 408 087$68	
Mobiliário e Material			
Custo	85 515 996$96		
Amortização	36 309 870$47	49 206 126$49	
Imóveis:			
Custo	228 572 730$07		
Amortização	33 548 184$28	195 024 545$79	
Outros Valores Imobilizados:			
Custo	2 382 474$50		
Amortização	2 000 000$00	382 474$50	623 104 270$54
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO			
Contas Transitórias e de Regularização		5 865 251 667$11	5 865 251 667$11
			31 460 073 484$75
CONTAS DE ORDEM			
Valores de Conta Alheia		10 927 825 590$83	
Valores Recebidos em Caução		10 633 837 362$32	
Devedores por Garantias e Avales Prestados	3 874 640 065$30		
Devedores por Aceites	5 487 037 616$95		
Devedores por Créditos Abertos	162 259 318$88	9 523 937 021$13	
Outras Contas de Ordem		1 065 882 277$00	32 151 482 251$28
			63 611 555 736$03

PASSIVO

EXIGIVEL			
Depósitos à Ordem - Moeda Nacional	10 416 779 848$03		
Depósitos à Ordem - Moeda Estrangeira	136 288$25		
Depósitos com Pré-Aviso - Moeda Nacional	677 345 000$23		
Depósitos a Prazo - Moeda Nacional	12 288 799 737$20		
Depósitos a Prazo - Moeda Estrangeira	143 752 000$00	23 526 812 873$71	
Cheques e Ordens a Pagar	99 975 467$36		
Exigibilidades Diversas	21 051 938$60		
Correspondentes no Estrangeiro	50 733 533$58		
Correspondentes no País	12 190 024$72		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	43 548 606$63		
Devedores e Credores	207 917 939$07	435 417 509$96	23 962 230 383$67
NÃO EXIGIVEL			
Contas Transitórias e de Regularização		5 453 968 964$64	
Mais Valia da Carteira de Títulos		11 801 682$38	
Provisões Diversas		586 720 233$46	6 052 488 880$48
CAPITAL E RESERVAS			
Capital		660 000 000$00	
Fundo de Reserva Legal		76 235 558$46	
Reserva de Reavaliação		5 671 544$10	
Outros Fundos de Reserva		611 092 897$44	1 353 000 000$00
RESULTADOS			
Lucros e Perdas			
Saldo do Exercício anterior		396 336$40	
Resultado do Exercício		91 957 884$20	92 354 220$60
			31 460 073 484$75
CONTAS DE ORDEM			
Credores por Valores de Conta Alheia		10 927 825 590$83	
Credores por Valores Recebidos em Caução		10 633 837 362$32	
Garantias e Avales Prestados	3 874 640 065$30		
Aceites	5 487 037 616$95		
Créditos Abertos	162 259 318$88	9 523 937 021$13	
Outras Contas de Ordem		1 065 882 277$00	32 151 482 251$28
			63 611 555 736$03

CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITO

Juros e Comissões a n/ cargo		785 818 214$60	
Contribuições e Impostos		36 748 284$60	
Despesas com o Pessoal:			
Remunerações dos Órgãos Sociais	8 892 286$40		
Remunerações dos Empregados	233 811 248$50		
Encargos Sociais Obrigatórios	19 016 618$81		
Outros Encargos	4 570 980$85	266 291 134$56	
Despesas Gerais:			
Publicidade	13 130 598$70		
Conservação de Instalações	2 062 124$40		
Conservação de Mobiliário e Material	2 653 822$90		
Outras Despesas	75 033 934$74	92 880 480$74	
Encargos Diversos		271 127$52	
Provisões e Amortizações			
Dotações para Provisões Diversas	110 122 526$10		
Dotações para Contas de Amortização	35 442 861$56	145 565 387$66	1 327 574 629$68
Saldo			92 354 220$60
			1 419 928 850$28

CRÉDITO

Saldo do Exercício anterior		396 336$40
Juros e Comissões a n/ favor	1 232 938 150$67	
Resultados em Operações Cambiais e s/ Títulos	100 003 298$14	
Rendimento de Títulos de Crédito	27 556 668$90	
Outros Rendimentos, Receitas e Lucros	59 034 396$17	1 419 532 513$88
		1 419 928 850$28

O Chefe da Contabilidade
Fernando Barbosa

O Presidente do Conselho de Administração
João Carlos Sobral Meireles

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS

O Conselho de Administração apresentou-nos o Relatório da sua actuação durante o Exercício de 1971, a proposta que vos submete para a aplicação dos resultados da sua gerência, o Balanço e a Conta de ganhos e perdas do Banco relativos ao mesmo Exercício, documentos esses instruídos de harmonia com todas as disposições legais e estatutárias

Tendo apreciado com o maior interesse este Relatório, muito nos apraz significar-vos a nossa inteira concordância com a orientação que determinou a extensa e intensa actividade do Conselho de Administração no Exercício em apreço, a nossa grande satisfação pela consciência que o mesmo revela das responsabilidades e obrigações que vinculam o nosso Banco ao crescimento económico da Nação; a clareza de conceitos e o corajoso espírito de determinação que o anima na prossecução dos objectivos que se propôs e, quanto a nós, inteiramente conseguiu atingir

O Balanço e as Contas, em cuja organização mais uma vez constatamos a rigorosa observância de todas as instruções da Inspecção Geral de Crédito e Seguros, nomeadamente das que respeitam aos critérios valorimétricos dos diversos elementos patrimoniais do Banco, reflectem, na eloquente simplicidade das cifras que consignam, uma gestão que foi tão atenta e ponderada quanto de resultados fecundos e promissores

O harmonioso e intenso desenvolvimento das diversas rubricas do Balanço, as invulgares taxas de crescimento conseguidas, a competência, energia e devotamento à Instituição de que o Conselho de Administração deu constantes provas ao longo de todo o Exercício, conforme tivemos a satisfação de observar no regular exame das contas e demais elementos de gestão a que procedemos em cumprimento do mandato em que nos investistes, merecem o nosso apreço, o nosso apoio e o nosso louvor

Sensibilizados pela gentileza de referência com que nos distinguem, muito gostosamente endereçamos estes sentimentos aos Senhores Administradores, na figura do seu Presidente que recebe também, dos excelentes resultados do seu primeiro mandato justa consagração das qualidades que vos levaram a escolhê-lo para tão exigente função

A Assembleia será chamada, conforme o preceituado nos Estatutos do Banco, a confirmar a designação para o cargo de Administrador do Ex.mo Senhor Artur Luís Cupertino de Miranda

Associamo-nos muito sentidamente ao profundo pesar que o Conselho manifesta pelo falecimento do Accionista Ex.mo Senhor José Pinto da Silva Leão distinto Vice-Presidente da Mesa da vossa Assembleia

A concluir, somos Senhores Accionistas, de

PARECER

1.º — que aproveis o Relatório, o Balanço e as Contas do Exercício de 1971 apresentados pelo Conselho de Administração,

2.º — que deve também merecer a vossa aprovação a proposta de distribuição dos lucros do Exercício que o mesmo Conselho vos submete;

3.º — que manifesteis o vosso apreço e o vosso louvor ao Conselho de Administração pela sua exemplar actuação e pelos bons resultados que o Banco dela obteve, e, ainda,

4.º — que acompanheis o Conselho de Administração no seu expressivo testemunho de reconhecimento pela colaboração que recebeu dos Quadros e Correspondentes da vossa Instituição

PORTO, 28 de Janeiro de 1972

O CONSELHO FISCAL

José de Castro Côrte-Real (Conde de Fijó), Presidente
António Albuquerque de Sousa Lara
António Joaquim Borges Fernandes Vinagre
Fernando Ildefonso Ferreira Bordallo
João Maria de Castro Lacerda

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Necrologia

João Caseiro

Faleceu o sr. João Caseiro de 68 anos, Agente Comercial, natural de Manases (Leiria); casado com a sr.ª D. Maria Rita Purificação da Silveira Caseiro, pai do sr. João Maria da Silveira Casiero.

O funeral a cargo da AGÊNCIA SALGADO, realiza-se amanhã às 15 horas, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, para Jazigo no cemitério de Oeiras.

Capitão José Luís dos Santos Romão

Por iniciativa de um grupo de antigos hoquistas, é celebrada missa de sufrágio na Igreja dos Mártires, ao Chiado, pelas 19 horas do dia 6, por alma do capitão José Luís dos Santos Romão, falecido há quatro anos, e que foi presidente da Federação Portuguesa de Patinagem e vice-presidente honorário da Federação Internacional.

FUNERAIS

Gabriel Pedro

Faleceu em Paris, onde residia há anos, o sr. Gabriel Pedro, que uma vida inquieta, plena de anseios e angústias, levou a emigrar para França. Era um homem de espírito idealista convicto, activo, generoso e de larga compreensão da solidariedade humana. Foi hoje sepultado no cemitério de Thais daquela cidade.

Deixa viupva a sr.ª D. Adelaide de Fonseca e era pai da sr.ª D. Rosa Fonseca e do sr. Edmundo Pedro, casado com a sr.ª D. Mari de Lourdes Pedro; irmão da sr.ª D. Adelina Cardoso e do sr. José Cardoso e avô de Olga Maria, Natércia Maria, Sónia Maria e Maria Adelaide Pedro.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concursos de Alimentação para o 2.º trimestre de 1972

Batatas
Concurso Público n.º 51/72
Legumes frescos e hortaliças
Concurso Público n.º 52/72
Peixe congelado
Concurso Público n.º 53/72
Hamburgers
Concurso Público n.º 54/72

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados (das 9 às 12.30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 1 de Março de 1972.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
a) *Manuel Brioso Pina de Jesus*

amor vivo
F. Tordo e Ary dos Santos

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 210 REFERENTE A MARÇO

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males pelos meios puramente naturais, assinai já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral podendo estar certos de que pelos seus ensinamentos recuperais mais Bem-Estar e Alegria de Viver.

Director e proprietário: DR. INDIVERI COLLUCI

Do sumário destacamos os seguintes artigos:

— **Presente e Futuro da Patologia Carencial**
— **A Rede Vascular e as Doenças da Circulação**
— **Os Ignorados Malefícios da Carência do Pão Branco**
— **Ataques Cerebrais**
— **A Cura dos Incuráveis**
— **Apêndice, Leucemia e Radiações**
— **O Regime Alimentar e a Saúde**
— **Donde Procedem as Carências**
— **Em Benefício da Saúde**
— **Indígenas de Moçambique**
— **Os Rins, etc.**

Todos os pedidos devem ser dirigidos a esta administração: **Rua Antero de Quental, 35-1.º, Dt.º** (ao Intendente) — **Telefone 55 64 98.**

Assinatura Anual, 65$00; Semestral, 35$00; Estrangeiro e Ultramar, 85$00; Número avulso, 7$50

SE ADQUIRIR UM NÚMERO A TÍTULO DE EXPERIÊNCIA FICARÁ LOGO NOSSO CLIENTE

Fogo em instalações militares

Cerca das 6 horas de ontem, declarou-se um incêndio que poderia ter tido graves consequências, no Centro de Doentes Ambulatórios e Convalescentes do Hospital Militar Principal, na Artilharia

O fogo iniciou-se no sotão do pavilhão de Dermatologia, calculando-se ter tido origem num curto-circuito. Se bem que soprasse algum vento e que no local se encontrassem detritos facilmente combustíveis, para lá do facto da construção, pela sua antiguidade, não oferecer as melhores condições de segurança em casos semelhantes, o sinistro foi prontamente dominado e os doentes evacuados.

Tribunais de família

Uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, dr. Almeida Costa, e publicada no «Diário do Governo» de hoje, determina que os tribunais de família de Lisboa e Porto entrem em funcionamento no dia 4 de Abril.

ANALISTAS DE SISTEMAS

Pretende grande Banco para ingresso nos seus quadros. São condições de admissão:

1 — Experiência bancária

2 — Prática de programação e de desenho de sistemas.

É condição de preferência a licenciatura de Ciências Económicas ou frequência dos últimos anos.

Exige-se situação militar resolvida.

Resposta com «Curriculum» detalhado, indicando experiência, idade, habilitações e situação salarial.

Guarda-se sigilo absoluto.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 523

TERROR PURO... DIABÓLICO.

Realização de: DANIEL HALLER · Produção de: PAT GREEN · Argumento de: JERRY SOHL
COLORSCOPE
GRUPO D/18 ANOS

HOJE—ESTREIA ÀS 21.30

NO EUROPA

VITÓRIA DE SETÚBAL: a sombra do campeão

Estamos mais ou menos tranquilos: a nossa melhor classificação de sempre foi conquistada há duas épocas, quando terminámos o «Nacional» na 3.ª posição. Este ano vamos em segundo lugar, com dois pontos de avanço sobre o Sporting. Embora tenhamos ainda alguns jogos difíceis para cumprir (Alvalade, Coimbra e Restelo) a verdade é que temos muitas hipóteses de conseguirmos, este ano, suplantar a história antiga e ficar em segundo lugar. As gentes de Setúbal não estão muito entusiasmadas com o facto: habituaram-se já a esta constante renovação de valores, e todos os associados do clube encaram com perfeita naturalidade o facto de estarmos em segundo lugar sem pretenderem mais. Não subimos de repente: tudo é consequência de um labor consciente e honesto, levado a cabo ao longo de vários anos de trabalho. E a massa associativa compreende isso mesmo. Da mesma maneira que não vibra com os feitos a nível nacional, também não rasga os cartões à primeira contrariedade. Não há nenhum segredo no nosso triunfo; apenas um trabalho de coordenação e um lote de bons profissionais.

José Maria Pedroto é um homem calmo que não teme as palavras, porque sabe o seu verdadeiro significado, porque tem consciência de tudo quanto se diz. Não se entusiasma com os feitos dos seus rapazes: porque sabe que tudo é fruto de um labor entusiasta, porque se sabe compreendido e estimado pelo «team».

A massa de sócios do Vitória ajudou-nos muito a subir ao plano em que hoje estamos. Não exige, apenas, os dois pontos da vitória em cada domingo: pretende a exibição, espírito de sacrifício, colectivismo. Isto, em graus sucessivos cada época que passa. Daí eu dizer que o clima em Setúbal não é de euforia para com a sua equipa. Vamos continuar a trabalhar, pois só assim conseguiremos atingir a meta proposta. Os alicerces estão lançados. O edifício já começou a ser erguido. Vamos lá ver até que andar poderemos subir

Sou a favor e contra o aumento das divisões dos nossos campeonatos. A favor, se entendermos esse aumento como fomento do desporto. Só assim o futebol de primeiro plano poderá conhecer zonas geográficas nunca dantes visitadas. Mas, para isso, necessário se torna reconhecer uma trilogia indispensável: bons campos, boas bolas e boas botas. É aqui que o aumento da 1.ª divisão não está a corresponder: há ainda alguns campos de futebol, na divisão principal, que são tudo menos isso. É a face negativa do aumento das divisões.

Espírito de compreensão, amizade e camaradagem, sublinham o trabalho no Bonfim.

A calma personificada, a consciência feita palavra, o espírito são: José Maria Pedroto. Que está a fazer escola na progressiva cidade do Sado. Que, devagar, mas progressivamente, está a fomentar e a educar uma população que não vê apenas no golo a finalidade primeira do futebol. Que conscientemente e ordeiramente (como amigo) está à frente de uma equipa de futebol que não tem medo de um «papão» chamado Benfica.

TORRES o goleador

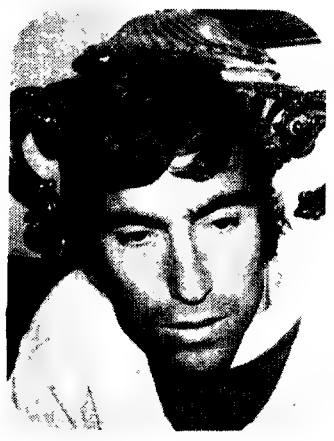
«Meu nome de baptismo é José Augusto da Costa Sénica Torres, e nasci em Torres Novas, no dia 8 de Setembro de 1938. O meu primeiro clube foi o Torres Novas, onde alinhei durante três épocas. Em 1959, vim para o Benfica: onde me mantive até a época passada e vivi as maiores alegrias da minha vida de desportista. O ano passado vim para o Vitória de Setúbal, onde espero findar a minha carreira. Para o ano termina o meu contrato: se vir que já não tenho forças, despeço-me do futebol. Ainda esta época pensei na «Bola de Prata». No entanto, o Artur Jorge (com cinco golos contra o Tirsese) desfez-me os sonhos».

MATINE, a força

«Augusto Matine, de meu nome completo. Nasci em Lourenço Marques, no dia 13 de Fevereiro de 1946. O meu primeiro clube foi o «Central», da 2.ª divisão de Moçambique. Iniciei-me nos juniores e passados dois anos estava na categoria de honra. Passado um ano vim para o Benfica, onde estive durante seis épocas. Este ano represento o Vitória, clube que me recebeu com os braços abertos e onde me sinto muitíssimo bem. Nada sei quanto ao meu futuro: ou regresso ao Benfica ou mantenho-me no Vitória. A carreira da minha actual equipa tem sido formidável. Todos pensamos ser possível conquistarmos a melhor classificação de sempre».

JOSÉ MARIA, o estratega

«Nasci em Luanda, no dia 7 de Junho de 1943. Deram-me o nome de José Marja Junior e foi nos juniores do S. Paulo Futebol Clube que iniciei a minha carreira. Transitei depois para o Atlético de Luanda e daqui para Setúbal, onde vivo há dez épocas. Já estive para sair desta cidade, mas o clube usou da faculdade de opção. De qualquer maneira, sair ou não só depende das direcções. O futebol para mim é uma profissão em que procuro cumprir o melhor possível. Quando a minha carreira de futebolista profissional terminar, ainda não pensei bem no que vou fazer. Mas, o mais provável, será regressar a Luanda».



CARDOSO, o «capitão»

« A MINHA VIDA DE FUTEBOLISTA SÓ CONHECE UM CLUBE: o Vitória de Setubal. Comecei nos juvenis há 11 anos, e desde logo a defesa central. Já vesti para além da camisola do vitória, a das quinas: primeiro, em Paris, na «selecção de esperanças»: depois, em Wembley, como titular da selecção «A». Nunca me tentaram a sair do Vitória: e, a verdade é que me sinto muito bem aqui. O futebol, para mim, é uma profissão com outra qualquer, digna e que vai dando os seus proventos. O meu nome completo: Carlos Alberto Lourenço Cardoso. Nasci em Setúbal no dia 29 de Dezembro de 1944 e sou o «capitão» do Vitória».

DL EM TODAS

CASA DO DESPORTO: amanhã, no Porto, o ministro da Educação Nacional inaugura o imóvel da Rua da Boavista em que vão ficar instaladas quase todas as Associações desportivas nortenhas.

CICLISMO: o espanhol Juan Carinena é pretendido pelo seu conterrâneo José Vidal, massagista e responsável pela equipa das Antas, para o conjunto das Antas.

AVINTES: o associado Hernâni Costa ofereceu ao clube local o terreno para construção de um estádio.

ANDEBOL: o Juventude de Evora renunciou ao campeonato da II divisão. Assim, para acerto do calendário, apenas se efectuou um jogo: Vilamorense, 22-Bairro Latino, 21.

TÉNIS: Paço de Arcos (3-0), Ferroviário (3-1) e Sporting (3-0) venceram os encontros contra Recordação de Apolo, Laranjeiro e Alunos de Apolo, respectivamente, a contar para a Taça de Portugal entre equipas femininas. Resultados da competição reservada a juvenis: Sport Lisboa e Aguias, 5-Benfica, 0; Sporting, 1-Recordação de Apolo, 5; Sport Lisboa e Amoreiras, 5-Fontainhas, 2; Castelo, 1-Rio Seco, 5 e Belenenses, 5-Bairro Taxa, 0. Juvenis populares:Musical 3 de Agosto, 1-Económicas, 5; Lapa, 1-Bairro Janeiro, 5; Dafundo, 2-Laranjeiro, 5; Academia 1.º de Setembro, 1-Casa Pia, 5; Rio Seco, 5-Estrêla da Amadora, 3.

HÓQUEI EM PATINS: o Torneio de Preparação da divisão secundária deu mais um passo. Desfechos dos últimos jogos: Académica da Amadora, 4-Liga de Algés, 5 e Educação Física, 4-Queluz, 4.

TAPADINHA: os sócios do Atlético que quiserem ver o seu clube em acção contra o Sesimbra terão de pagar bilhete. Neutralizado o terreno de jogo: é do regulamento da «Taça».

BARREIRENSE: assembleia geral na noite do dia 10. O provável aumento do preço das cotas está na ordem dos trabalhos.

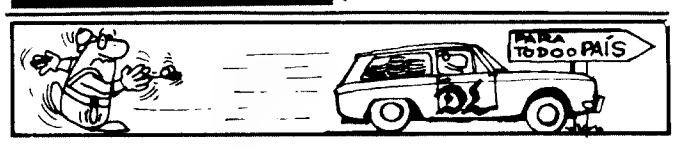
BOAVISTA: assinada a escritura para a compra de terrenos destinados ao Estádio do Bessa. Pelos «axadrezados» assinaram o dr. Cordeiro dos Santos e Olímpio de Magalhães.

VIANA DO CASTELO: palestra por Joaquim Meirim, na noite de 2.ª feira, na Associação Nun'Alvares. O discutido treinador fala pela primeira vez na terra da sua naturalidade.

ATRIVM
PARA VOS SERVIR
RESTAURANTE
Serviço de Bar
das 15h e 30m às 24h
Rua de S. Julião
imPacto

Nikon F2

LUSTRES
de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..
VENDA AO PÚBLICO



PRÉDIO
EM BELÉM
Construç. cimento armado — composto de 12 inq. habitações de 4 div. ass., cozinha, 2 casas de banho, despensa, marquise e hall. Alugado com rendas baixas. PREÇO 3.850.000$00.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384-5-6 — 328232-3 — 361756

bolsa de lisboa

FUNDOS DE ESTADO

	Efec	Compra	Venda
Cons. 2 3/4			
Cons. 3 %		456$5	465$5
Cons. 3 1/2			
Centenários		.284$	.284$
Tes 5 % 57		.000$	.000$
Tes. 5 % 59		1 000$	.000$
Exter 1.ª s.		590$	
Extern. 1.ª c.			780$
Extern. 3.ª s.			
Extern. 3.ª c.			
Caut. 3.ª s.			

FUNDOS PÚBLICOS

A. Lx 6 %	930$	930$	
C M L 5 3/4		997$	1.000$
C P 5,5 % — 67		975$	980$
C. P. 5,5 % — 68	980$	975$	
C. P 5,5 % — 69			
Corr. 5 3/4 %	950$	950$	960$
Metr 5 3/4 %	990$	985$	995$
Tur 5 3/4 %	.000$	.000$	.005$

ELÉCTRICAS

G. 5 % — 58			880$
G. 5 % — 59			890$
G. 5 % — 62		960$	
G. 5 % — 63		960$	
G. 5 % — 64			
G. 5 % — 65		905$	
G. 6 % — 67			
G. 6 % — 69			995$
H. E. A A 5 %	990$	780$	790$
H. E. C. 5 %			
H E. C. 6 %			
H. E. D. 5 %			850$
H. E. D. 6 %			
H. E N. P. 5 %	800$		
H. E. S. E 5 %		900$	
H. E S. E 6 %		950$	
H. E. Z. 5 % — 57		840$	
H. E Zêz. 6 %			
N Elec. 5 %		800$	850$
N Elec. 6 %			
Termoel 5 %	820$	820$	825$
U. E. P. 5 % — 60			770$
U. E. P 5 % — 63			
U. E P. 6 %			

DIVERSAS

A. P T 5 % — 56		890$	895$
A P T 5 % — 58		890$	895$
Lisnave 6 %			960$
Nitratos — 60			810$
Pet. 2.ª e 3.ª		860$	
P Celul 5 %			
Sacor 5 % — 54		950$	980$
Sacor 5 % — 60			880$
Sid. 5 % — 2.ª	800$	800$	
Sid 5 % — 3.ª	800$	800$	
Sid. 5 % — 4.ª	800$	800$	
Socel. 5 %		910$	
U. Fabril 67		945$	
U. Fabril 68			

ULTRAMARINAS

Carbonif 5 %		600$	
Rev. 5 % -57		700$	
Rev. 5 - 59/60		700$	
Moçamb. 5 %		400$	430$
Sonefe 5 %	8 0$		810$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	2.780$	2.780$	2.790$
Alentejo	.390$	.385$	.395$
Angola	3.600$	3.600$	3.700$
Cred Predial	5.950$	5.950$	5.980$
Esp. Santo	8.860$	8.850$	8.880$
Fomento		4 500$	4 650$
F & Burnay	38.000$	37 000$	38.000$
N. Ultr. m		5 050$	
N Ultr c	5.600$	5 570$	5.650$
Portugal n		4.850$	5 000$
Portugal p.		6.200$	6.400$
P Atlântico	8.070$	8.050$	8. 00$
Totta & Açores	5.880$	5.860$	5.880$
Borges & Irmão		8.050$	8. 50$

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 = 100)

	25-2-72	2-3-72	3-3-72
GERAL	183,3	182,2	181,6
METROPOL	183,5	82,4	181,5
ULTRAM	181,7	181,1	182,6

	Efec	Compra	Venda
De Seguros			
Alentejo	14 $5	4 $5	142$
Bonança			
Mundial	.038$	.038$	.039$
Soberana		.730$	.780$
Tranquilidade			
Eléctricas			
C P. E p.	. 27$	. 26$	. 30$
C P E n.	. 8$	. 8$	1. 20$
E. Beiras		780$	.800$
G Elec c	362$5	362$5	363$
H E A A	85$	84$5	.85$
H. E. N P			235$
H. E. S E	1.880$	. 860$	1.900$
U E P	205$	205$	206$
Ultramarinas			
Ag Cassequel	.370$	1.370$	1.380$
Ag Incomáti	2 830$	2 800$	2 830$
Ag. S. T e P.		70$	80$
Aç Angola		1 050$	1 .00$
Alg Angola			225$
Ang. Agric		725$	790$
Boror		120$	130$
Boror Com		70$	
Buzi	82$	82$	83$
Cabinda		15$	60$
Com Lobito	870$	870$	875$
D A — T. 100	2.070$	2 050$	2.080$
H E Revué		560$	
I do Princ			550$
Moçambique		78$	80$
Sonefe n			
Sonefe p		395$	400$
Zambézia		63$	65$
Diversas			
Ag Lx ant		4 0$	
Ag Lx — 34		425$	435$
Ag Lx. — 36		395$	400$
Cel Guadiana		5 00$	5 300$
C Leiria p.		4.800$	5.000$
C Tejo p	9.500$	9.300$	9 700$
F Ramada		500$	1.550$
Fornos Eléct.	142$	.42$	143$
P Celulose	3.900$	3.880$	3.900$
Siderurgia p	4.650$	4.600$	4.650$
Siderurgia n	3. 60$	3 55$	3. 65$
Socel	3 780$	3.770$	3 790$
Cidla	7 000$	6.950$	7 050$
C. U F	3 500$	3 490$	3 520$
Intar	597$	595$	599$
Nitratos			
Petroquímica	60$	50$	70$
Sacor	2.900$	2 700$	2.900$
Tab Portugal		.900$	2 00$
Tabaqueira	7.600$	7 600$	7.700$
U F. Azoto	950$	945$	950$
Empor	300$		300$
Ind Aliança			
I P. Colón	960$	960$	
Nac Naveg.	7 00$		7. 130$
Naveg. (Col)	2 450$	2 450$	2.480$
P Pesca	50$	.00$	50$
R. Marconi	450$	420$	1 450$
T A P.	1.325$	1.325$	1.330$
Atlântico		224$30	23 $00

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

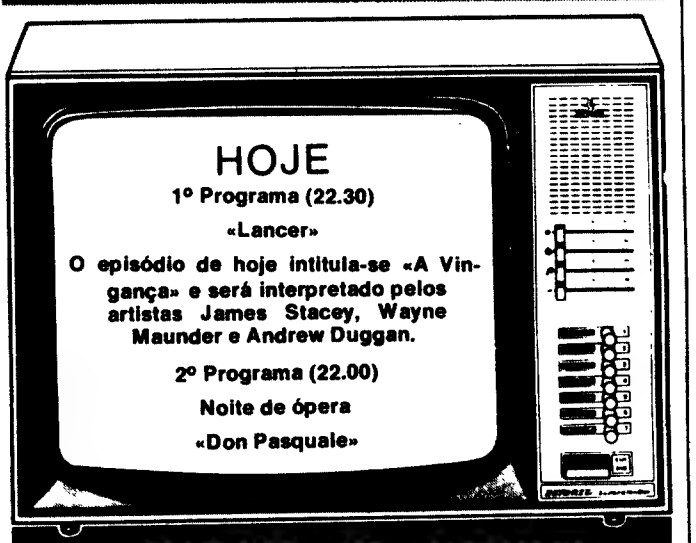
Atlântico	—	—	—
F I D. E S	—	—	—

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul - Rands	29$50	33$00
Alemanha - Marco	8$35	8$65
America		
Dollars de 1 e 2	26$30	27$00
Dollars de 5 a 20	26$60	27$40
Dollars de 50 a 1000	26$70	27$50
Argentina - Peso Novo		
Austria - Schiling	1$16	1$21
Belgica Franco	$60	$63
Brasil - Cruzeiro	3$70	4$70
Canada Dolar	26$50	27$30
Dinamarca - Coroa	3$70	4$00
Espanha - Peseta	$40	$42
França - Franco	5$20	5$50
Holanda - Florim	8$40	8$70
Inglaterra - Libra	70$00	72$00
Italia Lira	$04,45	$04 75
Marrocos - Dihran	5$00	5$50
Noruega - Coroa	3$90	4$20
Suecia - Coroa	5$45	5$75
Suiça - Franco	6$93	7$18
Ouro		
Inglaterra - Libra Isabel	350$00	370$00
Inglaterra - 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino - Barra	42$50	44$50

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52 - 54 - LISBOA - Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO Telex 470 ALAPIP

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Nanny e o professor
13.45 Telejornal - 1ª Edição
14.15 Logo à noite

2º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV.
19.00 TV Educativa
19.25 Os Poucetofes
19.30 Telejornal - 2ª Edição
19.45 Um poeta... um livro...
20.00 Ponto de vista
20.25 Auditório musical
21.30 Telejornal - 3ª Edição
22.00 O Tempo e a alma
22.30 Lancer
23.30 Telejornal - últimas notícias
23.40 Meditação e fecho.

2º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.40 Vária
21.00 Nanny e o professor
21.30 Telejornal - 3ª Edição
22.00 Noite de ópera
«Don Pasquale»
23.00 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 O caso da semana
13.15 Viver no campo
13.45 Telejornal - 1ª Edição
14.00 Dó Lá Si
14.25 Hoje pode ver...
14.35 Daniel Boone
15.25 Sabe o que são os irmãos hospitaleiros?
15.55 Teledesporto
18.15 Nós as mulheres
18.45 E a vida continua
19.00 Presença do Brasil
19.30 Telejornal - 2ª Edição
19.45 Skippy
20.15 Ensaio
21.05 Se bem me lembro
21.30 Telejornal - 3ª Edição
22.00 A mulher vestida de branco
22.30 Reportagem do exterior
23.40 Telejornal - últimas notícias
23.50 Meditação e fecho.

2º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.40 O caso da semana
21.00 Viver no campo
21.30 Telejornal - 3ª Edição
21.55 Boletim meteorológico
22.00 Século XXI
22.30 A viagem do pequeno Jaimie
23.00 Fecho.

baterias **TUDOR** pilhas

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

meteo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o vento era fraco o céu estava muito nublado nevava em Bragança e havia neblina em várias regiões do interior.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	10.º
PENHAS DOU.	1.º
COIMBRA	8.º
PORTALEGRE	5.º
LISBOA	11.º
FARO	13.º
FUNCHAL	14.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima **15,2.º**

PENHAS DA SAÚDE
Mínima **3.º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 13,2.º
Atmosfera 11.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.03	**3,9 m**	11,37	**0,8 m**
18.20	**3,8 m**	23.49	**0,9 m**

Dia 4

6.33	**3,7 m**		
18.50	**3,6 m**	12.08	**1,0 m**

Dia 5

7.03	**3,6 m**	0.23	**1,0 m**
19.20	**3,5 m**	12.41	**1,1 m**

Previsão geral até ás 24 horas de amanhã

Céu geralmente muito nublado ou moderado do Oeste por vezes forte durante a tarde nas regiões de Norte e Centro moderado para Noroeste e moderado a forte a partir da noite, periodos de chuva passando a aguaceiros e geada de neve nas regiões montanhosas de Norte e Centro.

AMANHÃ

Nascer às.... **8.06**
Ocaso às.... **19.33**

Dia 8	Dia 15	Dia 22	Dia 29

radio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
Convívio - Programa da Juventude
17.30 Melodias de cinema
18.05 Ao encontro da melodia
18.30 Forças armadas (Programa produzido e realizado pelos Serviços de Informação Pública da Defesa Nacional)
19.10 Passatempo musical
20.00 Diário sonoro
20.20 Henry Arland em clarinete
20.30 35º Episódio do folhetim «Encontro com o destino»
20.50 A organista Lady Eve
21.00 Momento 72
21.20 Interlúdio
21.30 Língua portuguesa, pelo Dr. Ribeiro dos Santos
21.40 Melodias do filme «A nave dos loucos»
21.50 Vidas notáveis: Maria Amália Vaz de Carvalho
22.15 Música da Europa
23.05 De um dia para o outro, por Fernando Correia
00.00 De um dia para o outro (Cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho

2º Programa

16.00 Ciclo do barroco italiano
16.45 Música de vanguarda
17.10 A cravista Aimée Van de Wiele
17.30 O compositor do mês: Debussy
19.00 Música portuguesa
20.00 Diário sonoro
20.20 Música de arco - Adagio em sol menor (Albinoni)
20.30 O céro os cossacos do mar negro, dirigido por Sergey Horbenko
21.00 Desdobramento - Sai o MF 2 Concertos da Emissora Nacional:
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho.

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO - MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Obras de Moussorgsky, Bach e Schumann
23.10 Canções pelo barítono Dietrich Fischer-Dieskau
23.40 Quarteto Nº 82, em fá maior, op. 77 Nº. 2 (Haydn) - Quarteto Dinamarquês
00.07 Musica de piano
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

16.00 C.D.C.
18.00/21.00 «Programa Movimento»
21.03 Portugal além da Europa
21.15 Musica para meditar
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Grande roda
0.02 «P.B.X.»
2.00 A noite é nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Programa CDC.
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM.
22.02 Programa à Gô-Gô.
0.02 Em órbitra-dois
1.02 Banda sonora
2.00 Perspectiva
3.00 Fecho.

Emissor de Miramar
16.00 C.D.C.
18.00 Depois do chá
18.30 Ela e o seu mundo
18.45 Matinée teatral
19.03 Miscelândia
19.17 Conjunto
20.10 Norte dia a dia
21.05 Só-Rádio
21.45 Mensageiro do Evangelho
22.15 Novas de alegria
22.02 Em destaque
22.15 Novas de alegria
22.30 Variedades
23.04 Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA
16.00 Radiorama
18.00 Solistas
18.30 Terço e bênção da Basílica dos Mártires
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.30 Página 1
20.30 Continuação do programa «Página 1»
20.58 Meditando
21.02 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Só música
23.00 A 23ª hora

Estação do Porto
16.00 Radiorama
18.00 Tangos
18.30 Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.30 Página um
20.30 Página um (Cont.)
20.52 Meditando
21.02 Os novos emissores em marcha
22.00 Auditório
23.00 A 23ª hora.

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Tel. 638256); **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (Tel. 634721)

ALCÂNTARA
Ester Nogueira, Rua da Alcântara, 5-A (Tel. 637563)

ALFAMA
Cruz de Malta, Largo Chafariz de Dentro, 36 (Tel. 886126)

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque à (Praça Paiva Couceiro), 7-A (Tel. 843571)

ALVALADE
Líbia, Av. da Igreja, 4-B (Tel. 711681); **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 681515)

AMOREIRAS
Amoreiras, Praça da Aguas Livres, 8-D, (Tel. 681515)

ANJOS
Antolin, Av. Almirante Reis, 88-B, (Tel. 44173) **Magalhães**, Av. Almirante Reis 4-D, (Tel. 49479)

ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C, (Tel. 770324)

AREEIRO
Marbel, Av. de Roma, 131-A, (Tel. 776235); **Lusitânia**, Av. de Roma, 18-A, (Tel 725443); **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B, (Tel. 710331), **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B, (Tel 710621)

BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176, (Tel. 262687)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310172)

BAIRRO DA LIBERDADE
Zenel, Rua A. 182 (Tel. 651840)

BAIXA
Formosinho, Praça dos Restauradores, 18, (Tel. 30927); **Normal**, Rua da Prata, 220 (Tel.s 321342-325553)

BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132)

BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C, (Tel. 703697); **Benfiluz**, Estrada de Benfica, 444-A (Tel. 782606), **Canto**, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Tel. 780841)

CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (Tel. 687475), **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438)

CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua Maria Pia, 514, (Tel. 687949)

CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Patria, 117 (Tel. 553308)

CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Tel. 869831)

CONDE BARÃO
Açoriana, Largo do Conde Barão, 2 (Tel 661330)

ESTEFÂNIA
Delio, Rua Açores, 32 (Tel. 52388)

ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Est. da Damaia, 64-C (Tel. 702226)

ESTRELA
Linalde, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955); **Neves**, Rua da Bela Vista, 35 (Tel. 661251)

LUMIAR
Patuleia, Rua do Lumiar, 122 (Tel. 790332); **Douro**, Alm. das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 991131)

MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo) (Tel. 382479)

OLIVAIS
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Tel. 310581)

PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (Tel 610280)

PENHA DE FRANÇA
Europa, Av. General Roçadas, 27-A (Tel. 843880), **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361), **Zema**, Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel. 832580)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel.s 720703-728395)

SANTA MARTA
Morais Sarmento, Rua da Santa Marta, 16-A/B (Tel 46490)

S. BENTO
Micael, Rua de S. Bento, 380 (Tel. 662162)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Berna, Av. de Berna, 44-A (Tel. 773563); **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sa da Bandeira, 32-42 (Tel.s 41961-54672); **Oliveira Viegas**, Rua do Viriato, 29-A (Tel s 48966-553601)

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058)

COLARES
Abreia, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-A (Tel. 270242)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2273207)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel 2760182)

MOITA
Silva Rocha, P da República, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO
Montepio, Rua Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)

SETUBAL
Lisboa, Rua Dr. Paulo Borba (Tel. 22248); **Saião**, Av. Portela (Tel. 22709)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nito, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)

CAXIAS
Nova, Rua Bernanrdim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, Parque Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Tel. 2430691)

PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 263052)

MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Tel. 260008)

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078); **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, Lote 146-B.º Janeiro (Tel. 932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, loja X-1- Reboleira (Tel. 938242)

PORTO

SUB-TURNO A

Alves Moreira, Av. Rodrigues Freitas, 167; **Clérigos (dos)**, Rua dos Clérigos, 36; **Cruz (da)**, Rua Costa Cabral, 1082; **Maia**, Rua do Campo Alegre, 192; **Monte dos Burgos**, Rua do Monte Burgos, 802;

SUB-TURNO B

Aliança, Rua da Conceição, 2; **Botelho**, Rua da Alegria, 863; **Estácio**, Rua Sá da Bandeira, 120; **Menezes de Lima**, Pr. Dr. Ped. Teot. Perei. 227; **Vilarinha (da)**, Rua da Vilarinha, 161.

COIMBRA

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (tel. 22961); **Donato**, Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (tel. 22603); **Rainha Santa** Rua Figueira da Foz, 11 - B (tel. 24737).

cinemas • cinemas • cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30
Grupo D (M. 18 anos)
2.ª Semana
ADEUS COLUMBUS
C/ Ali Mac Graw w Richard Benjamim
Quinzenas do Bom Cinema
Hoje às 18.30 (Adultos) BEIJOS ROUBADOS 2.ª feira dia 6 (Adultos) A SEREIA DO MISSISSIPI

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
Grupo D (M. 18 anos)
9.ª e última semana
O último filme de Robert Bresson QUATRO NOITES DE UM SONHADOR Uma obra prima em Eastmancolor

S. JORGE (Tel. 54153)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo D (M 18 anos)
CAÇA AO HOMEM com Oliver Reed, Candice Bergen e Gene Hackmen Um filme espectacular

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 21.30
Grupo D (M 18 anos)
3.ª Semana Eastmancolor
A VIUVA CONDERC
Com Simone Signoret e Alain Delon. Grande prémio do cinema francês de 1971
Hoje às 18.30 Grupo B (M 10 anos) CANTINFLAS em NEM SANGUE NEM ARENA

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 21.45
Grupo D (M 18 anos)
2.ª Semana
O REMORSO
Um filme de Claude Chabrol com Stephane Audran, Michel Bouquet e François Perrier em Eastmancolor
Hoje às 18.30 grupo A 6 anos Recital de música moderna pelo conjunto «ALBATROZ»

IMPERIAL (Tel. 82 1933)
15.00 - 21.00
Grupo C (14 anos)
LIKA (O AMOR DE TCHEKHOV), c/ Marina Vlady e Nicolas Grinko e ESTA NOITE E MINHA
Domingo às 18.30
Espectáculo infantil

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo D (18 anos)
8.ª Semana
A obra-prima de Joseph Losey com Alan Bates e Julie Christie O MENSAGEIRO Palma de Ouro do Festival de Cannes em 197 Technicolor

CONDES (Tel 322523)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
Grupo D (18 anos)
O PASSADO E O PRESENTE
Um filme de Manuel de Oliveira

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 - 21.00
Grupo D (M. 18 anos)
VALDEZ c/ Burt Lencaster e O DIABO À SOLTA c/ Yves Montant e Maria Schell
Amanhã POPSY POP

OEDON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo C (14 anos)
3.ª Semana
NÃO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º

TIVOLI (Tel. 50595)
15.00 - 18.15(a pr. red.) - 21.30
2.ª Semana
Grupo D (M. 18 anos)
OS INCORRUPTÍVEIS CONTRA A DROGA - «The French Connection» c/ Vene Hackman Roy Scheider. Fernando Rey

ROMA (Tel. 727778)
21.45
Grupo B (10 anos)
TRINITA - COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill
15.30
Grupo D(18 anos)
VEJO TUDO NU

AVIZ (Tel. 47173)
21.45
Grupo B (10 anos)
Estreia
TRINITA - COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill
15.30
(Grupo B (10 anos)
OS JOVENS GUERREIROS

EUROPA (Tel. 66 10 16)
21.30
Grupo D (18 anos)
Estreia de Terror
MORRE MONSTRO MORRE
15. 5
Grupo C (14 anos)
Ultima
O DOCE SABOR DA VINGANÇA

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.30
Grupo D (18 anos)
O PASSADO E O PRESENTE uma comédia de Manuel de Oliveira
24.30
Grupo D (18 anos)
ROUBARAM A GIOCONDA

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
2.ª Semana de êxito
Grupo C (M 14 anos)
Faye Dunaway, Maurice Ronet e Barbara Parkins na aventura UMA CASA À SOMBRA DAS ARVORES Um filme colorido de René Clement

SATÉLITE (Tel. 582632)
15.30 - 18.30 - 21.45
Grupo B (10 anos)
TEMPOS MODERNOS
O mais moderno filme de todos os tempos - 6.ª semana

POLITIEMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo D (18 anos)
A TRANSPLANTAÇÃO Um tratado de rejuvenescimento
00.30
Grupo D (18 anos)
Ciclo do terror à meia-noite
MACABRO
Amanhã
OS CRIMES DE JACK, O ESTRIPADOR

LIDO
21.30
Grupo D (18 anos)
GET CARTER com Michael Caine

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
21.45
Grupo D (8 anos)
4.ª Semana
VEJO TUDO NU
Com Nino Manfredi e Sylva Koscina
15.30 - 18.30
Grupo D (18 anos)
O QUARTO AO LADO
Amanhã às 00.30
(Adultos) ESCADA ACIMA, ESCADA ABAIXO

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo D (18 anos)
LABIRINTO DE SENTIMENTOS com Malcolm McDowell e Nanette Newman

LYS (Tel 48560)
15.00 - 21.00
(Grupo D (18 anos)
O GENERAL DELLA ROVERE
Com Vittorio de Sica, Sandra Milo e Giovana Rail
Sábados e Domingos
3 espectáculos
em Scopecolor com Jean Marais e Marilu Tolo 7 HOMENS E UMA MULHER

EDEN (Tel 320768)
21.45
grupo D (8 anos)
Estreia
O DESESPERADO
Um filme com Andrea Giordana e Rosamarie Dexter
15.30 - 18.30
Grupo D (18 anos)
Ultimas 3 HOMENS EM FUGA

LONDRES (Tel 730579)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana. Um filme de Andrea Cayatte MORRER DE AMAR c/ Annie Girardot. Grande prémio do Cinema Francês Cinema - Snack-bar - Pub THE FLAG. Faça 3 coisas num sitio só.

CASINO ESTORIL (Tel. 26462.)
17.00 - 21.30
Grupo C (14 anos)
E TUDO O VENTO LEVOU

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
21.4 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

CAPITÓLIO
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Ora bolas P'ró pagode»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Um sonho»

VILLARET
21.00 - 23. (18 anos)
«O TARTUFO»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Quem tem medo de Virgínia Woolf»

LISBOA/Cinemas

MAYER
21.00 (8 anos)
«Os Diamantes são eternos»»

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Jogo sujo»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«O Paraiso do Diabo»

PARIS
21.30 (18 anos)
«Get Carter»

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Stadium
21.30 (18 anos)
«Perseguidos na escuridão»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (10 anos)
«Os Diamantes são eternos»

CARCAVELOS
Vitória-cine
21.30 (10 anos)
«King-Kong»

ESTORIL
Casino
17.00 - 21.30 (14 anos)
«E tudo o vento levou»
Palácio
21.30 (17 anos)
«Corações na penumbra»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Yojimbo, o invencível»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (17 anos)
«Diabólicamente tua»

AMADORA
Lido
21.30 (8 anos)
«Get Carter»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Uma certa forma de amar»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«A Minha profissão é madar»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (17 anos)
«O Espelho dos espiões»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (18 anos)
«A Casa de Bernarda Alba»

SÁ BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Querida Mamã».

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
2 30 (0 anos)
«Zingara»

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«O Teatro do monte» e Perseguição a sangue frio»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«A 7.ª mulher de Henrique VIII»

ESTÚDIO
21.30 (10 anos)
«Coisas da Vida»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«A mulher e o desejo»

PASSOS MANUEL
2 00 (0 anos)
«Paria visto por »

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«A transplantação»

OLIMPIA
21.30 (10 anos)
«Hercules contra os Mongois»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«O Provinciano»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Sol Vermelho».

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«Sol Vermelho».

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (10 anos)
«Calcutá»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Caiu Uma Garota Na Minha Sopa»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Sol Vermelho»

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

ADEGA MESQUITA Cantam Fernando Pinto Francisco Martins e Alcindo Carvalho Tocam Jaime Santos e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diario de Noticias, 107. Telef. 328307.**

CASEBRE. Cantam: Carlos Barra, Arminda da Conceição e Zélia Lopes. Tocam: Jorge Fontes e Júlio Gomes. Os 5 típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos Domingos. **Rua da Barroca, 133 Tel. 369760.**

ARREDA Fado amador ouça e cante o fado no Arreda Elenco José Pracana José Manuel Osório D Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves José Pracana e José Inácio Encerra as 3.as feiras Consumo mínimo 62$00 (Taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3 - Cascais. Telf. 263864.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR (Conjunto Oliver **Av. Duque de Loulé, 73 Telf. 530171.**

VIELA Cantam Sergio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais Tocam António Bessa e Fernando Reis Consumo mínimo 60$00 **Rua das Taipas, 14. Telef. 327256.**

TIMPANAS Cantam Trio Odemira, João Fernando, Emilio Reis, Luis BRAGA: Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros. Consumo mínimo 62$50 (taxas incl.) **Rua Gilberto Rola, 24 Tel. 676655 e 672431.**

SANZALA Um pouco de Africa em Lisboa Musica constante Encerra as 03.30 horas **Av. Marechal Carmona, Telef. 790177.**

HIPOPOTAMO Conj Helder Reis Encerra aos domingos **Av. Ant. Augusto de Aguiar. 5-A. Telef. 48384.**

TAMILA Marão e s/ conjunto Matinées todos os dias Encerrado aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69 Telf. 534117.**

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa Esmeralda Amoedo Tina Ferreira Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos Tocam Liberto Conde e Américo Silva Fandango pelo Grupo típico de Vila Franca de Xira Encerra as segundas-feiras Consumo mínimo 70$00 **Rua do Norte, 91 Telefs. 30095 e 28713.**

«A SERENATA» Cantam: Cidália Moreira, António Rocha e Amélia Proença. Grupo Folclórico Cantares de Portugal **Rua Diário de Noticias, 122, Telefs. 321359 e 324381.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telfs. 26451-264526-264586-264621-264946.**

CLUBE ANDALUZ Boite com atracções espanholas Musica constante **Calçada Marquês de Abrantes 64-66 Telf. 667264.**

«PORTAS DO SOL» Restaurante-Bar Almoços e Jantares e serviço de bar permanente **Rua S. Tomé, 86 ABC Alfama. Lisboa. Telef. 861633.**

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3-4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

VOLTA A PORTUGAL EM AUTOMÓVEL

REVIRAVOLTA NAS CLASSIFICAÇÕES:

ROMÃOZINHO À FRENTE SEGUIDO DE GOMES PEREIRA

Reportagem de Augusto VILELA

Uma noite de chuva e nevoeiro, não foi o bastante para desfalcar o ainda numeroso lote de concorrentes da Volta a Portugal em Automóvel, mas veio provocar uma sensacional reviravolta nas classificações estabelecidas ontem na partida de Lagos, passando Francisco Romãozinho, após a chegada esta manhã a Coimbra, a ocupar o primeiro lugar, desalojando, assim, António Carlos de Oliveira que perdeu não só a sua posição de «leader» como baixou ainda dois lugares, incapaz de reagir ás condições adversas que a certa altura lhe foram surgindo.

— **«O número excessivo de «controles» e o nevoeiro foram o principal motivo da minha queda. Fui-me abaixo! E às tantas desmoralizei. O carro tem muita potência mas é difícil andar com ele na lama principalmente a descer. A subir porém e em todas as situações que exijam força controla-se muito bem. Mas temos ainda duas etapas e há muitas coisas para nelas se decidirem.»**

Também para Francisco Romãozinho não foi tarefa fácil colocar-se no comando da prova, pois experimentou grandes dificuldades nos primeiros quilómetros selectivos desta segunda etapa.

— **«Comecei mal em Portalegre, porque estava muito adormecido. Arranquei mal para dentro do nevoeiro e não consegui andar. No macadame andei já um pouco melhor, mas nos troços de alcatrão, onde também se penalizou, o meu carro deixava-me em inferioridade perante outros mais potentes. A princípio, vi-me em dificuldades com vários ataques de sono e em Estremoz tive mesmo que parar para dormir um pouco.»**

Outra recuperação brilhante foi conseguida por Manuel Gomes Pereira (Opel 1604 F), tendo saido de Lagos em oitavo lugar era segundo quando esta manhã chegou a Coimbra, depois de uma prova que não hesitamos em classificar de notável.

— **«Esta etapa disse-nos, era em principio para se aquecer, mas acabou por ser em força. Nunca vi a Lousã tão escorregadia.»**

PORTALEGRE NÃO PERDOOU

As primeiras grandes dificuldades eperadas na segunda etapa estavam nas florestais de Portalegre. Aí os concorrentes encontraram um nevoeiro de cortar á faca e enquanto todos viram as penalizações a acumular-se, alguns deixaram mesmo ficar ali todas as ilusões da Volta/72.

Estão neste caso o finlandês Viklmund (BMW 2002), Heitor Morais (Fiat 125 F) e Manuel Costa (Volkswagen) que se despistaram mas, felizmente, sem consequências.

Mais adiante a Volta perderia dois favoritos: Giovanni Salvi (Datsun 2402), Jorge Nascimento (BMW 2002).

O primeiro abandonou entre Póvoa e Meadas por avaria mecânica. Jorge Nascimento partiu o semi-eixo no principio de Candosa, já perto de Coimbra.

Uma das notas mais curiosas é que os carros do Grupo I encontram-se agora nas melhores posições, à frente dos Turismos Especiais e dos Grande Turismo.

Ao longo da noite foi bastante activo o trabalho das assistências espalhadas pelos diversos pontos do percurso. Mas foi em Nisa que todos assentaram arraiais preparando aos respectivos concorrentes a parte final da segunda etapa que havia de revelar-se plena de dificuldades. Um dos factos que caracterizou especialmente esta etapa foi a circunstância de todas essas dificuldades sucederem num ritmo contínuo, não dando tempo aos concorrentes quease que para meter gasolina. Em todo caso, o número de desistentes foi bastante reduzido (apenas os quatro já referidos), chegando a Coimbra quarenta e duas equipas.

Outra curiosidade desta etapa foi o despique que se travou entre Teresa Torres (Fiat 124, Spyder) e Manuela Souto (Fiat 125 F) e que viria a definir-se com larga vantagem para a primeira.

A equipa Albio Pinto-Carpinteiro Albino, em BMW, num dos momentos difíceis da prova

A NOITE MAIS LONGA

Hoje ao princípio da noite (20 horas) inicia-se a segunda etapa que será verdadeiramente a prova dos nove para as equipas que se encontram a disputar a Volta.

Os seus resultados á chegada a Braga, prevista para as 6 e 20 da manhã de sábado, serão decisivos para o apuramento das classificações pois aqueles que sobreviverem já pouco mais ambições virão a ter do que chegarem no domingo ao Estoril.

E uma etapa de 598,400 quilómetros com vinte e nove «controles» previstos e que engloba algumas das mais difíceis estradas florestais do Centro e Norte do País, destacando-se a já conhecida zona da Cabreira, Soja e florestais de Viana do Castelo.

Relativamente á etapa anterior, as dificuldades são em muito maior número, embora talvez não se sucedam num ritmo tão intenso.

O facto de existirem ainda muitas equipas em prova e um número bastante elevado de concorrentes em condições de a lutarem pelos primeiros lugares, confere particular expectativa a esta terceira etapa. Por outro lado, as condições meteorológicas não se apresentam nada favoráveis, sendo de prever, além da chuva, nevoeiro cerrado em muitos pontos do percurso.

Neste momento, Francisco Romãozinho é «leader» difícil de desalojar, mas são tantos os imponderáveis numa competição desta natureza, que, de um momento para o outro, tudo se pode alterar e a previsão mais válida a fazer será a de que, provàvelmente os lugares cimeiros vão sofrer constantes mutações. Tudo isso ajudará a manter permanente «suspense» sobre o desfecho da Volta, aumentando-lhe assim o seu valor desportivo.

Tendo sofrido, conforme já oportunamente referimos algumas correcções á última hora, a prova está a decorrer de maneira quase impecável e esperamos que assim suceda até final.

O TRÁFEGO NOS PORTOS DO DOURO E LEIXÕES

Em regime exclusivo, vai ser concedido o exercício do tráfego nos cais e entrepostos sob jurisdição da Administração dos Portos do Douro e Leixões, a uma sociedade comercial constituída por todos os agentes inscritos naquele organismo. A respectiva autorização foi concedida através de um decreto-lei do Ministério das Comunicações, publicado no «Diário do Governo».

A concessão será dada pelo prazo de dez anos, considerando-se tàcitamente prorrogado por períodos sucessivos de dois quando qualquer das partes não o denuncie com a antecedência não inferior a 180 dias do seu termo.

A sociedade a constituir, de acordo com as bases da concessão, inseridas em anexo, no referido decreto-lei, depositará à ordem de A.P.D.L. na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, a caução de mil contos, que poderá também ser prestada por garantia bancária de igual valor.

No preâmbulo do diploma salienta-se que «com a atribuição a um concessionário único do exercício do tráfego, obter-se-á a máxima racionalização desta actividade produtiva, com economias na mobilização dos factores, mão-de-obra e equipamento», facto que se reflectirá nos preços dos serviços prestados, visto se preverem reduções nas taxas anualmente praticadas.

Se o contrato não se celebrar dentro do prazo de noventa dias, a partir da data da publicação do diploma no «Diário do Governo», segundo se determina do decreto-lei, a A.P.D.L. é desde já autorizada a abrir concurso público para a concessão do exercício do tráfego e regime exclusivo.

SINDICATO NACIONAL DOS CAIXEIROS E PROFISSÕES SIMILARES DO DISTRITO DE LISBOA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 29 LISBOA

CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO PARA OS PROFISSIONAIS DE COMÉRCIO DO RAMO AUTOMÓVEL

HOJE, dia 3 de Março, pelas 21,30 horas, realiza-se na sede do Sindicato uma reunião com todos os profissionais de Comércio do Ramo Automóvel para discussão e criação de um grupo de Trabalho que em colaboração com a Direcção elabore novo projecto do Contrato Colectivo de Trabalho a fim de imediatamente ser apresentado nos grémios para negociação.

Lisboa, 1 de Março de 1972.

A DIRECÇÃO

UMA VIAGEM DA «EUROPEIA»

«TRIÂNGULO ESCANDINAVO»

DINAMARCA — SUÉCIA — NORUEGA

VIAGENS ACOMPANHADAS — 14 DIAS

Partidas de Lisboa em 22 de Maio e 7 de Agosto

COPENHAGUE — JONKOPING
NYKOPING — ESTOCOLMO
KARLSTAD — OSLO — GOTEMBURGO

Programas, informações e inscrições na acreditada

Europeia

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

AV. DA LIBERDADE, 233 • TEL 53 61 21 • LISBOA 2

Últimas

HANOI CRITICA A VISITA DE NIXON

HONG KONG, 3 - (R.) - O Vietname do Norte fez hoje a sua primeira alusão clara á visita de Nixon á China, acusando-o de tentar dividir o campo comunista.

O jornal oficial de Hanoi «Nhan Dan», num artigo assinado por «Comentador» acusa também o imperialismo americano de ser «o inimigo número um dos povos do Mundo». O «Nhan Dan» faz citações integrais do comunicado conjunto sino-americano (sem o identificar) mas não diz que Nixon esteve na China. O povo norte-vietnamita não foi informado dessa visita.

Observadores pensam que esta omissão indica forte objecção de Hanoi ao convite que a China dirigiu ao presidente americano.

O artigo diz ainda que Nixon ao falar de autodeterminação para os povos da Indochina, ordenava simultâneamente ataques aéreos contra o Vietname do Norte e do Sul.

MANIFESTAÇÃO MAOISTA AMANHÃ EM PARIS

PARIS, 3 - (R.) - Grupos esquerdistas convocaram hoje uma manifestação maciça para acompanhar amanhã o funeral de um amoista de 23 anos René-Pierre Overney, morto a tiro por um guarda da Renault no exterior da fábrica na passada sexta-feira.

Desta morte resultaram já atentados á bomba contra instalações da Renault em toda a França e uma das maiores manifestações organizadas em Paris desde Maio de 1968.

O dirigente esquerdista Alain Geismar declarou ontem que a manifestação seria dirigida não só contra o governo e a Renault mas também contra o Partido Comunista e a C. G. T.. Os militantes esquerdistas estão furiosos contra a oposição feita á sua campanha pelas organizações comunistas.

AVIÃO AMERICANO ABATIDO NO LAOS

SAIGÃO, 3 - (F.P.) - Um avião de observação americano foi abatido ontem no Laos por um míssil terra-ar - anunciou hoje o comando americano em Saigão. O piloto conseguiu saltar e foi evacuado 90 minutos depois.

Pouco depois, as autoridades americanas confirmaram oficialmente que foi abatido um «Mig 21» há dois dias, num combate aéreo no centro do Laos.

GENERAL NOMEADO PARA A C. I. A.

KEY BISCAYNE, (FLÓRIDA), 3 - (ANI) - O presidente Nixon nomeou o general do Exército Vernon A. Walters, para o cargo de vice-director da Central Intelligence Agency (CIA).

Walters, que tem 55 anos e serve actualmente como adido militar em Paris, foi muitas vezes interprete de Nixon durante visitas oficiais de funcionários estrangeiros a Washington e durante as visitas do presidente a outros países.

amor vivo

F. Tordo e Ary dos Santos

O PASSADO É O NOSSO PRESENTE

DL SUPLEMENTO LITERÁRIO

Por **JOSÉ VAZ PEREIRA**

O filme de Manuel de Oliveira «O Passado e o Presente» é o primeiro duma série de obras que prefaciam a ofensiva de renovação do cinema português durante os anos 70. E, quem sabe, talvez depois...

As novas gerações __ os que não tinham nascido ou mal tinham nascido quando já se projectava **Douro, Faina Fluvial** __ não rejeitam uma caminhada conjunta com Manuel de Oliveira. Antes aplaudem, com maior ou menor entusiasmo, a obra do realizador portuense como o homem que abriu caminho nos difíceis anos de 30 e 40 e que manteve a dignidade durante a letargia e a «vil tristeza» que caracterizou o nosso pós-guerra cinematográfico __ em contradição com a avalanche criativa que avassalou a Europa.

Pela possibilidade de manter diálogo, pela alegria e entusiasmo que pôs em responder à chamada de «recomeçar» o cinema nacional __ ou agora ou nunca! __ Manuel de Oliveira passou a ser, para o grupo formado em volta do Centro Português de Cinema, «um dos nossos».

Tal posição não implica, necessàriamente, uma posição cómoda debaixo da sombra protectora do paternalismo. O nome e a personalidade de Manuel de Oliveira são neste momento uma boa bandeira __ mesmo quando os soldados querem e podem marchar sòzinhos.

O nome de Manuel de Oliveira é, ainda e até o rio desaguar no mar (isto é, os cineastas concretizarem os seus trabalhos) o capital mais precioso do cinema português.

Sem o nome de Manuel de Oliveira o cinema português teria sido um gracejo de mau gosto, uma hora negra numa noite negra, um mal-entendido de anos e anos, uma embalagem equívoca de sub-produto.

Pensamos que, na história da arte portuguesa do Século XX não há caminhada tão solitária.

E justo __ e é humano __ que um homem que marchou tanto tempo sòzinho na estrada (nos 30, nos 40, nos 50) encontre agora companheiros.

O nome de Manuel de Oliveira é também uma garantia que o novo cinema português não parará, se lhe emprestarem pernas para isso.

II

E a obra?

Não vamos __ não vou eu __ falar da obra de Manuel de Oliveira. Embora tenhamos a certeza de que ela não é (e devia ser) conhecida do grande público.

Mas aqui fica a sugestão de tornar a projectar essa obra, discuti-la, viver ao lado dela. O momento não pode ser mais oportuno.

O Passado e o Presente é o último filme de Manuel de Oliveira, apresentado e exibido dentro da renovação do cinema português.

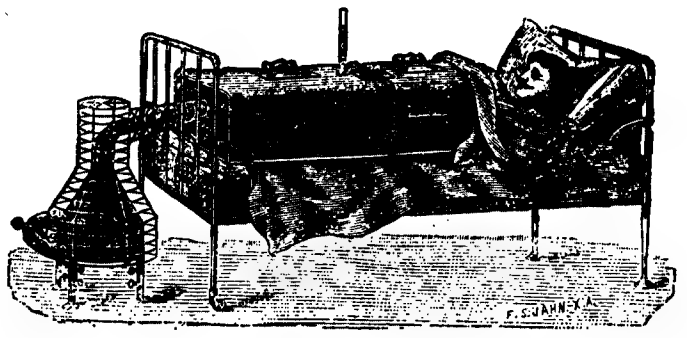
Trata-se duma película a cores, produzida pelo Centro Português de Cinema e com o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

Os meios de informação têm largamente divulgado a notícia que se seguirão __ ainda esta época __ obras assinadas por Fonseca Costa, Fernando Lopes, Paulo Rocha, António-Pedro Vasconcellos e outros. Julgo ser verdade.

III

O Passado e o Presente é uma peça, de Vicente Sanches,

Continua na página seis



A VOZ DESUMANA

original em 1 acto e um epílogo de carlos porto

desdedicado a jacinto ramos

O autor agradece a colaboração (póstuma) de Jean Cocteau, a cuja «Voz Humana» arrancou o título; de António Ruivo Mousinho, pelas suas investigações godardianas; de Vitor Silva Tavares e Nelson de Matos, que cederam o palco e conceberam o cenário e os figurinos; Maria Helena Marques de Almeida, pelas correcções do inglês: agradece sobretudo a quem lhe proporcionou o tema para esta experiência (abrindo-lhe os olhos), sem o que esta peça que certamente marcará data, não teria sido possível (chama-se a atenção dos responsáveis do «Dicionário do Teatro Português»).

As personagens e as situações aqui dramatizadas foram trabalhadas pela imaginaçãozinha do autor a partir de dados reais. Por isso quaisquer semelhanças entre elas e personagens e situações da vida real (não) são mera coincidência.

PERSONAGENS - O Actor. Os seus 40 anos. Bem parecido. Um ar cabotino herdado da tradição romântica do actor como figura dominante. Segurança nos ademanes. Um certo orgulho no olhar doce. Por vezes, um vento de solidão varre-lhe as mãos brancas e tranquilas. Sobriedade de gestos. Uma certa tensão. Só um actor português poderá desempenhar esta personagem difícil: Jacinto Ramos, como já perceberam.

A VOZ AO TELEFONE. Séria. Imagina-se que se trata de um americano: ou seja inglês com pronúncia um tanto carregada. Equivalência: português abrasileirado.

CENA. O quarto do Actor. Cenário fiel, indo até ao naturalismo. Livros espalhados; um espelho de pé; outros espelhos; vários retratos do Actor pelas paredes. A cama está feita com lençóis autênticos. Uma secretária com vários objectos espalhados. Luz velada. Ambiente moderno, de bom gosto, um toque de inquietação e desarmonia.

1 ACTO
1.º TEMPO

Cena ás escuras. O actor entra. Vai direito a um candeeiro de pé que acende. Senta-se num sofá: está visivelmente cansado mas satisfeito. Descansa uns momentos. Acende um cigarro. Traz um jornal que pousa numa mesa baixa. Procura uma tesoura em cima da secretária. Recorta o jornal. Vai junto de uma estante de onde tira um album. Folheia-o. Lê aqui e acolá. Deleitado ou irritado. Procura um frasco de cola. Com extremo cuidado cola o recorte do jornal. Fica-se a mirar a sua obra. Relê, satisfeito. Fecha o album com um suspiro. Senta-se no sofá e fica de olhos fechados com o album no colo. Vê as horas e prepara-se para se deitar. Acende uma luz junto da cama e apaga o candeeiro de pé. Sai por momentos. Regressa com um roupão vestido. Despe-o e deita-se. Apaga a luz. Ouve-se o ruido do Actor mexendo-se na cama. Tosse. Um momento de silêncio. A campainha do telefone, estridente. O Actor soergue-se. Acende a luz. Vê as horas no relógio de pulso pousado na mesinha. Levanta o auscultador. Um momento de silêncio.

O diálogo que se vai tratar ao telefone, entre o Actor e a Voz de um desconhecido será ouvida em **off** e por isso com o máximo de clareza possível. A Voz fala em português, como já disse. O Actor fala em Inglês. Entendi não ser necessário traduzir as breves falas da personagem e vejo nesta discrepância um elemento de absurdo assaz importante. Devo,

Continua na página dois

A VOZ DESUMANA

Continuação da primeira página

no entanto sublinhar que não há nada de extrínsecamente absurdo na cena que deve ser interpretada com grande realismo. Talvez o espectador note, muito vaga, uma ponta de sarcasmo na voz do desconhecido: o mesmo, contudo, não se passará com o actor para quem tudo tem o sabor exacto e concreto do real. O actor deve mimar a personagem a falar, sem exageros mas de maneira a que o público sinta as emoções que o acometem e a que não sabe ou não pode resistir.

Voz - Hallo... É Mr. Jacinto Ramos? O actor Jacinto Ramos...?

O actor - Yes. **(Momento de perplexidade.)** Sim. I'm Jacinto Ramos. **(Começa por misturar português e inglês.)**

Voz - Hallo

O actor - hallo.

Voz - É o próprio actor Jacinto Ramos, Mr. Jacinto Ramos?

O actor - (como se percebesse mal e um pouco agastado.) Yes, Yes. I am Jacinto Ramos.

Voz - It's Mr. Laszlo Kovacs Groude ao telefone.

O actor - Who?

Voz - Laszlo Kovacs Groucho. Mr. Arthur Miller **(ao ouvir este nome, o actor tem um sobressalto.)** pediu-me para entrar em contacto com o senhor. Como estou em Lisboa de passagem...

O actor - yes, yes...

Voz - Foi Mr. Jacinto Ramos quem encenou a peça de Mr. Arthur Miller «The Price» - «O Prreço» - não e verdade?

O actor - yes, I did.

Voz - O sr. Arthur Miller está muito sensibilizado muito satisfeito porque o informaram que a sua encenação é uma autêntica criação...

O actor - Thank you.

Voz - É mesmo Mr. Ramos quem está a falar, não é? É do senhor a encenação do «Preço», a única encenação que se fez em Portugal de Mr. Miller, não é?

O actor - yes, I did.

Voz - Formidável. Pois eu estou de passagem por Lisboa e lhe trago um recado de Mr. Arthur Miller. Mr. Miller pede-lhe o especial favor de lhe redigir um relatório um ensaio sobre a sua encenação.

O actor - with pleasure.

Voz - Suponho que esse relatório se destinará a ser estudado e discutido num seminário sobre a obra de Mr. Miller, em New York.

O actor - Fine.

Voz - Quer fazer o favor de tomar nota do meu endereço em Paris? É para me enviar o seu relatório. Depois remetê-lo-ei para Mr. Miller.

O actor - A one moment please. **O actor dirige-se com certo nervosismo á secretária. Agarra num bloco e num lápis que leva á boca. Escreve de forma atabalhoada.)**

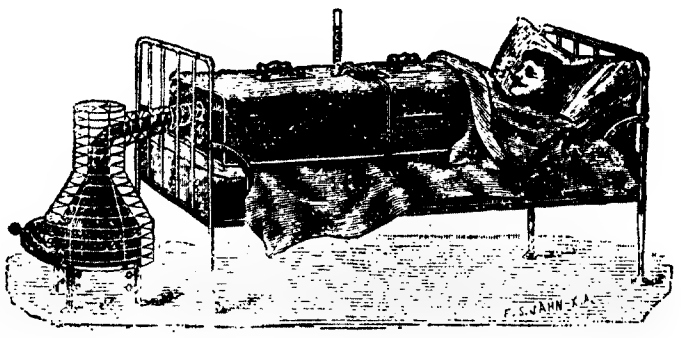
O actor - Hallo. Please.

Voz - Hallo. Escreva por favor. Laszio Kovacs Grancho, 47, Rue Erlsnger, Paris 16. Quer repetir, por favor?

O actor - Laszlo Kovac Craxo...

Voz - Não é Craxo, é Grouncho.

Actor - Laszio Kovac Craxo, 47, Rue Erlanger. Paris. 16.



Voz - Agradeço-lhe que me mande o mais depressa possível o seu relatório. E as minhas felicitações. Lamento não poder assistir ao espectáculo. Estou apenas de passagem. Mr. Arthur Miller insistiu para que lhe transmitisse a sua admiração pelo trabalho que está a fazer. Mais uma vez: parabéns. Lamento não o poder conhecer pessoalmente mas está na hora da partida do avião. Ficará para outra vez. Boa noite, Mr. Ramos. Boa sorte. Adeus.

O actor - Good-bye. Thank you. **(Pousa o auscultador. Está visivelmente emocionado. Limpa o suor da cara. Veste o roupão. Dá uns passos no quarto. Dirige-se a um pequeno bar. Bebe. Acende um cigarro. Continua agitado. Pega numa pasta onde tem fotografias e papéis. Trauteia. Faz vários movimentos descontrolados. Vê-se longamente ao espelho. Tira o roupão. Pega no telefone, vê as horas e desiste. Apaga a luz e deita-se. Passados alguns momentos de inquietação, volta a acender a luz. Põe as mãos na cabeça. Levanta-se. Toma dois comprimidos com água. Apaga a luz. Deita-se de novo. Passados alguns momentos, aquieta-se.**

2.º TEMPO

O mesmo cenário. O actor continua a dormir. Melhor: proceder-se-á de forma a que o público presuma que o actor está ainda na cama a dormir. Desce uma tela. Projecção de um filme. Neste filme, vamos ver o sonho do actor. É essencial que o filme dê o que há de real e de irreal nesse sonho. Vemos o quarto do Actor iluminado com uma luz intensa crua. O actor olha-se demoradamente ao espelho. O realizador poderá aqui fazer um pequeno brilharete. Por exemplo, no espelho aparece o actor vestindo sucessivamente figurinos de diversas personagens que interpretou; depois, o actor aparece com a cabeça de actores célebres; Gérard Philippe Lawrence Olivier, Mastroiani, e de actores mais antigos: Moliére, Stanislavski, Kean, Talma, John Barrymore, Jouvet.

Sem transição esta imagem desaparece para ser substituida por outro plano em que vemos o actor a caminhar pelas ruas de Lisboa. Está só e, por vezes sorri para transeuntes que o reconheceram (ou que ele pensou terem reconhecido). Chega ao Saldanha. É já noite. Deverá haver aqui uma fusão harmoniosa de planos diferentes: o actor está ao mesmo tempo no Saldanha e na Broadway. Gigantescos anúncios a néon. O actor olha em especial um:

JACINTO RAMOS DIRIGE E INTERPRETA O PREÇO DE ARTHUR MILLER

(Em **off,** longos aplausos.). O «écran» é ocupado pelo letreiro de que algumas palavras se apagam, ficando apenas:

ARTHUR MILLER JACINTO RAMOS

E por fim só

Jacinto Ramos

Durante alguns segundos. O actor continua a caminhar no Saldanha-Broadway. Novo anúncio luminoso em grande plano:

CRIAÇÃO GENIAL DE JACINTO RAMOS

Carlos Porto

Este plano mantém-se durante alguns segundos. Ouve-se, em **off,** um suspiro fundo do actor a dormir. A última imagem do filme, mostra-nos o actor sentado num ponto alto, dominando a cidade.

EPÍLOGO

Uma vez mais a vida imita a arte. No dia 28 de Janeiro de 1972, o «Diário de Lisboa» publicou uma carta do actor Jacinto Ramos, «responsável por muitos sucessos do nosso teatro declamado e no momento o grande animador de «Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?», como intérprete e director de cena», como se dizia na nota introdutória. Essa carta contém a seguinte passagem: «Para cúmulo a peça («O Preço»), que se manteve dez meses no cartaz e obteve grande êxito no Porto, Coimbra e outras cidades do Continente integrada no II Ciclo Gulbenkian de Teatro, foi objecto de um pedido do próprio Arthur Miller, feita através do sr. Laszlo Kovac Craxo, 47, Rue Erlanger, Paris 16, para que lhe enviasse um ensaio sobre a sua encenação.»

Quem é esta personagem? A quem pertence esta voz desumana? Existirá o sr. Laszlo Kovac Craxo? Existe o abominável homem das neves? Adolfo Hitler foi ficção ou existiu mesmo? E Kaspar Hauser? E o boneco das Caldas? Quem é este Homem? Um amigo de Arthur Miller? E Arthur Miller existe? E Jean Luc Godard? Laszlo Kovacs - Godard-Belmondo - á Bout de Souffle. Belmondo interpreta neste filme uma personagem com duas identidades, uma delas dá por esse nome (1). Craxo: Personagem marxista. Corruptela de Groucho (Marx).

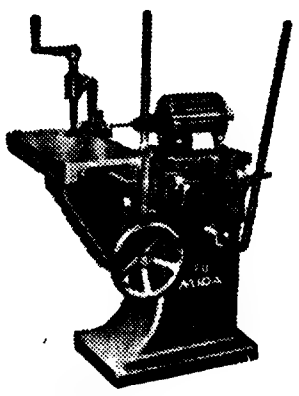
Um actor. No meio da noite um telefonema.

— Está lá. É o actor Jacinto Ramos? Daqui Laszlo Kova...

CARLOS PORTO

(1) Eis a ficha que me foi enviada por um amigo que, embora quase desconhecido, é uma das grandes autoridades na matéria: «a personagem interpretada por Jean-Paul Belmondo em «A Bout de Souffle» usa dois nomes (e 2 passaportes): Michel Poiccard e Laszio Kovacs (no argumento original de Truffaut, a personagem chamava-se Lucien). O mais curioso é que, em «À Double Tour» de Chabrol, o referido actor continua a usar o nome de Laszlo Kovacs: certamente citação (e homenagem a) Godard. Neste último filme, o protagonista tem um amigo que é interpretado por Laszlo Szabo, um actor de origem húngara...

«MIDA»



UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

FURADOR POR BROC
MODELO - FU

Fábrica: **TROFA** (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

JOÃO DIXO
SÁ NOGUEIRA

Artes Visuais

Por **ROCHA DE SOUSA**

JOÃO DIXO: o cenário «museológico» incorre numa provocação genuinamente pop.

João Dixo, (Quadrante), voltando-se deliberadamente para a realidade social que o cerca, recusando de forma ostensiva uma construção esteticista, empenha-se (e nisso é muito explícito) em fazer a «arqueologia» de um meio. O critério que preside às suas recolhas acerta-se com um olhar profundamente irónico, envolvendo uma perspectiva crítica onde se estabelecem relações cuja mordacidade aponta para proposições ideológicas de intervenção. O projecto da «exposição» é sublinhado por um título **narrativo**: «Achados arqueológicos da Era da Relatividade (época atómica) duma região do mundo». Mas esse título, que condiciona directamente a nossa leitura num certo sentido, oferece-nos uma margem de mobilidade importante: ele convida-nos a uma peregrinação identificadora que deverá começar nos objectos expostos e terminar, não apenas no reconhecimento da região tratada, mas sobretudo na percepção aguda do significado de uma **civilização** que nessa região «existiu» e que parece dever muito pouco à Era da Relatividade. O cenário «museológico» construído por João Dixo, incorrendo numa provocação genuìnamente **pop**, levantado afinal pela recuperação de elementos da nossa dimensão social, é nomeado do «futuro», portanto de uma relação temporal fictícia e distanciadora, assim nos remetendo para uma reflexão crítica que tem de se organizar a partir de revelações impiedosas sobre um contexto que somos tentados, com frequência, a iludir.

O MUSEU

Vejamos então, por identificação narrativa e em primeiro lugar, alguns exemplos do «museu de achados» proposto por João Dixo:

1. **Pequena estatuária do século XX**: este conjunto é formado por bonecos/brinquedos de plástico, já deteriorados, por uma imagem de pequenas dimensões, também em plástico, da Senhora de Fátima e por soldados em barro policromado, cujas características formais acusam um tratamento artesanal de raiz popular.

2. **Conjunto doméstico**: neste conjunto, que se organiza evocativamente como um oratório, distinguimos os seguintes objectos: um relógio, a fotografia emoldurada de um soldado (fazendo referência *e* uma dimensão temporal bem definida), uma escova de dentes, um copo de plástico, um **naperon** de material precário e de produção mecânica, e uma imagem da Virgem de Fátima.

3. **Conjunto possivelmente doméstico**: neste caso voltamos a estar em presença de uma estatueta da Virgem de Fátima, relacionada com um suporte cujas características ornamentais não escondem a sua possível aplicação a um ritual privado. Completam o conjunto um receptáculo para uma vela e a fotografia emoldurada de uma cerimónia de casamento.

4. **Conjunto Histórias da minha terra**: objecto constituído por uma vitrina de parede, na qual se encontram alinhadas várias fotografias (em dimensão de «passe») de pessoas cuja aparência e indumentária apontam para certos estratos sociais bem definidos.

5. **Objecto (referência em sigla)**: este conjunto é constituído por um vaso de flores com planta sobre um suporte ornamental de parede. Uma pintura geral, de textura rugosa, confere ao objecto um efeito de fossilização.

6. **Objecto (referência em sigla)**: sapato deteriorado cuja textura sugere uma longa calcinação, envolvido por uma redoma protectora.

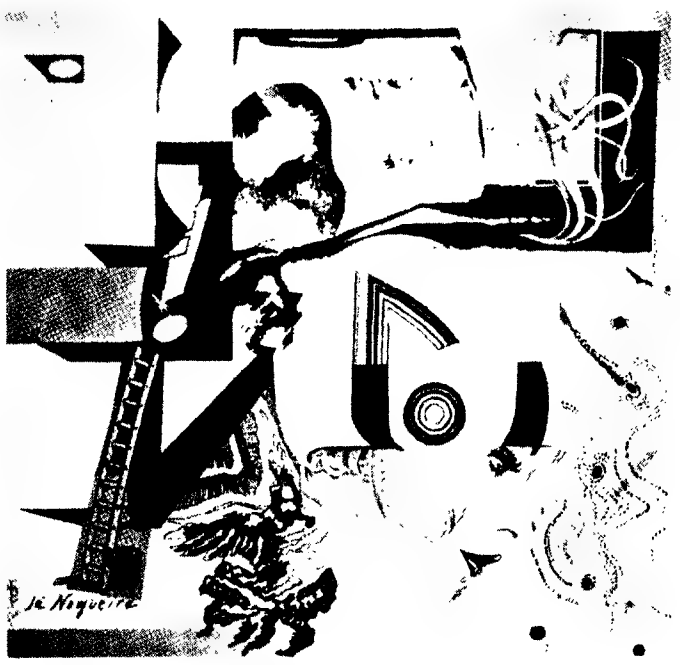
Dos outros «espécimes» que se encontram expostos, destacam-se exemplos que completam esta panorâmica: cruzes, um revólver, diversas fotografias com cenas de família ou a imagem de soldados em comissão no Ultramar, um cinzeiro, etc. Numa redoma protectora, estrutura que envolve grande parte dos elementos expostos, pode mesmo reconhecer-se uma pintura sem representação definida, deposta na horizontal (como se a sua função fosse desconhecida) e em bom estado de conservação...

UMA ARQUEOLOGIA CONTUNDENTE

Torna-se portanto evidente, pelas relações irònicamente estabelecidas neste «museu de achados», que João Dixo, desmontando «arqueològicamente» um passado especioso, faz referências a um presente que nos envolve, à realidade social portuguesa dos nossos dias, conservando alguns elementos que exprimem, de forma directa ou indirecta, uma conjuntura crìticamente delimitada. Apreendida em função de temas dominantes e completada por objectos localizadores, em certa medida simbólicos, essa conjuntura desdobra-se perante o espectador em termos que lhe permitem proceder a uma reconstituição crítica do tempo histórico a que ela se refere e de muitos dos problemas que retratam a sociedade por ela representada. A infância e algumas das tensões formativas que a penetram e que a memória nos devolve; a projecção de uma situação de guerra no quotidiano doméstico, o feiticismo, a saudade e o ritual de um misticismo estreito; a petrificação simbólica de objectos de uso comum, sinais da morte e de uma cultura desfazada; a história breve e prosaica de vidas anónimas, catalogadas no seu destino medíocre e de pequenas comemorações sem grandeza; os retratos de família e os casamentos de província, carnaval romântico de amores ilusórios; o rosto dos emigrantes, dos ausentes, e dos militares em guerra; as pequenas esperanças, as pequenas ilusões, e os actos de um quotidiano cinzento; os objectos ritualistas de um horizonte mental travado por inúmeras opacidades e os produtos raros de uma cultura superior injustificada pelo contexto - tudo isso em suma, constitui o vasto conjunto de relações do pequeno «museu» reunido por João Dixo, perspectiva que conduz a nossa reflexão (ao longo das montras de detritos, de restos de vidas, do mau gosto e da inutilidade __ da inutilização __ dos actos) para uma zona crítica em que a ironia se confunde com uma lúcida amargura.

TAPEÇARIAS DE SÁ NOGUEIRA

M. A. Araújo anota no catálogo da exposição de tapeçarias que Sá Nogueira apresentou na Galeria Interior: «A tapeçaria reviveu bruscamente nas últimas décadas devido ao gosto que os artistas experimentaram em utilizar outros materiais e às solicitações precisas e urgentes da arquitectura que, por seu turno, respondia a uma certa exaltação da parede por parte do público. Recuperada como forma de expressão autónoma quase todos os artistas foram tentados a experimentá-la».



Tapeçaria de SÁ NOGUEIRA

Esta síntese das razões que revitalizaram o interesse pela tapeçaria, quer no plano da sua criação e manufactura, quer ao nível do mercado que a solicita, é correcta mas talvez insuficiente para uma apreciação da proposta de Sá Nogueira. Uma boa parte de tais razões situa-se efectivamente na zona do apelo experimentalista dos artistas, em particular durante e depois da Segunda Guerra Mundial. Mas esse apelo nasceu de um acerto entre o desejo de pesquisas por parte dos artistas e a sua consciência (reencontrada) de operários, a sua humildade reassumida, o seu interesse por uma oficina resistente e afinal de menor refutação. Além disso, e por outro lado, a tapeçaria, recuperada a partir da sua época maior, comportava uma tradição cheia de dignidade e parecia susceptível de suportar uma poética de ressonâncias esperançosas, expressão de um tempo que transportava para a história o sentido da resistência humana e da liberdade. Mais tarde, com a reorganização social, com o estabelecimento de novos padrões de vida e a dilatação do poder económico, a tapeçaria passou a entrar mais directamente num circuito de mercado, ajustando-se a novas relações de produção e respondendo a requisitos ornamentais de natureza mais prosaica. Dos muitos artistas que foram então tentados a experimentá-la (por razões técnicas, estéticas e de mercado) poucos foram os que souberam respeitar a sua verdadeira natureza e as exigências de realização que ela impõe. Depois de uma fase em que a tecelagem convencional foi aceite como campo de experiência e como técnica exemplar, os artistas aperceberam-se de que a tapeçaria era algo mais do que uma resposta sumptuosa e requintada às solicitações crescentes de uma nova forma de vida. Aperceberam-se também (ou portanto) de que já fora excedida a sua fase de recuperação e a hora exacerbada dos grandes temas, dos belos sentimentos e das epopeias a perpetuar.

Mas a agitação criadora dos artistas não se detém: reaprendida a lição dos mestres antigos, era preciso, em face das modificações imprecisas do presente, refazer em novos termos de pesquisa o corpo da tapeçaria __ aventura aliciante que a mão ajuda a percorrer, estudo e aplicação de novas matérias, realização de novas tramas, descoberta do valor expressivo das técnicas de tecelagem, instauração provocatória de novas formas, evocativa e afirmativamente ligadas (ou ainda ligadas) à extensão e à presença da parede.

UMA EXPERIÊNCIA (ORTODOXA E HETERODOXA)

Sá Nogueira, em relação à tapeçaria, não entra por inteiro naquela aventura, não se coloca na posição dos investigadores actuais, não procura penetrar no domínio das transformações técnicas, desinteressando-se portanto da reconversão do universo físico que constitui esta arte. A ordem de problemas que o pintor trata situa-se noutro plano, está mais perto da pintura, e apenas se ajusta indirectamente à realidade intrínseca da tapeçaria, ao seu processo de formação, às especiais características do material e das técnicas do material e das técnicas que a realizam. Sá Nogueira conforma-se com o efeito da tecelagem convencional (neste caso a de Portalegre) e espera apenas que o excepcional apuramento da manufactura lhe reproduza a proposta dos seus cartões. Quer dizer: o pintor serve-se de um meio técnico que a fábrica desenvolve sem desvios, ordeiramente, e cujos resultados ele conhece o bastante para que possa contar com poucos imprevistos de interpretação. Daí a sua confiança em apresentar aos técnicos e operários de Portalegre cartões processados à base da colagem (montagens de recortes) sob uma aparência plástica que òbviamente escapa à qualidade visual da tapeçaria. A passagem destes cartões para a realização em tear é quase por inteiro remetida à responsabilidade da Manufactura de Portalegre __ e tudo o que se integra nas colagens (as nuances, os efeitos fotográficos, as texturas gráficas) sofre uma simples transferência para um material novo (a lã), adquirindo uma dignidade e uma unidade imprevistas, a nobreza e o efeito macio característicos da tapeçaria ortodoxa.

As dez tapeçarias apresentadas na Galeria Interior, ao contrário do que acontecia com a produção mais recuada de Sá Nogueira neste domínio, apontam para uma linha de representação (ou de representações) que decorre directamente da problemática abordada pelo autor no campo da pintura. Em certa medida, estas peças são quadros transferidos laboriosamente para a realidade física e visual da tapeçaria. Após uma recolha de elementos gráficos e fotográficos que se referem ao mundo urbano __ à moda, à publicidade, à decoração, aos adereços e ao ritual de uma vida profundamente condicionada __ Sá Nogueira procede a uma montagem humoral e súbtil de novos planos de relação, de novas sequências significantes, desenvolvendo em superfície um espectáculo em que o sentido do decorativo se exacerba pela ironia. Violando a tapeçaria no domínio dos seus valores tradicionais, recusando os léxicos que fàcilmente se identificam neste tipo de linguagem, o autor fixa-se apenas numa técnica que é ortodoxa, fixa-se no próprio virtuosismo do artesão, mas introduzindo no espaço da obra uma imagística __ uma temática __ que o espectador não está preparado para prever no domínio em referência. A própria colagem, o próprio sentido pictórico das «passagens», adquirem então uma intencionalidade invulgar __ porque contrariam ostensivamente as características habituais do **ornamento** que a tapeçaria convencional propõe. Apesar disso, Sá Nogueira não corta todas as ligações com esse campo assim violado: ele conserva o respeito pelo sentido parietal do objecto tecido e associa ao tratamento do tema um conjunto de elementos figurativos cuja «anatomia» evoca indirectamente muitas das formas típicas das épocas mais representativas da tapeçaria.

ELEMENTOS PARA U DA "NOVA CANÇÃO E UMA CARTA (EN AOS RESPECTIVOS

Os factos e personagens que a seguir se referem são (demasiado) reais e não resultam da (falta de) imaginação do autor. Qualquer semelhança ou identificação com os factos ou personagens conhecidos é, portanto, mera (e intencional) coincidência. Do mesmo modo, a ortografia de certas palavras, com a devida vénia aos puristas e todo o respeit devido aos professores de língua materna (em gera e a alguns em particular), sofreu alterações po parte do supracitado autor — e provàvelmente algu mas mais por parte dos (assoberbados) composito res (tipográficos), aos quais, desde já, o (excessiva mente) citado autor agradece a boa-vontade.

Glossário
(Elementos para um)

ANÁLISE — Algo a que deve um dia ser submetida a produção literário-musical de circunstância dos últimos anos, o que não é o objectivo fundamental destas notas por ela se afigurar de momento impossível e ineficaz perante a «promocionite» aguda e desbragada que por este reino da baladolândia vem grassando, com grande cópia de vítimas entre Hautores, Hintérpretes e Estimado Público — tornando-se urgente canalizar todas as (pouco numerosas) forças e unidades encefálicas para a desmi(s)tificação pronta, ainda que com eventual prejuízo da frieza que a uma tal análise deveria assistir — que não da objectividade (essa estará sempre presente, tanto quanto humano permite).

ARRANJO (Ar-rangido) — Ver mais adiante ORQUESTRASSOM (e depois meditar antes de passar à acção, que pode ser a de comprar um pífaro de barro e um tambor de papelão na quermesse mais próxima).

BALADA — Originàriamente, uma «canção para bailar», que se desenvolve durante a época trovadoresca e sofre alterações diversas no período da Ars Nova francesa e italiana, passando a ter em regra um estribilho, por vezes cantado em coro: ulteriormente, toma o carácter de uma composição épico-narrativa, cultivada por poetas como Goethe e Schiller e por músicos como Schubert e Schumann, sob a forma de várias estrofes para voz com acompanhamento de piano.

Por via popular, a balada foi entretanto cultivada em vários países da Europa Ocidental, nomeadamente em França (onde deu origem à canção parisiense, de que temos exemplos em Ferré e Brassens) e na Inglaterra e Irlanda, de onde foi levada para a América do Norte, aí vindo a ser cutivada, mais recentemente, por Woody Guthrie, Pete Seeger, Joan Baez e Bob Dylan, entre outros; torna-se uma das formas da «folke-song» que o disco divulga em todo o mundo, exercendo influências diversas na canção de vários países, numa fase em que as tradições musicais populares dos mesmos mais se apagavam por resultado do enorme incremento dos meios de comunicação de massas... etc... etc...

BA(DA)LADA — Balada à portuguesa, com ou sem todos — consoante é apresentada com acompanhamento de guitarra (viola) seca ou cozinhada com arranjos diversos.

BA(DA)LADEIRO — Aquele que comete ba(da)ladas: Hautores, Hintérpretes, Ar-rangentes, Sequazes múltiplos (com excepções, como por exemplo um jovem estudante de Coimbra, José Afonso de sua graça, que na companha de um amigo (Rui Pato) muito gostava de cantar (e nós às vezes de o ouvir). Nota à margem (mas não muito): Quem estragou o José Afonso?

CIRCUNSTÂNCIA (Canção de) — Género literário-musical que, a partir da balada, se desenvolveu no sentido de projectar a(s) experiência(s) do(s) seu(s) autor(es), que, inquieto(s) com os problemas levantados pela sua inserção num determinado contexto socio-económico-político-cultural, tenta(m), por essa via, agir no dito contexto, ainda que, ípeço fáqueto, se marginalize(m), temporária ou definitivamente.

CIRCUNSTÂNCIAS (Canção fruto das) — Género híbrido em cuja composição participam elementos tais como: textos retóricos, músicas com estrutura em sólidó, instrumentos primitivos ou (muito) electrónicos —, gravadores de (pelo menos) oito pistas, édecétara. Exemplo (...) Preencher a gosto (Safa! que gostos!).

CRÍTICA (destrutiva) — Única atitude possível para aquele que disponha de uma informação especializada (ligeiramente) superior à média do estimado público nesta sociedade de consumição — o que se torna fonte de particular incómodo psicossomático para o dito quando está relacionado (i. e., mantém relações de amizade) com alguns dos intervenientes no processo que é objecto dessa crítica, ou sujeito a ela (ou vítima da mesma), pois que dessa ocorrência brota uma infinidade de tranquibérnias que era bom (OH! quanto) poder evitar — mas não há volta a dar-lhe...

EDITORES (de discos) — Indivíduos que se conglomeram em suciadades comer-ciais com o objectivo (declarado) de ganhar dinheiro graças à edição dos discos preferidos dos estimados radiouvintes, e também com o objectivo (oculto — mas com um gigantesco rabo de fora) de obrigar os mesmos passivos ouvintes (que agradecem) a preferir os discos que eles vão tendo para vender; para o que não hesitam em pintar-se da cor que mais se adapta às circunstâncias de momento, as quais exploram subsequentemente com evidente oportunismo e manifesta falta de sentido das proporções (ainda que haja excepções, pelo menos uma, os Arquivos Sonoros Portugueses — mas cuidado, Michel (Giacometti, pois), com sociedades mais ou menos anónimas!...

EMIGRAÇÃO — Factor muito importante — e de autêntica origem económica —, não só da recente evolução socio-económica, mas também do aparecimento de uma nova faceta cultural propagandeada, por exemplo, pela canção de circunstância (OH YEAH!) e pela canção fruto das circunstâncias (Ié-Ié-Ié-Iéé!); neste último caso, ba(da)ladeiros múltiplos, aquém e além fronteiras, bombardeiam os próprios indígenas que nós todos sémos com os seus cadôs musicais, preparados durante as suas vacanças, o que vai guarnecer as suas folhas de peia, permitindo-lhes uma acomodação mais confortável à sociedade de con-sumação, R. I. P.!

FOLCLORE — Ver RAÍZES FOLCLÓRICAS (ao som de um disco do António Correia de Oliveira). Depois meditar.

MISTIFICAÇÃO (e seus agentes) — Processo de origem publicitária que, gabando ao respeitável con-sumidor as virtudes (inexistentes) de um determinado produto, — nomeadamente através de «campanhas de promoção» — tem por objectivo penetrar insidiosamente (vias sensoriais) até ao complexo-simplexo (riscar o que não interessa) sistema nervoso central de cada um (se possível de todos, mas isso é que já se torna mais difícil) para aí activar as molinhas (que terminologia!) in-sub-conscientes que vão desencadear (vias motoras, claro) o processo GLORIOOSO: COMPRAR! (discos de «canção nova», por exemplo). Este processo tem além disso a suprema vantagem de deixar o con-sumidor na bemaventurança de julgar que está a contribuir para a edificação de uma nova escala de valores (o que até, Hélas!, é verdade), a mais justa (isso agora!) mantendo-se ao mesmo tempo «na brecha» (o mesmo ou melhor é dizer «na bicha»: (o senhor que se segue — este já cá canta!»). Esta maquina(ção) é accionada por agentes diversos; no caso que nos interessa (?), editores de discos, vendedores dos ditos, jornalistas amigos dos supracitados (editores, não discos), emissores de rádio (ou responsáveis por eles, que os emissores pròpriamente ditos não têm culpa nenhuma, já ouviram falar da querela entre o progresso técnico e o idem moral?), tele-emissoras (...s ?) e... os con-sumidores própa ditos («Os nossos clientes. são os nossos melhores vendedores!»).

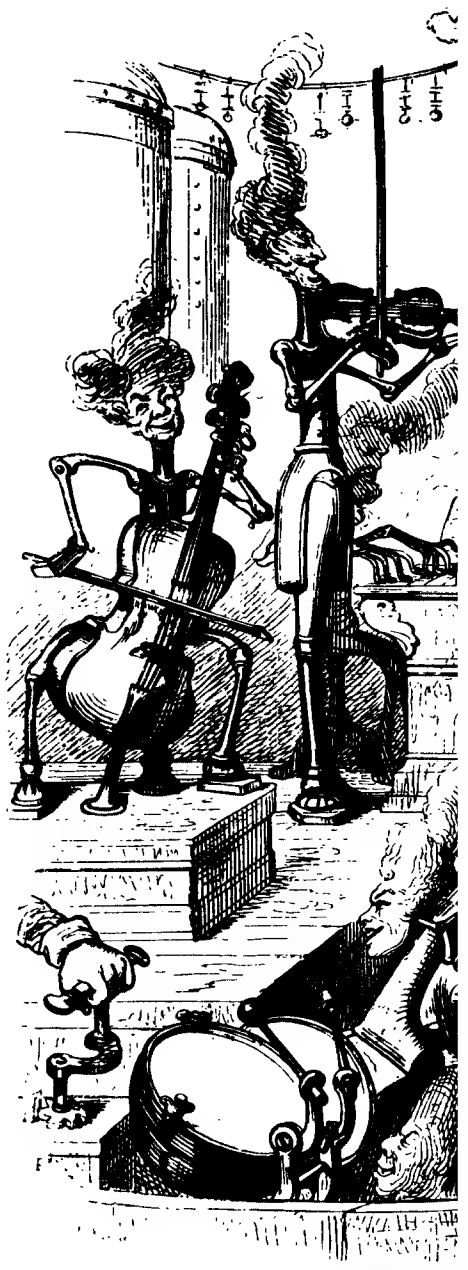
(Atenção: sugerimos uma nova leitura deste item, em que nada é gratuito (apesar das aparências) e onde até há uma palavra estrangeira e um trocadilho repetido (não muito original), igualmente de origem gaulesa — Nota do Tradutor).

MITIFICAÇÃO — Um dos corolários do processo acima descrito, com particulares incidências no sector musical (?) desta sociedade da cultura de ouvido. Consequências mais frequentes: agitação frenética (ainda que temporária) da caixa registadora dos mistifeditores, com rápida saturação dos estimados ouvintes, seguida da inevitável e pronta substituição do mito exaurido — e repetição do ciclo.

MITO (exemplo recente de um) — José Mário Branco (Ou de como se passa de baladeiro (Cantigas de Amigo) a ba(da)ladeiro, e se torna impossível, em face das circunstâncias, valorizar o (pouco) que há de bom na sua produção e é forçoso realçar o (muito) mau que lá se acha — objectiva e enèrgicamente, e mesmo assim...).

ORQUESTRASSOM — Variedade de orquestração que se refere à (mala) arte de cozinhar a «ba(da)lada à portuguesa com todos», cuja receita a seguir se transcreve, tal qual foi possível reconstituí-la através dos restos de cozinha que, sem escavar muito, por todo o lado se encontram: — Juntem-se vários rapazes (e raparigas, se se preferir picante) bem-avontadados, num estúdio prèviamente aquecido em banho mariazinha; no centro, um ba(da)ladeiro Hautor-Hintérprete, que cantará a melodia com acompanhamento de metrónomo de pilhas; vão-se acrescentando lentamente diversos sons (de preferência produzidos por instrumentos electrónicos) e misture-se tudo num gravador de 88 pistas até se esconder o texto (que funciona como pedra do caldo); depois sirva-se, com acompanhamento de publicidade, guarnecido por fotografias (de preferência tiradas com grande angular); prato muito apreciado em certos vértices e outras órbitas, este tipo de ORQUESTRASSOM toma por vezes também o nome de «ar-rangido» e os que a ela se entregam são «ar-rangentes».

PERCURSO (exemplo de um) — Belo Marques/Thilo Krassmann/José Mário Branco.



Desenho de Grandville

RAÍZES FOLCLÓRICAS — Plantam-se (no novo), regam-se (com sumo de transistor e depois colhe-se (a ba(da)lada). Depois de «refinado», este produto VENDE-SE!! É também utilizado como fermento (via pilhinhas) e, por vezes, exportado (representa actualmente 0,002% do rendimento bruto nacional).

SEBASTIÃO — Nome predestinado na nossa tradição poético-musical, desde que um certo Sebastião, Dão de profissão, se perdeu; a partir desse dia, o mesmo aparece regularmente (quer faça nevoeiro, chuva ou sol) em poemas, cantigas e cantiguinhas, baladas e ba(da)ladas, com particular frequência durante os últimos anos. (Exemplos desditosos diversos, entre os quais um mil cento e onze, ba(da)ladeiros esparsos e, muito, muito, recentemente, nova aparição num Nevoeiro do José Mário Branco — por sinal até é a melhor canção do mesmo suporte de acetato, e tem justamente como

M GLOSSÁRIO
O" PORTUGUESA
NTRE)ABERTA
S HAUTORES

Por JORGE CONSTANTE PEREIRA

(«O concerto a vapor»)

maior defeito, sem falar (falando) de algumas influências mal assimiladas do Lopes Graça das «canções heróicas e outras», o facto de permitir a citada aparição do Sebastião; de resto, já o tínhamos encontrado em tempos — seria o mesmo? — numa cantiguinha popular. Se é mesmo indispensável perpetuar a tradição do nosso Sebastião através da canção, então, porque não, tentar pelo menos, mudar para o Carvalho e Melo—para variar?

TRADIÇÃO — Adubo químico utilizado no cultivo das raízes folclóricas supra-focadas, É curioso ver como os nossos (?) ba(da)ladeiros, tão empenhados numa expressão poético-musical «actual» e «actuante», com «incidência nas circunstâncias do aqui e do agora», se preocupam tanto com a «tradição musical portuguesa» — que, como é óbvio, se refere a circunstâncias e momentos do passado... Mais curioso ainda é ver esses ba(da)ladeiros perderem-se nos meandros e recessos da mesma «tradição» (pois que nunca se deram ao trabalho de a explorar verdadeiramente) e acabarem (isso era muita sorte!) por cair em outros tantos meandros e recessos de «tradições» alheias (folk-song, bossa nova, canção parisiense), ainda menos exploradas.

ZÉ — Forma de, com um salto, terminar este (doloroso) GLOSSÁRIO, forçosamente incompleto (mas que pode ser continuado pelo leitor activo — e masoquista).

Carta (entre)aberta aos hautores em geral E ao José Mário Branco em particular

Caro Zé Mário: Caros Hautores em geral:

As vossas canções (umas mais ba(da)ladas, outras menos) são uma projecção das vossas vivências e do vosso «enraizamento»no seio da comunidade a que pertenceis? — Talvez sejam.

Serão essas vivências e esse «enraizamento» suficientemente articulados por uma reflexão aprofundada para que se tornem dignos de ser projectados na mesma comunidade? — Bom... talvez... um pouco... em certos casos...

A forma que essa projecção reveste, poética e musicalmente, será a mais adequada — e duma qualidade tal que lhes permita, sequer, um desempenho cabal da sua função? — Aqui, varrem-se as dúvidas: Não! Porque o vosso domínio dos meios não está à altura das vossas pretensões, dos fins que dizem querer atingir.

Que meios? — Um texto que resista a pelo menos duas leituras; um suporte idóneo, que se articule com o texto do ponto de vista da prosódia e da rítmica (já para não falar da questão das estruturas harmónicas, que o sólido passa bem, obrigado); um acompanhamento instrumental que participe significativamente no todo; e, finalmente, uma interpretação que seja (pelo menos) clara.

Não serão estes aspectos de uma suficiente complexidade para que nos devamos debruçar calmamente sobre eles antes de afirmar, por exemplo, que «a canção portuguesa passa a dividir-se em dois períodos: antes e depois de José Mário Branco»? (Não será «ipsis verbis», mas a ideia é esta).

Também não creio que seja a interpretação, portanto têm de ser os arranjos. — Os arranjos? Com essa utilização injustificável, estruturalmente ou mesmo apenas «expressamente», de uma miscelânea de timbres (produzidos no teu disco por nada menos que 17 instrumentos diferentes) que se conjugam (?) para nos sugerir uma imagem terrível: um snack do Porto (materiais em excesso utilizados segundo formas velhas, em combinações dispersivas e antifuncionais, com superabundância de clichés e asfixia do essencial)!

Se querias evitar que outros estraguem as tuas canções com ar-rang'dos, deverias ter sabido não ser ar-rangente — e, em qualquer

Continua na pág. sete

O riso é o alimento dos pobres
RABELAIS

PROBLEMA NÚMERO UM: DE COMO PODE NASCER UMA FLOR À BEIRA DO PÂNTANO

Neste rectângulo à beira mar plantado, muitos são os exemplos de como o terreno é fértil para a explosão da ópera bufa, ou, pelo menos, de um comportamento típico de uma tal estética e que permita justapor o INDIGENA a certos fenómenos, como, por exemplo

O PRÉMIO GULBENKIAN DE COMPOSIÇÃO

Foi este ano entregue à compositora Maria de Lourdes Martins, pela sua obra coral-sinfónica «Litoral», baseada em textos do defunto José de Almada-Negreiros. Esta autora já nos havia anteriormente fornecido outra obra premiada («O Encoberto») sobre texto de Fernando Pessoa, obra esta que nos permite sentir a felicidade que teve Fernando Pessoa, morrendo antes de a ter ouvido. Obra esta que alia a mediocridade nacional, fàcilmente reconhecida no estereotipismo da escrita, ao sentimento épico e balofo próprio de uma dona de casa comovida e que lhe permite envernizar a mobília, mesmo se esta estiver podre. Ora, poderemos aventar o seguinte raciocínio: se, em iguais circunstâncias, o fenómeno se pode repetir, se este se repete, as circunstâncias provam a falência do sistema e o suborno da louvável intenção de premiar a actividade da criação musical. Poderíamos ainda formular uma suspeita (oxalá me engane e peço desde já desculpa de me atrever a tal pensamento): dado que a autora é funcionária da organização, sem grandes rasgos de actividade ou originalidade, e a soma do prémio é atractiva, não estará a fundação a fazer um bom investimento?

AS GUERRAS DO ALECRIM E DA MANGERONA

Outra veneranda instituição - o Teatro Nacional de São Carlos - montou há semanas as «Guerras do Alecrim e Mangerona», obra com texto de António José da Silva e música de António Teixeira. Ópera Bufa do século XVIII, perfeitamente funcional na época, logo bem enraízada e com os elementos importados devidamente refeitos. Foi aliás o primeiro e satisfatório sintoma da Ópera Bufa em Portugal, exactamente por isto: revelador químico de um comportamento autêntico em situações estereotipadas.

Tal não aconteceu nesta nova montagem em que a benfazeja instituição resolveu estragar tudo, como aliás seria próprio e inevitável. Da Guerra do Alecrim e da Mangerona se fez uma guerra fria em que as autoridades responsáveis mais se preocupam em anestesiar a partitura e o texto do que levá-los a efeito. As culpas cabem acima de todos ao malogrado encenador (Tomaz Ribas) que, ao tentar amplificar o teatro com fantoches, (para que foi escrito originalmente em 1737) para teatro com pessoas, localizou estràbicamente a propriedade jocosa em certos fetiches provincianos, co-

mo o estrado, o rebuscamento e espalhafato gratuitos das falas e gestos à moda do teatro nacional-radio-fónico, etc. Isto implicava consequentemente uma deformação do ritmo do espectáculo que se iria verificar na castração da partitura musical. Ou seja, a adopção, pelo Maestro (Filipe de Sousa), de um tempo arrastado, anestesiava a relativa virulência da música de António Teixeira. Esta partitura, bastante interessante, continha, desde **pastiches** de Pergolesi bem mastigados, até certos pormenores instrumentais grotescos, especialmente nos ataques e ornamentos, e também figurações melódicas típicas do fado corrido. Isto, no entanto, só se revelaria com uma distribuição menos homogénea do ritmo, da música e da cena.

VERIFICAÇÃO DO QUE SOFRE O INDIGENA NOS DIVERSOS CASOS E DO SEU FINGIMENTO OU DE COMO NÃO SE PODE SER SÉRIO E QUAL A POSSIVEL ETIQUETA

Nota bem: Quando digo não se pode ser sério, é porque não duvido das melhores intenções que animam o indígena neste vale de lágrimas.

CASO I

Neste caso verificamos como o indígena, que, como as avezinhas canoras, têm o poder de organizar o som, vai cantar para a gaiola (Fundação Gulbenkian) obrigando-se assim aos deveres da casa, a nacional mediocridade. Verifica-se ainda e mais de uma vez a monopolização da música pela Fundação, cada vez mais se assemelhando esta a um aviário. Bem-aventurados aqueles que tiverem asas, porque deles é o reino dos céus.

CASO II

Neste caso verifica-se a extrema dificuldade que há em fazer humor. Para tentar explicá-lo ficamos num terrível dilema, pois não sabemos se será provocada por impotência ou por menopausa.

Este caso é grave, porque os fantoches nos merecem mais respeito que a fundação Gulbenkian, e todos os seus galináceos. (Quando digo galináceos não é gratuitamente, uma vez que o fenómeno «criação», em Portugal, tanto se pode aplicar à criação musical como à criação de galinhas). Mas, voltando atrás, um fantoche é: **um boneco que é manipulado.** Portanto o jocoso, a **buffonnerie** da Ópera Bufa está nas relações manipulador-manipulado e todo o isolamento dos elementos jocosos resulta estéril.

Veremos no próximo número qual a etiqueta desta personagem - «o bufo» -; qual a maneira mais saborosa de fazer humor, dentro das relações manipulador-manipulado; e qual o modo de tornar funcional esse humor. Ou seja: oficializar um monstro, sem que este perca a dentadura.

JOSÉ ALBERTO GIL

O PASSADO É O NOSSO PRESENTE

Continuação da página um

da qual Manuel de Oliveira extraíu a intriga do seu filme.

Já sei de quem a tivesse atirado para o cesto dos papéis. Já sei de quem escreveu, em tiragem de vários milhares, que «a peça era genial». E esquecida.

Vamos lá a ver.

Dizer bem dum cineasta não obriga, necessàriamente, a dizer mal ou bem das obras que eles adaptam.

O resultado fílmico é que está (e nada mais) em jogo.

Eu não escreveria que a peça (estou a ver o que aconteceria se ela fosse encenada **em teatro**) é genial. Teria antes a opinião que é muito talentosa a escolha que Manuel de Oliveira **fez** da peça para os fins irónicos que se propõe com o seu filme.

Registei várias opiniões «quando as luzes se acenderam». E, depois das primeiras delicadezas sem as quais não sabemos emperrar devidamente uma conversa, as pessoas reagiam como aquelas senhoras que se vêem ao espelho e, não gostando da cara que ele mostra, pretendem não ser elas mas outras.

Ora bem. Não arrisco nada a dizer que as personagens de o **«Passado e o Presente»** são ridículas (até mesmo, pelo seu ar digno, Noémia e o amante ex-marido, sempre silencioso). O pior é que o filme é também ridículo.

O pior? Ou o melhor?

Sejamos lógicos. Qualquer realizador banal trataria o ridículo de determinadas personagens com um filme sério. Não Manuel de Oliveira. Ele leva a lógica até às últimas consequências. Ele faz sobre gente ridícula — um filme mais ridículo ainda, tratado com laivos de farsa e apontamentos de humor negro — já que não há nada mais negro do que o negro.

Mas os opositores, virtude nacional, não desistem fàcilmente. E, com sorridente benevolência, alvitram: «Desculpa, mas o filme é mesmo uma pessegada. O resto é imaginação, é ver o que lá não está...»

Ou outra técnica:

«O PASSADO E O PRESENTE»: um gozo ao mau filme que temos sido

«E se **isto** fosse um gozo aos maus filmes portugueses? Então seria admirável.»

Muito bem. Encontrámo-nos. Precisamente isso. **«O Passado e o Presente»**, que tem coisas duma provocação magnífica, é um gozo ao «mau filme» duma certa sociedade provinciana que teima em ser cosmopolita por saber marcas de carros e a um certo tipo de vida que se julga sofisticada só porque o acefalismo das suas gazelas se veste bem.

«O Passado e o Presente» é um gozo ao mau filme que temos sido, obcecados pelo culto do passado e fazendo presente desse passado, convencidos como estamos que D. Sebastião aparecerá em Vila Franca de Xira, ao volante dum Lancia, com o problema dos 7$50 da portagem já resolvido.

Três casais e um amigo comum (traduzo: pessoa amável que deseja dormir com as mulheres dos outros) proporcionam a Manuel de Oliveira o mais grotesco dos filmes ridículos e o mais amargo dos filmes amargos — quando parámos de rir.

E, no meio da galhofa e do drama inventado para os amigos verem, que abismo na separação das classes sociais (serão do nosso tempo criadinhas de touca; motoristas respeitadores e malandrões com as da sua igualha; vénias; salamaleques; abre-portão; fecha-portão; jardineiros «voyeurs»?), que imobilismo no tempo, que culto pelo ultrapassado, que insistência no vazio sonoro dos nomes bem, que distância da verdadeira vida, que crédito à dignidade dentro da neurastenia!

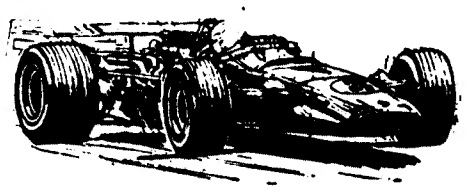
Que mau filme da imitação da existência! Falem-me também dos maus actores da tela que tão bem personificam os maus actores que somos/ eles são na vida.

O caixão está lá fora. Mas o caixão passa, eles ficam.

E para já — é só.

CRONOGRAFO
CAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

EXIJA A MARCA CAUNY GRAVADA NA COROA E NA PARTE EXTERIOR DA CAIXA

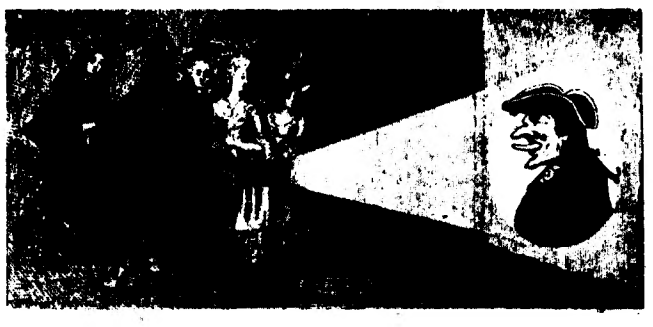


ANTICHOC - RESISTENTE 100% IMPERMEÁVEL

TOYOTA
EMPILHADORES
eléctricos a gás e a diesel
SALVADOR CAETANO, SARL
VILA N. GAIA—
Quilómetro 1, E. N. 222
Tels.: 9820753 e 9820992
LISBOA —
Av. da República, 45, 7.º-Esq.º
Tels.: 76 21 33 e 77 32 88
SONARTE TOT EMP 6

TOYOTA uma força nova para a indústria

Do outro lado da tela



O MENSAGEIRO
Realização de Joseph Losey
Vox

Corre-que-corre, rapazinho de recados é «agente de ligação» entre os amores (que se sabem mas que não se toleram) de bela senhora e lavrador rude. O cenário é o campo inglês na doçura dum verão eduardino, aquilo a que alguém chamou «a derradeira explosão de esplendor» antes de Agosto de 1914.

Já como em **Acidente**, Losey (e Pinter) contam esta história de hipócrisia e de desmantelamento das relações humanas com uma objectividade magnificente. Um filme duma beleza dominadora.

GIMME SHELTER
Realização de Albert e David Maysles
Berna

O maior espectáculo do mundo.

300 000 pessoas assistindo a um concerto rock.

Executantes: Os Rolling Stones, comportando-se como semi-deuses. Os Hell Angels de S. Francisco abrindo caminho de motocicletas pesadas através duma massa humana ululante. Local: Altamont, California, U. S. A.

Quatro mortes, das quais vemos uma: um Hell Angel esfaqueia mortalmente um negro vestido de verde que puxou duma pistola. E o temporal da vida, a excitação, a dimensão mercurial duma música que fêz história.

Um pedaço inolvidável de **cinéma-verité**. Como a ensinar-nos que as coisas nunca voltarão a ser as mesmas. Uma América em que tudo é movimento: jacto, helicóptero, «pullman», auto-estrada. O mundo antes e depois dos Rolling Stones. O melhor do género.

TEMPOS MODERNOS
Realização de Charlie Chaplin
Satélite

Hora e meia que abalou o Cinema. Irònicamente, neste tempo de tecnocratas, o filme e mais actual do que nunca. Sa e apalavra genial não fosse tantas vezes ao bordel era a que empregaríamos para designar uma obra cuja mensagem está longe de desaparecer e cujo estilo consagra a economia e a secura narrativa, a imobilidade majestosa da câmara de que só são capazes os grandes mestres. Filme para ver com a alma e... bons dias!,

O GENERAL DELLA ROVERE
Realização de Roberto Rossellini
Liz

Finalmente. Esta secura tremenda, esta objectividade da câmara esconde uma emoção profunda. Um filme, uma obra-prima dùma simplicidade que funciona sempre. Sica aldrabão e escroque reconhece numa prisão italiana dirigida por um coronel SS que a formação duma consciência pode ser implacável. Os últimos dias do fascismo em 1944/5 e as primeiras horas do acender duma dignidade: Sica, palhaço napolitano, assume até ao fim a personalidade falsificada do general Della Rovere e morre encostado a uma parede dando um viva a um rei que iria durar meses. O filme mostra que o fascismo **existiu**.

Obrigatório ver.

J. V. P.

Folhetim-artístico de José-Augusto França

NA MORTE DE SANTOS SIMÕES

A morte de J.M. Santos Simões foi uma grande perda para a cultura portuguesa. Frase de circunstância que me repugna escrever, tão malbaratada tem sido.

Mas acrescento que foi irreparável essa perda, tão grande e tão irreparável ela na verdade foi.

Tantas vezes, neste meu clamor-em-deserto, tenho pretendido chamar a atenção para o estado de aniquilamento a que chegou a historiografia da arte em Portugal, que não o faço agora. Apenas adiciono significativamente o nome de Santos Simões aos nomes daqueles que nos últimos cinco anos desapareceram, levando eles todos para a cova a historiografia que individualmente eram: Mário Chicó, Reys Santos, Reynaldo dos Santos, Armando Vieira Santos...

Santos Simões **era o azulejo;** era-o mesmo, numa identificação propositada. Mas não era só isso, e nisso também punha uma qualidade científica que não pode ser negligenciada.

«Pintura do pobre», - nunca Santos Simões concordou que o fosse o azulejo, em cordiais discussões comigo, concordando embora que os pobres em questão (os nossos antepassados dos séculos XVII e XVIII) outra não tinham. Por a não terem, ele recusava a classificação pejorativa como absurda ou mal agradecida... Tinha decerto razão, não por cegueira de especialista mas por bom senso de homem de cultura; a minha razão (que a terei também) inscreve-se noutro contexto cultural, não mais mas **de outro modo** exigente.

Também o interesse de Santos Simões pelo azulejo não vinha de uma estreiteza de horizontes nacionalizados: era ele homem de grande mundo, formado tècnicamente em Inglaterra, estagiado na Europa Central, viajante de todos os continentes, à vontade em todos os círculos. O seu interesse, de grande altura cultural e de grande desembaraço mental.era o de um especialista amante dos seus estudos e sem as ilusões que os amadorismos provocam. Nas suas mãos, uma arte menor, ou subsidiária, funcionava culturalmente como um elemento valioso para o entendimento científico de uma problemática estética - e é isso que importa fixar a seu propósito.

Fixando também que a especialização, para Santos Simões, era um ponto de vista dinâmico que lhe permita largas explorações no campo da pintura, da escultura, da arquitectura, tanto como das artes decorativas. E era também, um tanto irònicamente, uma excelente desculpa para se manter arredado de uma historiografia nacional empírica, emocional e polémica, reservando-se para mais sérias actividades que o seu profissionalismo exigia.

Insistimos nesse profissionalismo. Na verdade Santos Simões era engenheiro têxtil, mas podia ter sido doutor se quisesse. Esteve, de resto, a caminho de sê-lo, ao fim de um curso brilhante na Faculdade de Letras de Coimbra. A morte precoce de Aarão de Lacerda que dele faria seu assistente e seu sucessor, e a morte do seu próprio pai, com os choques que lhe provocaram no espírito, levaram-no a desistir do curso -.e da carreira.

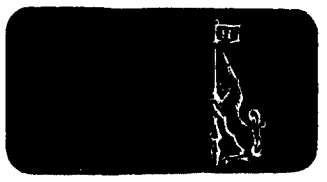
A qual carreira, a ter-se processado, definir-se-ia certamente num plano único, em Portugal. Santos Simões poderia ter feito escola: partido dum eruditismo de marca nacional, ele teria sido capaz, como professor, de se situar num verdadeiro plano universitário, criativo e impulsionador.

A obra que a Fundação Gulbenkian e só ela lhe permitiu realizar, este notável «Corpus» do azulejo português que foi saindo, volume após volume, é um trabalho exaustivo duma brigada que o seu saber e a sua extraordinária capacidade de trabalho dirigiam e impeliam. E também um trabalho único em Portugal.

Santos Simões trabalhava sempre em entusiasmo - mas reflectidamente, como um verdadeiro e raríssimo «profissional», sem brilhantismos fáceis nem manias de beneditino. Sem se integrar em correntes modernas de historiografia da arte, só muito recentemente definidas nos centros culturais, a sua consciência sociológica e antropológica delas o aproximava - historiador de transição, talvez, de qualquer modo, historiador científico e exemplar a muitos títulos.

...Mas Santos Simões era ainda um homem de grandes curiosidades culturais e de uma erudição prodigiosa que uma prodigiosa memória servia. Ouvi-o, na Universidade de Columbia, em Nova York, espantar os historiadores brasileiros com uma comunicação minuciosa sobre a arquitectura do ferro no Brasil - inventariado engenho após engenho; aplaudi-o no Museu de Artes Decorativas de Paris ao falar quase duas horas sobre a história do azulejo, apoiado apenas em meia dúzia de notas; viajei com ele através dos Estados Unidos, confiado cegamente na sua intuição de estradas mais do que complicadas; «encomendei-lhe», anos atrás, no quadro do Curso de Formação Artística da S.N.B.A., uma cadeira de «História do Gosto» que estruturou e satisfez, como ninguém mais saberia fazer entre nós; ouvi-o falar longamente sobre moinhos, dentro duma ciência histórica que ele próprio internacionalizou e baptizou de «molinologia»; escutei-lhe, boquiaberto, detalhadas explicações da prática da pesca da baleia, no famoso museu de New Bedford - pois que pescador de baleias até fora, na juventude...; vi-o fazer, numa convalescença, cuidados índices remissivos do «Ilustrated London News»; soube dele, «grand seigneur» quase mítico, no Tomar de há trinta anos ou fundador do Sky Club de Portugal; observei-o, há semanas apenas, nas actividades de organização dum grande colóquio sobre azulejaria, nas salas da Fundação Gulbenkian, grande êxito de cultura e verdadeira diplomacia...

E nunca lhe ouvi uma queixa.



Elementos para um glossário da "nova canção" portuguesa

Continuação da pagina cinco

circunstância, não tornar rangentes as canções dos outros, que foi o que fizeste ao José Afonso; parece por demais evidente que a voz e as canções do José Afonso são incompatíveis com o tratamento pseudo-qualquer-coisa a que as submeteste.

Senhores Hautores Em Geral, não riam que muito mal lhes fica; se o José Mário Branco permitiu que a sua experiência de emigrante se deteriorasse por acção das próprias circunstâncias que a autenticavam, forçoso é reconhecer que, no vosso caso, nada havia que se pudesse deteriorar — porque ou já era mau de início, ou não era vosso. Inclinar-me-ia, quanto a vós, para silêncio (Oh, que bom se fosse o vosso silêncio!) se não se tornasse impossivel deixar de considerar os vossos «casos» (quanto às suas implicações socioculturais», se não fosse necessário falar do vosso «enraizamento».

Serão as vossas canções efectivamente de circunstância — ou antes meras ba(da)ladas que as circunstâncias arrastam ou condicionam a seu bel-prazer? Aqueles que estiverem interessados em (e a tempo de) se situarem criticamente no meio social ao qual dizem não quererem acomodar-se, poderão encontrar resposta (uma das) para esta questão no estudo dum fenómeno a que foi dado o nome de «camp cultur». Admitamos que ainda possam contar-se entre estes Francisco Fanhais (que canta poemas retóricos da Sophia M. B. Andresen e canções «tipo Brel» como as Pobres Solteironas), Manuel Freire (que bebe no Michel Legrand para musicar a Pedra Filosofal de Gedeão—que está longe de funcionar como querem fazer-nos crer e de ser dos melhores poemas do Gedeão e até admira que o Aznavour ainda não lhe tenha pegado para grande deleite das leitoras da «Elle» e outras «Marie Claire» —), António Correia de Oliveira (que, com o José Niza tenta encontrar nas quadras do António Aleixo a pertinência que não consegue com a música). Não se referem estes considerandos a Sérgio Godinho—por virtude de «Romance de um Dia na Estrada» e de um certo espírito que perpassa nos seus textos (e nas suas interpretações, claro) e que nos permite admitir que haja uma porta aberta para... E também porque Sérgio Godinho não é (ainda) fulcro de nenhum processo mistificador nesta sociedade de consumpção. Não se dirigem (os supraditos considerandos) ao José Afonso, — e não é por via do seu último disco-fracasso que se deve concluir que o José Afonso já nunca mais é o José Afonso. De resto, talvez até possa isso servir-lhe (poderá?) para evitar novos fracassos.

Esperando não ter de voltar a estas colunas pelo mesmo motivo, fecho parafraseando o Sérgio Godinho (cf. disco citado):

«Se esta carta não vos agradou...»

JORGE CONSTANTE PEREIRA

NOVIDADES LITERÁRIAS

Colecção Documentos de Todos os Tempos

JACQUES DE LAUNAY

AS GRANDES CONTROVÉRSIAS DA HISTÓRIA MODERNA—1789-1914

Valioso e atraente estudo sobre um dos períodos mais conturbados e férteis em desígnios misteriosos da história da humanidade.

85$00

Nova Colecção Ilustrada de JÚLIO VERNE

O CAMINHO DA FRANÇA

A emocionante narrativa do capitão de cavalaria, reformado, Natalis Delpierre, que bem poderia chamar-se «História de Uma Licença Gozada na Alemanha!»

Desenhos da edição original francesa

de GEORGE ROUX

25$00

Colecção Histórias Selecção

E. HOFFMANN

CONTOS FANTÁSTICOS

Uma série de histórias plenas da fantasia e humor escritas pelo mais lido dos autores românticos alemães.

250 ilustrações: 45$00

LIVRARIA BERTRAND

APARTADO 37 — AMADORA

literogramas

TITULO: **OS MUROS DO ASILO**
AUTOR: **ROGER GENTIS**
TRADUTOR: **ÁLVARO VIANA**
EDITOR: **PORTUCALENSE EDITORA**
N.º PAGS: **100**
PREÇO: **30$00**

PSIQUIATRIA

Comecemos por notar que se trata do primeiro livro de crítica aos hospitais psiquiátricos e aos métodos da psiquiatria que se publica em Portugal. Donde, para já, a sua importância.

Os Muros dos Asilos é um pequeno livro-panfleto marcadamente descritivo; o autor parte da análise do que é a «doença mental» nas suas estreitas relações com a sociedade e com a instituição psiquiátrica, para depois nos descrever como se vive nos hospícios, as relações que no seu interior se estabelecem entre os doentes e os médicos, e entre estes e os enfermeiros, dos quais destaca o papel do enfermeiro-chefe; R. Gentis insiste em que esta última reflecte a distinção entre o saber e a ignorância, fundamental para o funcionamento da instituição psiquiátrica.

O livro tem algumas páginas interessantes, mas breves e superficiais, sobre o modo como o **doente mental** é feito: pela família, pelo psquiatra, pelo hospital, e sobre o comportamento do homem (dito) são face à loucura, focando assim um dos problemas a que os movimentos anti-psiquiátricos têm dado decisiva importância. O que importa pôr hoje em questão é a atitude colectiva face à **doença mental** assim como o saber instituído que dela nos protege; entrar num hospital psiquiátrico é, definitivamente em muitos casos, aceitar os muros que justificam e definem o **doente mental** e lhe impossibilitam a sua relação com a verdade: será no mutismo, como no delírio, que ela se cristalizará.

Pelos factos e problemas para que aponta, este livro insere-se claramente na actual problemática anti-psiquiátrica, mas com um interesse quase só documental, pois o autor não chega a esboçar qualquer tipo de intervenção teórica; esta é a razão maior da sua fragilidade, que nas últimas páginas é especialmente evidente.

Algo fica, no entanto, claro: que, como diz Cooper, «a violência **na** psiquiatria é a violência **da** psiquiatria».

M. M. C.

TITULO: **MEMÓRIA**
AUTOR: **ÁLVARO GUERRA**
EDITOR: **ED. ESTAMPA, LISBOA, 1971**
COLECÇÃO: **NOVAS DIRECÇÕES**
N.º PAGS: **138**

COMO ANGÚSTIA...

(1) Memória: faculdade de reter imagens, ideias ou noções; lembrança.

(2) Memória: apontamentos para lembrança; dissertação.

(3) «Memória», de A. Guerra: a convergência dos dois planos referenciais do vocábulo; a convergência necessária e **terrível** duma aparente divergência temática - guerra, amor, morte, cosmopolitismo, nacionalidade - e discursiva - lírica, narrativa - na reconstituição/destruição duma experiência havida, **terrível** à mesma potência.

Porque este livro trata duma **verdadeira** procura dum tempo (perdido? ganho?), duma memória que se regista (para lembrar? para esquecer?). A memória de **um momento** (expressão fulcral num dos capítulos da obra) cuja significação se exige, cujo funcionamento se procura, tanto no plano individual, como no do grupo social mais abrangente, que tal **momento,** nesse ou noutro momento, mais ou menos imediatamente, igualmente compromete.

Nesse intuito, o ensaio dum automatismo como a melhor tradução do outro automatismo que a angustiante vivência experimentada **de facto** exigiu - a única e necessária possibilidade de salvaguarda; o ensaio, ainda, dum desequilíbrio entre os vários níveis de expressão, na tentativa, quanto a nós bem conseguida, duma restituição (como se fosse, por **mimesis**) do desequilíbrio sentido a quando dessa mesma experiência.

Um livro notável, sem dúvida alguma. Um livro a ler **com cuidado.** Que vale pela promessa do que fatalmente, mais tarde ou mais cedo, acaba por revelar-nos quanto à **memória** em denúncia. E que no cerne dessa revelação está a angústia de a sua expressão ser a única adequada ao projecto subjacente. Aqui e agora.

Mas que, por isso mesmo, pode muito bem prestar-se a irresponsáveis especulações **bufónicas** sobre estilo. Como já foi aliás o caso. Porque a angústia também é capaz de ser necessária na leitura de «Memória» de Alvaro Guerra; como a que provàvelmente ditou o teor nesta breve nota. E mais não digo.

F. C. M.

TITULO: **O PERCEVEJO**
AUTOR: **MAIAKOWSKI**
TRADUÇÃO: **ALEXANDRE O'NEILL (REVISÃO)**
EDITOR: **ED. PRESENÇA, LISBOA, 1972**
PREÇO: **30$00**

ROENDO... ROENDO...

Ou: um eléctrico chamado desejo. Assim, o amor embarca em condições precárias mas ele vai, nas calmas, beber uma bica ao Jardim do Verão. Conhece a força das palavras. Também das ultimas, antes do frio do gatilho, da bala certeira: **Como é costume dizer-se/ «o caso está arrumado»/ a canoa do amor/ espatifou-se contra o dia-a-dia/ Tenho as contas feitas com a vida/ É inútil voltar a rever/ tristezas/ infelicidades e as culpas recíprocas/ Sejam felizes!**

De punhos cerrados, a todo o vapor, escandalosamente diferente das engrenagens burocráticas, tentou Maiakowski todas as saídas/ entradas: a poesia e o cinema; os cartazes e os jornais; o **meeting** e a propaganda; o desenho e a militância. E também o teatro.. Por exemplo: este texto, comédia feérica, 1928, **O Percevejo**, agora em segunda edição portuguesa.

O importante do texto e do que está subjacente: a actualidade de uma linguagem carregada de sinais francamente atirados para a frente, para o futuro; o vigor e a raiva de um poeta em movimento, avançando contra a instalação crescente de apeadeiros; a condenação do fácil oportunismo; a recusa sistemática de posições tradicionais, de um comodismo mascarado com roupagens progressistas.

O **Percevejo**. Pois. Resistindo, após cinquenta anos, em salas assépticas. Roendo madeiras e corpos. Corroendo os costumes. Um ser de outras eras (leia-se: um homem) junta-se ao verme na jaula do Jardim Zoológico, Quem quer ver os bichos? Venham daí todos! Um pacote de amendoins para os macaquinhos! Mas, de que lado é a jaula? De que lado é a rua? São servidos?

E. G. C.

TITULO: **ACOMA — N.º 1 — JAN/ABRIL DE 1971**
EDITOR: **FRANÇOIS MASPERO**
DIRECTOR: **ÉDOUARD GLISSANT**
N.º PAGS: **138**
PREÇO: **49$00**

NO GUME DE FACA

Para quem se interessa pelos problemas do terceiro mundo, em especial nos aspectos que estes problemas assumem nas três américas, a livraria François Maspero, através do «serviço de periódicos» (44, Rue Vieille-du-Temple, Paris 4) começou a editar uma revista cuja redacção se situa em ACOMA, km 1,500 da estrada Didier, Fort-de-France, Martinique.

ACOMA, título, endereço, é também um símbolo: na capa uma citação de J. B. du Tertre, Histoire Naturele des Antilles, funciona também como chave para uma atitude (explícita) e um programa (implícito).

«A ACOMA é uma das mais robustas e mais altas árvores do país... É notável o facto de muito tempo depois de ter sido cortada o cerne permanecer ainda tão húmido e cheio de seiva como se tivesse acabado de ser derrubada.»

A parte mais importante do sumário do primeiro número, agora em distribuição em Lisboa, é constituída por artigos assinados pelos membros do «Grupo de Investigação»: Estruturas de grupos e tensões de grupos na Martinica; Os conflitos raciais considerados como derivativos das lutas de classe nas Antilhas; A evolução da economia açucareira na Martinica; Fundamentos socio-históricos do desequilíbrio mental.

Trabalhos colectivos apresentados por um dos componentes do «Grupo de Investigação», seguido de discussão.

Artigo pessoal de H. Corbin: **A literatura negra dos U.S.A.** (I).

O sumário do segundo número trata da revolução chilena, de **Folklore, exotismo, conhecimento** (Suvélor), **Teatro, consciência do povo** (Glissant), **A literatura negra dos U.S.A.** (II), **Papel das universidades negras na sociedade americana** (discussão com estudantes norte-americanos).

Duas observações:

1 - Como é possível em Fort-de-France uma revista com este nível?

O facto de ser editada em França não diminui em nada a dimensão surpreendente.

2 - Os problemas da Martinica são os problemas de todos os povos situados no gume de faca do terceiro mundo. O «Grupo de Investigação» tenta assumir essa universalidade. Maspero oferece o caminho para a sua efectivação.

COROLÁRIO: Quem está a fazer encontra sempre um meio.

J. M.

TITULO: **COLÓQUIO/LETRAS — N.º 5 — JANEIRO DE 1972**
DIRECTORES: **HERNÂNI CIDADE E JACINTO DO PRADO COELHO**
PREÇO: **25$00**

Independentemente das opiniões aqui já expressas sobre a revista COLÓQUIO/LETRAS (que de momento e para o essencial se não vislumbra poderem sofrer alterações), cumpre-nos ir assinalando o que de importante se vai passando na revista e que, de certo modo, a começa a dinamizar.

De assinalar, para já, a passagem da sua publicação para bimestral devido, segundo se diz, ao **interesse que tem despertado quer em Portugal quer no Brasil.**

Em segundo lugar, é igualmente de referir o **movimento** que se vai tentando imprimir à secção NOTAS E COMENTÁRIOS, através da publicação de textos polémicos ou de interesse mais imediato. Assinalamo-lo com agrado na medida em que, inicialmente, a revista se definira como **não polémica**.

Assim, neste número, publica essa secção um corajoso texto de Maria Vitalina Leal de Matos, intitulado **Jorge de Sena e os números de OS LUSÍADAS no qual se esboça um comentário ao livro «A Estrutura de «Os Lusíadas» e Outros Estudos Camonianos e de Pesia Peninsular do Século XVI** e se aponta, com bastante justeza e desenvoltura, o carácter impressionista em que se quedam algumas das análises de Jorge de Sena. Tal impressionismo é particularmente evidente na primeira parte deste livro em que o **delírio interpretativo** de Jorge de Sena o conduz, não raras vezes, a conclusões perfeitamente arbitrárias. Assim, todo o ensaio que constitui a primeira parte deste livro se organiza em torno de uma afirmação, sem dúvida que renovadora, brilhante, apontando para uma nova interpretação do poema de Camões mas, como muito bem demonstra Maria Vitalina Leal de Matos, **carecida de desenvolvimento, infuficientemente apoiada, de modo nenhum demonstrada**, apesar dos **exercícios** numéricos em que Sena se vai detendo e que, diga-se de passagem, se mostram a maior parte das vezes perfeitamente insignificantes.

Além desta, mantém a revista outras secções: DOCUMENTOS, FICÇÃO, POESIA (na qual se incluem desta vez dois poemas de Manuel de Castro), CARTAS, CRÍTICAS DE LIVROS (em que se vai praticando uma crítica transigente, cordata, bem comportada, valorizando em excesso, a maior parte das vezes, obras que dificílmente suportariam a análise mais elementar).

N.M.

A C Adriano de Carvalho • C P Carlos Porto
E G C Eduardo Guerra Carneiro • E P C Eduardo Prado Coelho • F C M Fernando Correia Marques
F L S Fernando Luso Soares • J V P Jose Vaz Pereira • J M Julio Moreira • M M C Manuel Maria Carrilho • N J Nuno Judice • N M Nelson de Matos • V S T Vitor Silva Tavares